

www.etm.com.br

CADERNOS

DO TERCEIRO MUNDO

R\$ 6,00



226



NOVO MILÊNIO VELHOS SONHOS

A humanidade realiza fantásticos avanços na ciência, mas não consegue dar respostas às necessidades básicas da maior parte da população do planeta

EXCLUSIVO

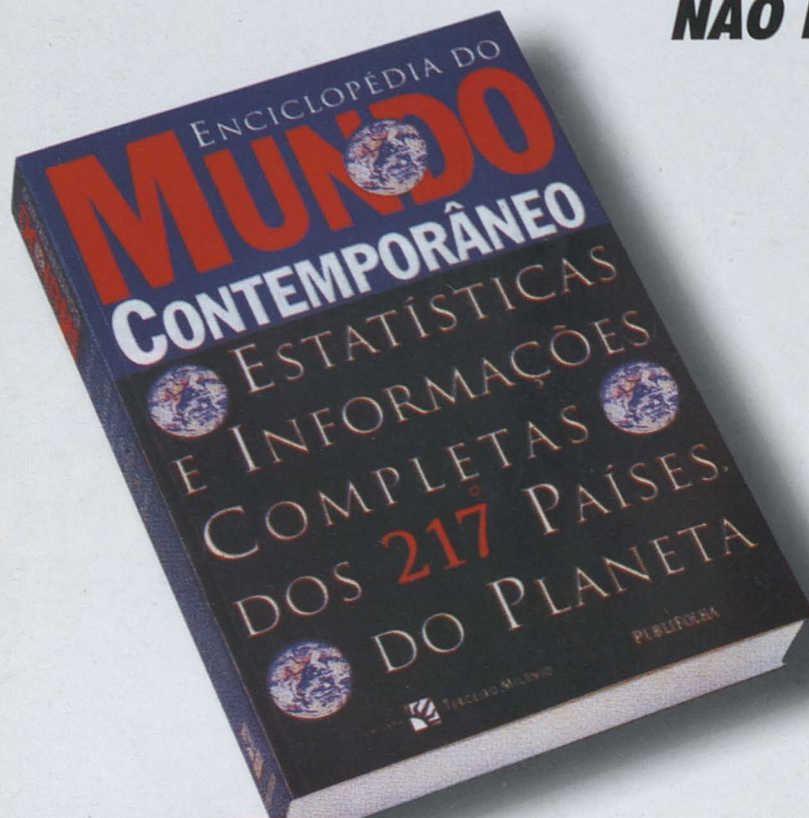
Ivan Lins

PANAMÁ

Terroristas
anticastristas
vão a julgamento

A ENCICLOPÉDIA DO NOVO MILÊNIO

NÃO PERCA ESTA OFERTA !



Preço normal: R\$ 54,00
Promoção: R\$ 33,00*

* Frete não incluído

A Enciclopédia do Mundo Contemporâneo é um livro completo e atualizado sobre os 217 países do planeta em pleno fim de milênio. São 628 páginas com um panorama da história, sociedade, economia e organização política de cada país. Mais de 220 mapas, estatísticas e análise dos grandes problemas contemporâneos. Uma fonte de consulta indispensável para estudantes e profissionais de todas as áreas.

ASSINE QUALQUER UMA DAS NOSSAS REVISTAS:

- CADERNOS
- MERCOSUL
- ECOLOGIA

E COMPRE A ENCICLOPÉDIA COM **DESCONTO DE R\$21,00.**

PREÇO NORMAL DA ASSINATURA COM A ENCICLOPÉDIA: **R\$126,00**

PREÇO PROMOCIONAL À VISTA: **R\$ 105,00**

Tel.: (0xx21) 221-7511

Se preferir faça o seu pedido por Fax:

Fax: (0xx21) 252-8455

Ou pela Internet:

e-mail: etm@etm.com.br
www.etm.com.br

EDITORA



TERCEIRO MILÊNIO

PUBLIFOLHA

O claro e o escuro

Esta edição leva ao leitor uma reflexão sobre os novos tempos, que, simbolicamente, são introduzidos pelo século XXI e pelo terceiro milênio.

A cada ano, a celebração do Natal e as festas de Ano Novo nos remetem a mais um início: nascimento físico ou um tempo diferente para a vida. Por isso, este período está dominado pela terminologia da renovação. Ela nos leva, por exemplo, a dizer romper o ano, a exaltar o vigor da árvore que frutifica e a colocar a criança - a promessa - no centro dos acontecimentos. E a inundar tudo de muita luz, piscante como a das estrelas. O ser humano busca a mudança, acredita que é possível alcançar o novo.

É o que também se chama de esperança. Através dos tempos, dos muitos milênios de uma trajetória desigualmente ascendente, ele vem construindo, com esperança, sociedades perpassadas por intenções boas e freqüentes más ações.

O balanço do segundo milênio da Era Cristã não poderia, por isso mesmo, deixar de apresentar contas contraditórias - inacreditáveis superávits produzidos pela inteligência, ao lado de déficits de indignar, oriundos dos sentimentos incertos. Formam a contabilidade que a Humanidade arrasta para o novo século e o novo milênio.

A arca do tesouro é, assim, também um inventário de compromissos incompletos, de débitos seculares. Neste novo limiar, ao lado das fronteiras da tecnologia, que remetem o homem tanto às estrelas, quanto ao íntimo dos átomos, persistem insuficiências injustificáveis: a fome que cresce, a doença que aumenta, o abandono, a desigualdade com força de lei imutável e como justificativa para extenso quadro de injustiças.

Esta reflexão forma a matéria de capa, mas está presente também nas demais reportagens que nos falam do momento, seja do Brasil ou do resto do mundo. Em cada uma, flagra-se o esforço de avanço contra a injustiça, uma aposta na vitória do bem contra o mal tão renitente e sábio. Porque o problema parece ser este: o mal é sabido. E ousado.

O novo milênio começa, assim, como termina o velho: em meio aos desafios de tornar o mundo mais humano. Para tanto, a ferramenta essencial ainda não desapareceu - a antiga, mas sempre verde esperança continua a insuflar, como vento camarada, as velas do inquieto navegante que toda noite sonha com a volta ao paraíso, do qual, no início dos tempos, se deixou expulsar.

A você, leitor, um século mais iluminado.

Os editores

CADERNOS

DO TERCEIRO MUNDO

ISSN 0101-7993

Nº 226 - Nov / Dez 2000

EDITORA



TERCEIRO MILENIO

Rua Conde de Lages, 44 - Grupos: 508/510 - CEP 20241-080 - Lapa - Rio de Janeiro - RJ - Brasil

Tel: (0 XX 21) 221-7511 - Fax: (0 XX 21) 252-8455

E-mail: etm@etm.com.br - Internet: <http://www.etm.com.br>

Publicação com informação e análise das realidades dos países emergentes

FUNDADOR: Neiva Moreira

DIRETORA: Beatriz Bissio

DIRETOR-ADJUNTO: Pablo Piacentini

EDITOR: Procópio Mineiro

CONSULTORES: Darcy Ribeiro (in memoriam)
Henry Pease Garcia (Peru), Eduardo Galeano
(Uruguai) e Juan Somavia (Chile)

DEPTO DE ASSINATURAS:

Tel: (0XX 21) 221-7511 Fax: (0 XX 21) 252-8455

E-mail: Assinaturas@etm.com.br

Pagamentos: Cheque nominal à Editora Terceiro Milênio e todos os cartões de crédito

NÚMEROS ATRASADOS: Ao preço do último exemplar, desde que disponível no estoque. Solicitar envio ao Departamento de Assinaturas, acrescentando 30% ao valor do pedido para postagem ou adquiri-los diretamente na sede da Editora, no Rio de Janeiro.

PUBLICIDADE:

São Paulo: J.R. Comunicação e Publicidade Rua Paulo Ribeiro Coelho, 594 - Butantã - SP - 05374-000 - Tel/Fax. (011) 810-4541/5828

Belo Horizonte: KSD publicidade Ltda. Rua Rio Grande do Sul, 756 / 808 - MG Cep 30170-110 - Tel: (0XX31) 335-9628

DISTRIBUIÇÃO:

BRASIL: Fernando Chinaglia - Tel: (021) 575-7766

URUGUAI: Kiosko Salvador, Av. 18 de Julio y Paraguay, teléfono: 901-5459

FOTOS: José Barros de Amarante, Agence France Presse (AFP) e CEDOC.

CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO utiliza os serviços da: ANGOP (Angola), AIM (Moçambique), INA (Irã), IPS (Inter Press Service), SHIHATA (Tanzânia), WAFA (Palestina), e a rede de agências dos Países Não-Alinhados.

Filiada à **ANER**

Palestina

Lendo a matéria de capa "Banho de Sangue", em **cadernos** nº 224, fui tomado de grande indignação pela maneira como foi encaminhado o assunto. A reportagem foi altamente tendenciosa, defendendo de forma explícita um dos lados do conflito. Uma revista com o gabarito e a categoria de **cadernos do terceiro mundo** não pode servir de palco para a disseminação das idéias anti-semitas da sra. Beatriz Bissio, que acaba por influenciar os milhares de leitores ao invés de colocá-los em contato com o assunto e deixar que tirem suas próprias idéias e conclusões.

No conflito da Palestina, não existe um único culpado ou uma única vítima, ambos os lados são ao mesmo tempo culpados e vítimas. Dezenas de anos de conflito deixam marcas profundas, difíceis de cicatrizar. O que precisamos na Palestina são de líderes fortes que consigam unir seus povos no sentido da tão almejada paz.

Roberto Macedo Júnior
Por correio eletrônico

Resposta da Redação:

Lamento que o nosso leitor Roberto Macedo Junior não tenha lido a nossa matéria com o seu espírito despojado de preconceito. Nos mais de vinte anos que visito o Oriente Médio e escrevo sobre a política da região, nunca fui movida por sentimentos anti-semitas. Muito pelo contrário, como ser humano, sinto uma imensa dor no coração ao comprovar que os israelenses vivem há décadas vítimas de uma espiral de violência após terem sofrido as perseguições por todos conhecidas na Segunda Guerra Mundial.

Mas é impossível desconhecer os fatos. Se o leitor prestar bem atenção na minha matéria, ela nada mais é do que uma concatenação de fatos. Quando se aspira a construir a paz - como tenho a convicção de que é o sentimento de grande parte da sociedade israelense - é necessário ir à origem da violência. Os palestinos estão reagindo à violência do

Estado israelense, que descumpriu todos os acordos internacionais, o último deles assinado em Oslo, por parte de Israel, por Yitshak Rabin, que pagou com a sua vida por isso, nas mãos de um fanático judeu, e segundo o qual o Estado palestino deveria ter sido proclamado ainda em 1999! E é só olhar para o balanço do número de vítimas dos mais recentes confrontos - nos mais de 330 mortos, mais de 300 são palestinos, para compreender que se trata de uma luta de forças muito desigual. Confio plenamente em que, apesar das trágicas circunstâncias do presente, palestinos e israelenses, ambos povos de grandes merecimentos, deverão encontrar os caminhos da convivência pacífica numa região que está destinada a ser chave nas relações entre Ocidente e Oriente.



João do Vale

Acabo de receber o número 224, e li imediatamente toda a revista. Cumprimentos pela linha editorial e pela qualidade. Vocês vão direto para o céu. São uns anjos. Num mar de tanta lama e cooptação, vocês são o símbolo de que é possível fazer uma imprensa diferente. A revista tem sido de grande utilidade para nós. Nossos formadores a utilizam nas escolas. Muito obrigado. Continuem sempre assim. Em especial quero cumprimentar a vocês por uma matéria do outro número, sobre João do Vale. Tenho feito intensa propaganda do artista. Nós o consideramos, no MST, o maior poeta, camponês, negro, pobre, do Brasil contemporâneo, e infelizmente está esquecido. Que bom que vocês estão ajudando a revigorá-lo para nossa juventude.

João Pedro Stedile
Movimento dos Trabalhadores
Rurais Sem Terra - MST
São Paulo - SP

Saneamento

Quero enviar, a todos aqueles que fazem a revista **cadernos do terceiro mundo**, os meus parabéns pela sua qualidade e dizer que sinto uma grande satisfação em ser um dos seus assinantes. Tenho indicado a muitos dos meus amigos essa magnífica revista, inclusive utilizando aquela promoção de indicar um amigo. Não sei se tem surtido efeito, espero que sim.

No número 224 da revista, seção Planalto, foi publicada uma notícia sob o título "Brasil precisa de saneamento básico", em que é citado o alarme causado ao senador Lúcio Alcântara (PSDB-CE) pela ausência de uma política eficiente para o setor. Mais adiante, o senador critica o fato de que "o montante aplicado mostra-se aquém do que seria necessário para atender às necessidades da população". Parabéns ao senador, pois a sua preocupação é, também, a de todos os brasileiros esclarecidos. Mas, ao mesmo tempo, causa-me estranheza que esta preocupação parta de um senador pertencente a um partido político que faz parte das bases de sustentação parlamentar dos governos federal e do estado do Ceará, que são co-responsáveis, cada um dentro de sua jurisdição, por esta situação que tanto alarma o senador.

Então eu fico pensando se o senador Lúcio Alcântara está desencantado com os governos dos Srs. Fernando Henrique Cardoso e Tasso Jereissati, como está a maioria dos brasileiros e fortalezenses, ou está, simplesmente, adotando um discurso demagógico, que o ajude a pular dessa nau naufragada em que se transformou o governo do Sr. Fernando Henrique Cardoso. Ah..., como é difícil adivinhar o que se passa no interior das mentes humanas!

Fernando José, por correio eletrônico

EDITORA  TERCEIRO MILÊNIO

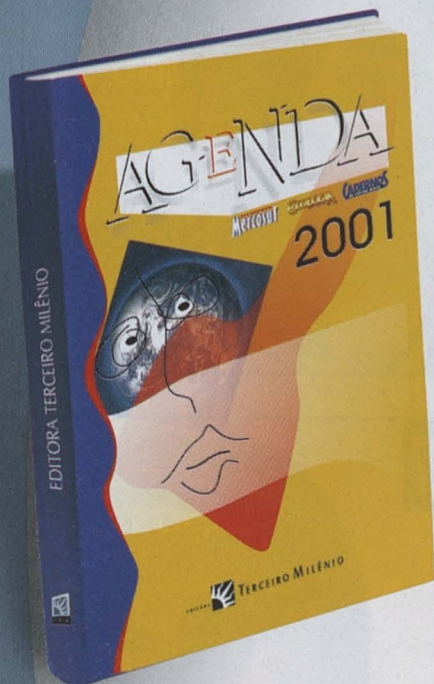
Cadernos do Terceiro Mundo
Seção Cartas

Rua Conde de Lages, 44 - Gr. 508 a 510
Lapa - Rio de Janeiro - RJ - CEP 20241-080

e-mail: etm@etm.com.br

Lançamentos 2001

Produtos de qualidade ETM



Você que é fã da revista Ecologia e Desenvolvimento agora pode levar para casa os novos lançamentos da ETM: Agenda para 2001, camisetas e chaveiros com motivos ecológicos. Todos eles a preços promocionais até o final do ano. Faça já o seu pedido!

Agenda: Cód. 1001-A - R\$17,90
Tamanho 20cm x 13cm - 380 páginas

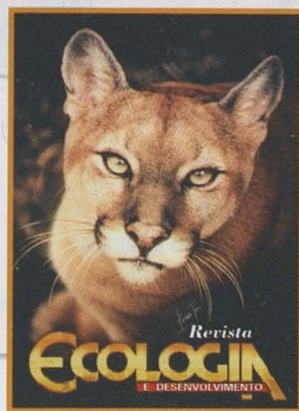
Além dos dados usuais de uma Agenda, enriquecemos o calendário de 2001 destacando datas de importantes acontecimentos, em sua maioria, do século XX, e registrando citações que ficaram para a eternidade



Chaveiro: Cód. 1002-C
R\$8,90
Acabamento em couro



EDITORA
TERCEIRO
MILÊNIO



Camiseta Adulto/Estampa Suçuarana:
Malha de qualidade (Tipo 30.1)
Tamanho Único

- Preto - Cód. 1003-P - R\$21,90
- Branco - Cód. 1004-B - R\$16,90

PREENCHA ESTE CUPOM E ENVIE

CÓDIGOS	V. Unitário X QUANT.	SUB-TOTAL	FRETE*	TOTAL
Cód. 1001 - A	R\$ 17,90	R\$	R\$	R\$
Cód. 1002 - C	R\$ 8,90	R\$	R\$	R\$
Cód. 1003 - P	R\$ 21,90	R\$	R\$	R\$
Cód. 1004 - B	R\$ 16,90	R\$	R\$	R\$

Rua Conde de Lages, 44 - Gr. 508 a 510 - Lapa
20241-080 - Rio de Janeiro - RJ - Brasil
Tel.: (55 XX 21) 221-7511 - Fax: (55 XX 21) 252-8455
e-mail: etm@etm.com.br - Internet: www.etm.com.br

Nome: _____ Bairro: _____
Endereço: _____ Dt. Nascimento: _____
Profissão: _____ Estado: _____ CEP: _____
Cidade: _____ Estado: _____ CEP: _____
Tel.: _____ Fax: _____ E-mail: _____

Assinale a forma de pagamento de seu pedido:
 Cheque(s) nominal(is) à Editora Terceiro Milênio Ltda. em anexo
 Autorizo débito no meu cartão pelo valor total de R\$ _____

Cartão Validade até ____ / ____ / ____

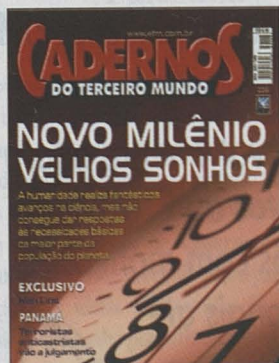
_____ Data ____ / ____ / ____
Aceitamos todos os cartões de crédito, sem parcelamento (inclusive em cheque)

* O FRETE DE R\$ 2,50 será cobrado a cada duas unidades, e o prazo máximo de entrega é de 30 dias. Consulte a tabela de fretes em nosso site.

Assinatura do comprador

Sumário

Nov / Dez • 2000 • Nº 226 • Ano XXVI



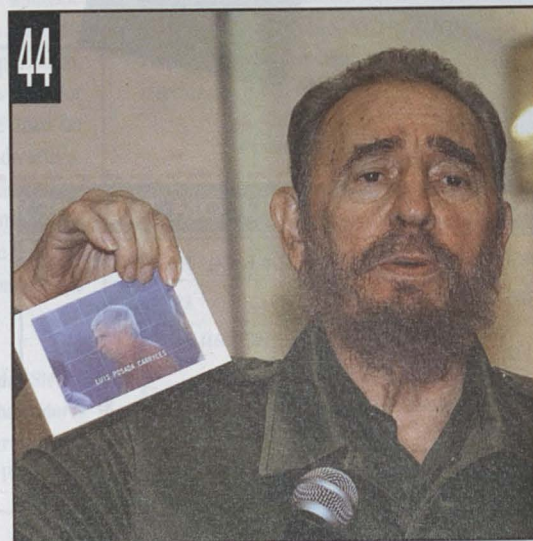
- 2 **CARTAS**
- 6 **PLANALTO**
- 9 **PANORAMA NACIONAL**
- 23 **FRASES**

BRASIL/CULTURA

- 24 **A música de Ivan Lins**
Perto de completar 30 anos de carreira, o cantor e compositor começa a ver sua obra cada vez mais admirada no Brasil e no exterior

BRASIL/HISTÓRIA

- 27 **Brasil 500 sob o olhar feminino**
Projeto ambicioso agrupa 900 nomes que resgatam as mulheres como sujeitos da história do Brasil nesses 500 anos
- 30 **LIVROS**
- 32 **PANORAMA ECONÔMICO**
- 36 **PANORAMA INTERNACIONAL**
- 42 **GENTE**



MAIS UM MILÊNIO EM BUSCA DA HUMANIDADE

Criativo e infatigável, o homem leva para o novo tempo anseios não realizados e preocupações não respondidas na busca da construção de um mundo mais igualitário

12

Capa

AMÉRICA LATINA/PANAMÁ

- 44 **Complô desbaratado**
Terroristas cubanos serão julgados no Panamá, por planejarem um novo atentado contra Fidel Castro, durante a Conferência Ibero-Americana

ÁFRICA/ANGOLA

- 48 **"A guerra está no fim"**
Professor e ex-ministro angolano aponta fase de desenvolvimento

BRASIL/ÁFRICA

- 50 **A dura vida no Rio**
Os angolanos, maioria entre os quase dois mil refugiados no Brasil, lutam para se integrar ao país, apesar do preconceito que enfrentam

EUROPA/ECONOMIA

- 52 **Em direção à América Latina**
A União Européia volta seus interesses para os países latino-americanos

CIÊNCIA/GENÉTICA

- 54 **Mundo de raça única**
O conceito de raça não corresponde, em nossa espécie, a nenhuma realidade, embora muitos ainda fomentem o racismo invocando a ciência

POLÍTICA/EUROPA

- 56 **Corrupção ameaça democracias**
Tanto em países de Primeiro quanto de Terceiro Mundo, a corrupção avança

Sucessão no Congresso agita Câmara e Senado

As eleições para a presidência da Câmara e do Senado agitam gabinetes e corredores das duas casas que compõem o Congresso. Para ocupar o lugar de Michel Temer (PMDB-SP), que ao final do mandato, em fevereiro, terá presidido a Câmara por quatro anos, concorrem quatro candidatos: Inocêncio Oliveira (PFL-PE), que já dirigiu a casa, Aécio Neves (PSDB-MG), Severino Cavalcanti (PPB-PE), atual corregedor-geral da Câmara, e Valdemar Costa Neto (PL-SP).

Sem exceção, os quatro candidatos garantem, nos seus cartazes espalhados pela Câmara e nos discursos feitos em plenário, o empenho pela total in-

dependência do Legislativo. Embora a disputa de votos seja intensa, não há agressões entre os candidatos.

Já no Senado, a sucessão de Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) vem se desenrolando em clima de confronto. O próprio presidente do Senado se encarregou de torpedear a candidatura do líder do PMDB na casa, Jáder Barbalho (PA). Desde o início do ano, ACM ameaça apresentar documentos envolvendo o nome de Barbalho em corrupções, acusando-o de enriquecimento ilícito. O líder peemedebista não deixa por menos e faz acusações semelhantes.

No meio da disputa, o ex-



Foto: Antônio Cruz - ABR

Deputado Inocêncio Oliveira



Foto: Victor Soares - ABR

Deputado Aécio Neves

presidente da República, José Sarney (PMDB-AC) surge como tertius e vem conquistando votos, inclusive de adversários históricos. Sarney quer ser candidato de consenso e tenta atenuar a troca de acusações entre Jáder e ACM. Antonio Carlos, nas suas acusações, já atingiu inclusive o presidente da República, dizendo que Fernando

Henrique Cardoso é "tolerante" com a corrupção.

Com base nas acusações feitas em plenário, os partidos de oposição apresentaram requerimento para que o Conselho de Ética e Decoro Parlamentar tome providências para a apuração das denúncias.

As eleições acontecem em fevereiro.

Convenção da OIT

A Comissão de Constituição e Justiça do Senado aprovou o relatório do senador Romeu Tuma (PFL-SP) favorável à aprovação da Convenção da Organização Internacional do Trabalho (OIT), relativa aos povos indígenas em países independentes.

A Convenção, que foi adotada em 1989 pela Conferência Internacional do Trabalho, reconhece os direitos de propriedade e posse das terras às nações indígenas. No seu relatório, Tuma afirma que, "embora a Constituição brasileira reconheça aos índios os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, estabeleceu que o domínio é da União". O senador paulista diz ainda em seu relatório que os índios têm direito aos recursos naturais existentes em seus territórios.

De acordo com a Convenção, estes recursos, caso sejam explorados, devem ser administrados pelos índios, norma que ainda não é adotada no Brasil, onde os povos indígenas têm direito apenas ao usufruto da terra.

Revisão anual de IR para quem tem mandato

Os detentores de mandatos terão seus impostos de renda revistos anualmente. O projeto que obriga a Receita Federal a fazer revisão especial, apresentado no Senado, foi aprovado pela Comissão de Finanças e Tributação da Câmara. De acordo com o projeto, a Receita Federal deve acompanhar e rever as declarações de Imposto de Renda e verificar sinais exteriores de riqueza de todos os dirigentes com mandato eletivo, em todas as esferas da União, bem como de dirigentes partidários, ministros, secretários de estado, presidentes e dire-

tores de autarquias, empresas públicas, sociedades de economia mista e fundações.

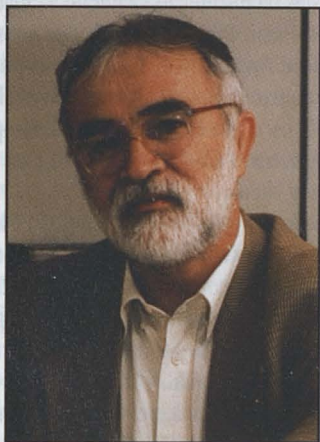
Com parecer favorável do relator da matéria, deputado Carlito Merss (PT-SC), o projeto determina à Receita Federal que faça revisão das declarações de Imposto de Renda dos dois últimos exercícios, prosseguindo em mais dois exercícios depois de encerrados os mandatos. O projeto estabelece também a obrigatoriedade de os ocupantes dos cargos e funções assinar documento, quando tomarem posse, abrindo mão do direito de sigilo bancário.

Comissão permanente para o narcotráfico

O crime organizado e o narcotráfico "representam uma das mais perigosas ameaças ao estado de direito e os poderes Judiciário e Executivo devem dar seguimento ao trabalho e às sugestões feitas pela CPI do Narcotráfico". As declarações são do deputado Fernando Ferro (PT-PE), que sugeriu a criação de uma comissão permanente na Câmara de combate ao narcotráfico e ao crime organizado.

Segundo o deputado, a comissão de inquérito mostrou que "há uma contaminação das instituições oficiais e dos poderes constituídos do país e uma das medidas mais importantes será o direcionamento de uma política audaciosa de larga abrangência para educar e conscientizar a população brasileira para os problemas que as drogas causam".

O relatório final da CPI foi apresentado no começo de dezembro e o relator da comissão, deputado Magno Malta (PSDB-ES) vem recebendo ameaças de morte do presidente da Assembleia Legislativa do Espírito Santo, José



Deputado Fernando Ferro

Carlos Gratz, apontado pelo relatório como um dos chefes do narcotráfico naquele estado.

Novas revelações sobre o narcotráfico e o crime organizado estão sendo feitas pela CPI mista de Roubo de Cargas, que foi implantada depois da descoberta de que o ex-deputado estadual do Maranhão, José Gerardo (cassado e preso) comandava não apenas o roubo de cargas nas estradas brasileiras, mas também integrava uma quadrilha de narcotraficantes. Presidida pelo senador Romeu Tuma (PFL-SP), esta CPI já decretou prisão de policiais civis paulistas e está investigando a participação de empresas seguradoras no roubo de carga.

Embraer critica restrições da OMC

O consumidor canadense está pagando mais caro pelos produtos brasileiros em virtude das restrições impostas pela Organização Mundial do Comércio (OMC) aos nossos produtos e os exportadores brasileiros serão obrigados a procurar novos mercados. A informação foi dada pelo presidente da Empresa Brasileira de Aeronáutica (Embraer), Maurício Novis Botelho, que compareceu à Comissão de Economia da Câmara para discutir os impactos da disputa entre a Embraer e sua concorrente canadense Bombardier, junto à OMC.

Disse Botelho que as disputas se iniciaram em 1996, a partir do sucesso da Embraer no mercado de jatos regionais. Até àquela época, a



empresa Bombardier detinha o monopólio e, afirmou o presidente da Embraer, "é óbvio que a empresa canadense não ficou satisfeita com o nosso sucesso, principalmente com o fim de sua situação de detentora do monopólio". Botelho informou ainda que, no momento, a Embraer dispõe de uma carteira de 1.200 aeronaves a serem entregues, enquanto sua rival canadense conta apenas com cerca de mil pedidos.

Autor do requerimento de audiência, o deputado Alex Canziani (PSDB-PR) lembrou que o Brasil é o único país, fora do Hemisfério Norte que detém uma empresa aeronáutica e sugeriu ao BNDES que continue assistindo a empresa, para que a Embraer "tenha condições de competir no mercado global, no qual o comércio se desenrola numa luta feroz".

Rede de bibliotecas tem 500 mil documentos

O Senado lançou, no início de dezembro, a Rede Virtual de Bibliotecas-Congresso Nacional, que reúne as bibliotecas do Senado, da Câmara e das bibliotecas do Executivo, Legislativo e Judiciário, num total de 500 mil documentos.

Os usuários da rede poderão encontrar informações sobre qualquer artigo da Constituição, relatórios ministeriais e presidenciais, desde a época do Brasil colonial e da I República, bem como gravuras, mapas, obras raras e até mesmo manuscritos do escritor Machado de Assis.

Com software que adota o mesmo formato bibliográfico usado internacionalmente pelas bibliotecas digitais, a rede já está disponível para os usuários da internet.

Mais segurança para urna eletrônica

Depois das denúncias sobre algumas falhas das urnas eletrônicas usadas nas eleições municipais, e do fiasco das eleições norte-americanas, o Senado aprovou requerimento do senador Roberto Requião (PMDB-PR), para que volte a debates na Comissão de Constituição e Justiça o projeto que amplia a segurança e o controle das urnas eletrônicas.



Senador Roberto Requião

De acordo com o projeto do senador paranaense, a contagem eletrônica dos votos deve ser acompanhada de uma contagem manual. A proposta conta com apoio de todos os partidos que se sentiram lesados nas eleições passadas. Duas denúncias de possível fraude eleitoral foram apresentadas à Câmara. Em São Domingos de Goiás (GO), o PMDB acredita que houve fraude praticada pelos próprios funcionários da Justiça Eleitoral, e, em Paracatu (MG), o deputado Tilden Santiago (PT-MG) também acredita que o candidato de seu partido foi derrotado por fraudes na urna eletrônica.

Guardas municipais como força auxiliar

O deputado Rubem Medina (PFL-RJ) quer transformar as guardas municipais em forças auxiliares das demais polícias. Em proposta de emenda à Constituição, Medina amplia as atribuições destas

guardas criadas para proteger instituições e o patrimônio público. Na defesa de sua proposta, o deputado afirmou que mesmo sem amparo constitucional, as guardas municipais já estão desempenhando função policial, "por isso é



Foto: Ceabac

Brasília ameaçada de perder título

A capital da República está ameaçada de perder o título de patrimônio mundial da humanidade, conferida pela Unesco. Especialistas da instituição visitaram a cidade e constataram as violações contra o Plano Piloto, tombado nos anos 80, durante a gestão do governador José Aparecido de Oliveira. As principais agressões, denunciadas por arquitetos e procuradores da República, são as ocupações dos espaços públicos e autorizações concedidas pelo governo do Distrito Federal, que ferem o Código de Edificações da cidade projetada pelo arquiteto Oscar Niemeyer.

Depois de vistoriar as instalações do Plano Piloto, área tombada pela Unesco, os técnicos da organização recomendaram ao governador Joaquim Roriz maior controle contra as invasões e loteamentos da área. Caso persistam os descumprimentos, Brasília pode perder o título.

A mesma orientação foi dada à prefeitura de Olinda, cidade que é também patrimônio mundial. O representante da Unesco no Brasil visitou a cidade e recomendou à prefeitura local uma maior fiscalização contra as edificações ilegais.

necessário um melhor ordenamento legal desse serviço, com uma melhor qualificação profissional".

Lembra o deputado que o clima de violência no Brasil está levando a sociedade a buscar "novas soluções para o problema e, no caso do Rio de Janeiro, os reflexos são ainda mais preocupantes, já que a indústria do turismo é um dos principais motores de fortaleci-

mento da economia".

Entre as soluções alternativas encontradas pela sociedade, uma vem preocupando os parlamentares. Trata-se do crescente número de empresas de vigilância que hoje já detém cerca de um milhão de empregados, todos eles armados.

O número destes vigilantes ultrapassa o efetivo militar brasileiro, que é de 350 mil.

Atentados contra líderes oposicionistas

Prefeitos eleitos e líderes oposicionistas estão na mira de matadores de aluguel, contratados por adversários políticos. Os prefeitos de Belém, Edmilson Rodrigues (PT) e Mábenes Fonseca, de Paço do Lumiar (MA), do Partido Democrático Trabalhista, escaparam dos atentados porque os casos foram descobertos com antecedência, mas os líderes do PT em Suzano (SP), Manoel Maria de Souza Neto, que também era militante do MST, foi assassinado. E em Cuiabá, o ex-presidente do Partido dos Trabalhadores, Sivaldo Dias Campos levou dois tiros dos pistoleiros que invadiram sua casa. Ele sobreviveu ao atentado e encontra-se no Hospital Sarah Kubistcheck, em Brasília, para recuperar os movimentos perdidos no atentado. Mesmo informado por parlamentares oposicionistas sobre o assassinato e convidado para a audiência pública na Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados, o ministro da Justiça, José Gregori, não se manifestou e nem compareceu à audiência, o que mereceu protestos do deputado Freire Júnior (PMDB-TO). "Assistimos a um desfile de violências de todas as naturezas, e o ministro da Justiça não cumpre sequer dispositivo constitucional de responder nossos pedidos de informações", afirmou o deputado que quer a investigação de todos os casos e uma resposta do governo.

O atentado contra o novo prefeito de Paço do Lumiar foi abortado depois da revelação feita pelo policial militar Ivalberto dos Santos Oliveira. Ao ser preso, o PM revelou que a vereadora Bia Aroso contratara um pistoleiro conhecido por Negão, em Imperatriz (MA) pela quantia de 50 mil reais. Bia Aroso é esposa do atual prefeito daquele município e o delegado encarregado do inquérito, Jefferson Portela, já encaminhou ao Judiciário o pedido de prisão da vereadora.

Já o atentado que seria feito contra o prefeito reeleito de Belém, Edmilson Rodrigues, foi descoberto pela polícia de Itabaiana (SE) que prendeu Udo Dittman, de nacionalidade alemã, envolvido na máfia do roubo de cargas. Preso, Dittman contou que foi convidado por José dos Santos, seu parceiro na quadrilha de



Foto: Victor Soares - ABR

Dirceu, presidente do PT: dossiê contra o crime

roubos de cargas, para matar o prefeito de Belém, a pedido de fazendeiros do Pará. Dias depois da confissão de Dittman, os seguranças do prefeito prenderam um pistoleiro que estava de tocaia contra Edmilson, próximo à casa do prefeito, em Belém.

O atentado contra Sivaldo aconteceu depois que o dirigente oposicionista denunciou a compra de votos por candidatos à Câmara dos Vereadores de Cuiabá. Em 10 de outubro, depois de ser seguido e receber ameaças por telefone, Sivaldo teve sua casa invadida por três homens que, desde a madrugada, segundo relato dos vizinhos, se encontravam nas redondezas. Os pistoleiros trancaram a esposa de Sivaldo no quarto e em seguida acertaram dois tiros na cabeça do dirigente petista.

Já o assassinato do militante do MST em Suzano foi acompanhado de requintes de crueldade. Neto, como era conhecido, foi seqüestrado pelos pistoleiros, levou mais de dois tiros e ainda foi esfaqueado, segundo o laudo encaminhado à comissão de Direitos Humanos da Câmara.

O presidente do Partido dos Trabalhadores, José Dirceu, teme uma escalada maior de violência. "Estou convicto de que todos aqueles que lutam contra a corrupção, o crime organizado, o latifúndio e o narcotráfico estão ameaçados de morte neste país", afirmou José Dirceu que elaborou um dossiê narrando todos os crimes. (Memélia Moreira) ■

Educadores protestam

A Confederação Nacional dos Trabalhadores da Educação (CNTE) lançou uma nota de protesto contra a aprovação do Plano Nacional de Educação pelo Senado Federal. Segundo a entidade, o Senado desconsiderou todas as contribuições de especialistas num assunto crucial para a nação.

Na nota, a entidade afirma que "a CNTE e os seus 29 sindicatos de trabalhadores em educação estão chocados com a atitude do Senado, que aprovou, quinta-feira, dia 14, o Plano Nacional de Educação (PNE). A lei proposta pelo governo é insuficiente para dar ao país condições de enfrentar a dívida social e os desafios do século XXI. Mesmo assim, os parlamentares sequer analisaram as mais de cem emendas ao projeto propostas pela sociedade civil, violando o compromisso que garantia, pelo menos, a análise das propostas."

Os educadores denunciam ainda que "enquanto o governo federal faz propaganda do seu modelo educacional, os índices de aproveitamento escolar caem vertiginosamente, conforme demonstram os resultados do Sistema Nacional de Avaliação do Ensino Básico. Isso reflete a baixa qualidade de ensino imposta pelos interesses financeiros internacionais aos quais o governo FHC se curva".

A nota da CNTE conclui afirmando que "mesmo que a sanção presidencial consolide este verdadeiro crime contra a educação", a entidade vai "continuar fiscalizando e propondo soluções para os desvios do governo no âmbito da educação". ■

Terra: em 11 anos, quase 2 mil presos

O Centro de Justiça Global, Comissão Pastoral da Terra (CPT) e Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) divulgaram o estudo "Reforma agrária e violência no campo", fazendo um sumário dos acontecimentos da área no ano 2000. "Dados da Comissão Pastoral da Terra revelam que de 1988 até 2000, 1.517 trabalhadores rurais foram assassinados no país. De janeiro a novembro de 2000, ocorreram 12 assassinatos. Entre 1989 e 2000, o total de trabalhadores rurais presos chegou a 1898. De janeiro a setembro de 2000, o número de prisões chegou a 258", enumera o estudo.

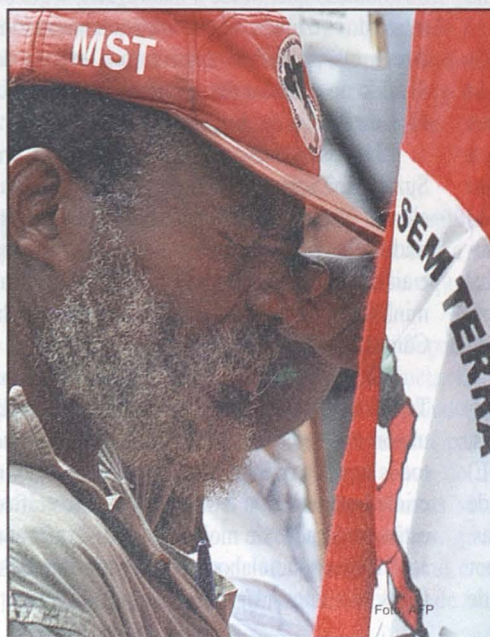
"No transcurso do ano, o Paraná foi o estado que mais se destacou em arbitrariedades e violência contra trabalhadores rurais sem terra. Desde o início do governo de Jaime Lerner, em 1995, a CPT registrou 16 assassinatos de trabalhadores rurais, 31 tentativas de assassinato, sete casos de tortura, 322 trabalhadores feridos e 470 presos, em 130 ações de despejo. O estado do Pará também tem concentrado um grande número de violações contra trabalhadores rurais. Todavia, em junho deste ano, o fazendeiro Jerônimo Alves Amorim foi condenado a 19 anos de prisão em razão do assassinato de Expedito Ribeiro Souza, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Rio Maria, no Sul do Pará, ocorrido em fevereiro de 1991. Este julgamento representou um marco importante contra a impunidade no país."

Outro julgamento foi o massacre de Corumbiara. "Durante os 23 dias de julgamento, que ocorreu nos meses de agosto e setembro em Porto Velho, Rondônia, nove policiais militares foram absolvidos. Ao mesmo tempo, dois trabalhadores sem-terra e três policiais militares foram condenados em razão do massacre de Corumbiara, ocorrido em 1995, durante o despejo de 600 famílias da Fazenda Santa Elina, no qual morreram nove sem-terra e dois policiais. Durante o julgamento, o promotor de justi-

ça Tarciso Leite de Mattos chamou os sem-terra de "nazistas" e afirmou que "ou o Brasil acaba com os sem-terra ou eles acabam com o Brasil". Esse promotor foi, posteriormente, afastado do caso pela Procuradoria Geral de Rondônia, por pressão de entidades religiosas e de direitos humanos. Em relação ao massacre de Eldorado dos Carajás, o Tribunal de Justiça do Estado do Pará decidiu, em outubro, anular a primeira sessão do julgamento, quando os três principais comandantes das tropas da Polícia Militar que participaram da operação foram absolvidos, entre eles o coronel Mário Colares Pantoja. O massacre ocorreu em abril de 1996, durante uma operação da Polícia Militar do Pará para desobstrução da rodovia que liga Marabá a Paraupabas, resultando na morte de 19 trabalhadores rurais sem terra e deixando mais de 70 feridos."

Quanto à permanência do latifúndio, o levantamento destaca que "menos de 50 mil proprietários rurais possuem áreas superiores a mil hectares e controlam 50%

A violência no campo é originada pela repressão conservadora contra a luta da população sem terra por seu direito a ser assentada para ter meios de trabalhar, e continuou fazendo vítimas fatais durante todo o ano



das terras cadastradas. Cerca de 1% dos proprietários rurais detêm em torno de 46% de todas as terras. Dos aproximadamente 400 milhões de hectares titulados como propriedade privada, apenas 60 milhões de hectares são utilizados como lavoura. O restante das terras estão ociosas, subutilizadas, ou destinam-se à pecuária. Segundo dados do Incra, existem cerca de 100 milhões de hectares de terras ociosas no Brasil."

Nesse meio vivem "cerca de 4,8 milhões de famílias de trabalhadores rurais sem terra, ou seja, que vivem em condições de arrendatários, meeiros, posseiros ou com propriedades de menos de 5 hectares (...) e, de acordo com o censo de 1995, existem cerca de 23 milhões de trabalhadores no meio rural, sendo que apenas 5 milhões são classificados como assalariados rurais (permanentes ou temporários). Cerca de 65% dos assalariados rurais não possuem carteira assinada e apenas 40% desses trabalhadores possuem trabalho o ano todo. Muitos desses trabalhadores chegam a trabalhar até 14 horas por dia. Nesse contexto, as mulheres e as crianças são as mais vulneráveis", assinala o levantamento.

"O Brasil produz apenas 75 milhões de toneladas de grãos por ano. Esse número é quatro vezes menor do que a média de produção em países com condições climáticas e de solo iguais ou piores.

Segundo o Censo Agropecuário, entre 1985 e 1996, a redução de áreas com lavouras permanentes foi de 2 milhões de hectares e as áreas com lavouras temporárias foram reduzidas em cerca de 8,3 milhões de hectares. De 1980 a 1996 a área cultivada diminuiu 2% e a população aumentou 34%. Na década de 80, o Banco do Brasil investia em torno de 19 bilhões de dólares na agricultura.

Entre 1994 e 1998, a média de financiamentos foi de 6 bilhões de reais por ano. Entre 1980 e 1996, a renda média de todos os agricultores diminuiu 49%", constata a pesquisa. ■

Abimaq aponta o absurdo em reduzir tarifas sem negociar contrapartidas

O presidente da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq), Luiz Carlos Delben Leite, fez críticas à posição do governo brasileiro, no âmbito do Mercosul, de manter a redução da Tarifa Externa Comum (TEC) na faixa de 14% para 2001. A tarifa beneficiará os países que não integram o bloco.

"Redução de tarifas sem contrapartida dos outros países é absurda", disse, lembrando que a proposta veio da Argentina, que pouco representa na indústria de bens de capital. "Só o Brasil tem a perder. Os produtos brasileiros sofrerão uma diferença de

16,57% em relação aos importados. Todo o setor será penalizado, especialmente as indústrias de maior tecnologia."

Delben Leite divulgou o estudo, que havia encaminhado, no início do mês, à equipe econômica e ao presidente Fernando Henrique Cardoso, reivindicando que os fabricantes do país tenham o mesmo tratamento dado aos produtores de importados.

"Queremos isonomia, pois é uma falácia afirmar que fomos protegidos ou compensados pela desvalorização cambial, se, em outros países, ela é comprovadamente maior. O euro caiu 27,36%, a desvalorização em Taiwan foi

de 17,3% e na Coreia chegou a 19,13%."

O presidente da Abimaq afirmou ter esperança de que haja simultaneamente no máximo em 2001, uma reforma tributária no Brasil, coe-re com a prática de outros países.

Sobre a polêmica de ingresso do Brasil na Área de Livre Comércio das Américas (Alca), ele é taxativo: "Temos que cumprir o combinado. Só consideramos esta possibilidade a partir de janeiro de 2005. Podemos, com uma reforma bem feita, nos beneficiar da Alca; caso contrário, haverá um rolo compressor sobre o nosso país", afirmou. ■

Lusofonia e globalização

Representantes da Comunidade de Países de Língua Oficial Portuguesa estiveram reunidos pela sexta vez no Clube de Engenharia, Rio, entre 5 e 7 de dezembro, para debater a expansão das relações econômicas e diplomáticas entre os países membros (veja, na página 50, a entrevista com um dos convidados, o angolano José Dias). Organizadas no Brasil pelo próprio Clube de Engenharia e pela Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan), as Jornadas destacaram a consolidação da cooperação

técnico-científica do Brasil com os países africanos, onde os principais investimentos das empresas brasileiras têm-se destinado ao setor de obras públicas e infra-estrutura.

Por esta razão, os temas abordados no encontro foram relacionados à infra-estrutura, como energia, transportes, vias de comunicação e telecomunicações, além das questões ligadas ao desenvolvimento sustentável.

A cooperação entre as nações e a globalização foram panos de fundo de boa parte dos debates. Os palestinos acabaram por admitir

as conseqüências nefastas da liberalização econômica para a distribuição da renda no planeta, inclusive a representante do Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS), Beatriz Bulhões. Segundo ela, enfrentar as barreiras ao desenvolvimento sustentável é responsabilidade dos governos nacionais.

"A concentração de renda no Brasil está piorando e reflete as políticas governamentais. Cabe a nós, brasileiros, colocar regras nisto e depende também de nós estabelecer se a prioridade é garantir a estabilidade monetária ou gerar desenvolvimento econômico", afirmou. ■

CADERNOS

DO TERCEIRO MUNDO

a serviço do leitor

Para assinar a *Cadernos do Terceiro Mundo* ligue para

(0 XX 21) 221-75 11

ou envie um fax:

(0 XX 21) 252-8455

Ou pela Internet:

etm@etm.com.br

O preço da assinatura é de R\$ 72,00, mas estamos com uma promoção POR TEMPO LIMITADO (até 30/11/00), de R\$ 60,00 (à vista).

Pode enviar cheque nominal à Editora Terceiro Milênio ou solicitar envio de boleto bancário.

Estamos à sua disposição de segunda Segunda a sexta, das 9 às 19 horas

Para enviar cartas:
NOVO ENDEREÇO



Cadernos do Terceiro Mundo
Editora Terceiro Milênio
Rua Conde de Lages, 44
Salas 508-509-510 - Lapa
CEP 20241-080
Rio de Janeiro - RJ - Brasil

As cartas devem trazer a assinatura, o endereço, o número de cédula de identidade e o telefone do autor.

Contate o Departamento de Circulação
Tel: (0 XX 21) 221-7511

Para comprar números atrasados:

Se estiverem disponíveis no estoque, serão vendidos ao preço de capa da última edição, acrescido de 30% desse valor para cobrir despesas de correio.

Para anunciar:

Ligue (0 XX 21) 221 - 7511 e contate o Departamento Comercial

Para pesquisas e uso da revista em sala de aula:

Ligue (0 XX 21) 221-75 11 e contate o Centro de Documentação ou os Editores.

Na Internet:

<http://www.etm.com.br>
E-mail: etm@etm.com.br



Procópio Mineiro

Criativo e infatigável, o homem leva para o novo tempo anseios não real

MAIS UM MILÊNIO EM E



os e preocupações não respondidas na busca da construção de um mundo mais igualitário

USCA DA HUMANIDADE

Em direção ao mesmo sonho

Num século XXI que promete ser vertiginoso pela magnitude das possibilidades e pela gravidade dos problemas que herda, o homem dá um novo passo à procura de realizações que perseguiu em vão ou com escasso sucesso no século XX

O ANO FINDA E COM ELE TERMINAM O SÉCULO XX E O SEGUNDO MILÊNIO. Montado no eterno cavalo do tempo, o homem entra no terceiro milênio da Era Cristã com promessas que eram impensáveis há somente 50 anos. As fronteiras do conhecimento alargaram-se de tal forma que o novo século e o novo milênio podem levá-lo a realizações fantásticas nas mais diversas áreas da Ciência e tanto lhe abrem os segredos do micro-mundo das células e das bases da vida, quanto os do cosmos, dos grandes corpos, das imensas distâncias e das grandes velocidades que já lhe dão a certeza de invadir os céus e colonizar o espaço.

No entanto, não se pode dizer que

o homem do terceiro milênio não seja ainda o mesmo que, medroso do Juízo Final, rompeu o segundo milênio. É, sem dúvida, o mesmo homem que passou da Antigüidade à Era Cristã, dois mil anos atrás. A lupa de Cronos identifica saltos vertiginosos na ambiência e nos instrumentais, de século a século, de milênio a milênio, mas constata o mesmo conteúdo humano naquele ser que passa carregado de sonhos, preocupações, necessidades e conflitos, embora sempre numa roupa diferente. É uma multidão, muita gente junta, mas não unida, e, no mais profundo de cada um, persiste o indivíduo sempre só.

Por isso, num século XXI que promete ser vertiginoso pela magnitude das possibilidades e pela gravidade dos problemas que herda, o homem dá um novo passo em busca de realizações que perseguiu em vão ou com escasso sucesso no século XX, porque não logrou alcançá-las no XIX, quando vivenciara a expectativa das utopias que sonhara no século XVIII, impulsionado pelos desafios que tentara vencer no XVII, herança legada pelos estafetas do século XVI...

Entre os sonhos que carrega hoje, o homem leva o de se realizar no meio de seu grupo, seja o universo micro da família, seja o macro, que ele chama de país. Da ambi-

ção de mil anos atrás, de tudo fazer para ganhar o paraíso celeste, o homem atual está certo do direito de alcançar certas regalias ainda em vida. O humanismo e suas variadas conseqüências sedimentaram o conceito de que cada um participa de uma sociedade e que os lucros devem ser repartidos - a tal consciência da cidadania.

A realidade, porém, não cede com facilidade. As mais recentes pesquisas demonstram que a pobreza vem aumentando na maior parte do mundo. No caso brasileiro, houve uma expressiva regressão de renda, afetando mais 5% das famílias, nos últimos quatro anos - de 13% (cerca de 30 milhões de pessoas) passaram a 18% (cerca de 40 milhões de pessoas). Empobreceram. No caso argentino, pesquisas recentes concluíram que lá pelo menos mil pessoas caem para a faixa da pobreza, por dia: 364 mil por ano, 1% da população argentina.

A pauperização se repete mundo afora, mostrando um anticlímax social que contrasta com o bem-estar absoluto de uma minoria e com as promessas estonteantes com que a Ciência e a Tecnologia acenam para o milênio que nasce.

As trilhas humanas

Ao contrário do que possa parecer, importa menos a pétrea substância do homem do que as circunstâncias em que ele se move. E, nisso, as bordas do ter-

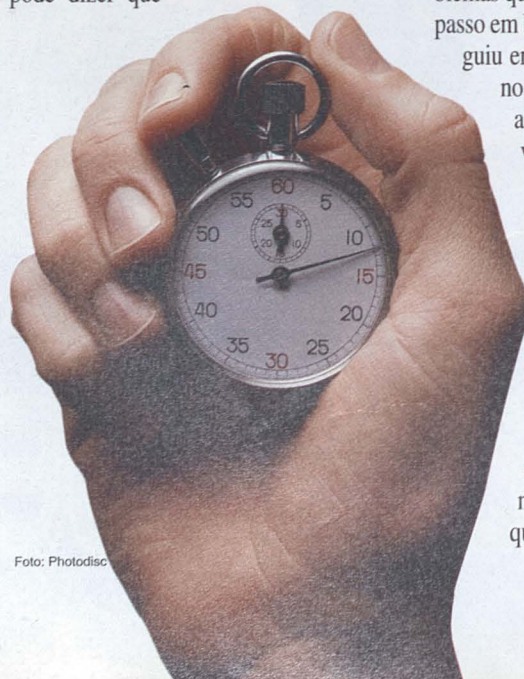
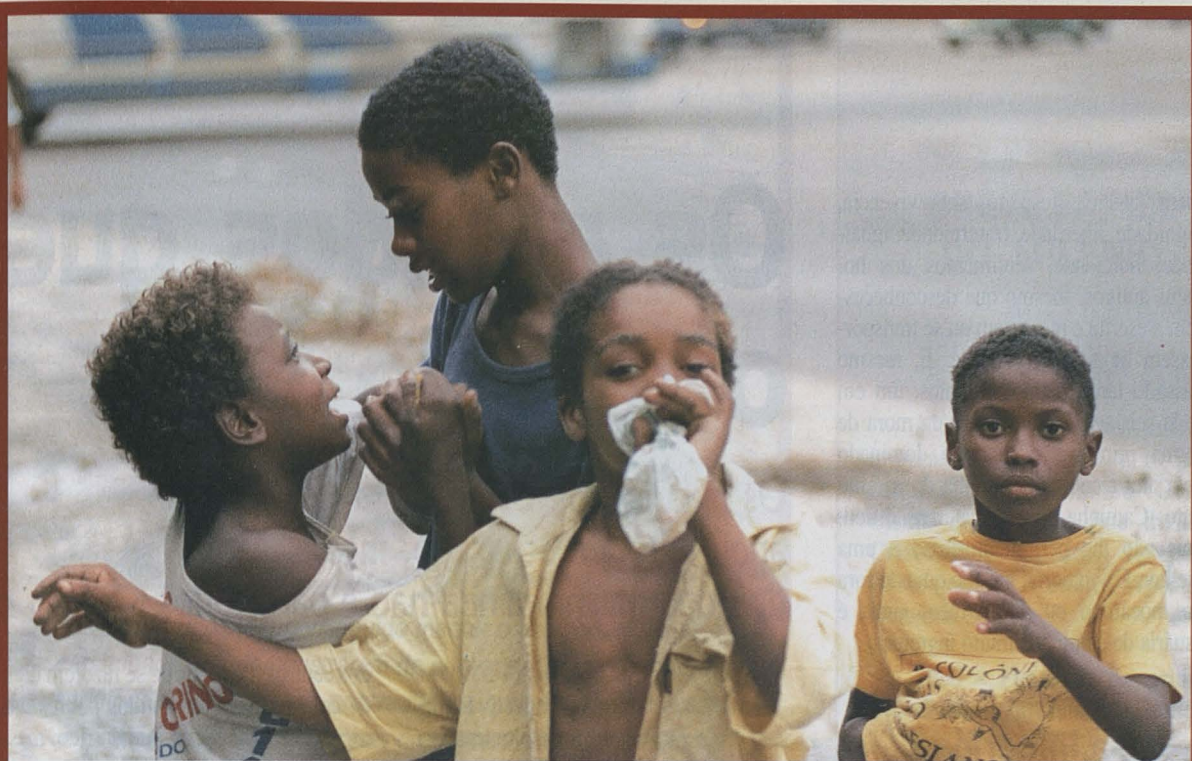


Foto: Photodisc



Fotos: AFP

A humanidade continua dividida em dois mundos: aquele onde a ciência e a tecnologia abrem uma infinita gama de possibilidades e outro onde as mais elementares necessidades humanas ainda não estão satisfeitas

ceiro milênio pouco diferem daquelas do segundo, mil anos atrás.

Nas realidades do dia a dia, em meio a maravilhas da tecnologia que não cessam de surgir, a verdade é que o ser humano continua a viver em vários mundos, paralelos e contemporâneos, mas diversos. Assim, os grupos humanos que ingressam no terceiro milênio - alguns reduzidos quase a hordas - carregam o desafio de realizar alguns objetivos que pouco têm a ver com a Ciência ou com as tecnologias que esta propicia.

Tais objetivos dizem respeito aos anseios que permeiam a substância hu-





mana: justiça, respeito, sobrevivência, dignidade, liberdade, fraternidade, igualdade, felicidade, sentimentos dos homens antigos, mesmo que desconhecêssem a escrita e morassem ou se transportassem de forma primitiva. E, mesmo passado tanto tempo, milênios, em cada seis seres humanos ainda mora de forma primitiva no mundo dominado pela alta tecnologia e sonha do mesmo jeito. Caminha pela trilha mais difícil, pois não lhe permitem acesso a uma melhor. E a maioria, mesmo quando fora do mocambo ou do barraco, ainda é usuária de caminhos muito íngremes.

De impérios a impérios

As portas do novo milênio dão passagem para o mesmo mundo desigualmente dividido. Este é o dado fundamental, para cuja sustentação contribuem em muito os próprios avanços da Ciência, usualmente empregados como armas de supremacia.

Nesta divisão desigual, anda-se de milênio a milênio encontrando-se a mesma contradição entre as utopias da humanidade e as realidades dos grupos humanos. Dos impérios do primeiro milênio, nada resta, a não ser a noção de que persistem os impérios sob novas formas, sutis, mas tão presentes e avassaladoras quanto as de tempos tão longínquos.

Esta luta mantém-se, seguramente, na agenda do novo século. Como bem resumiu o economista Samir Amin, aqui em **cadernos**, edição nº 221, enquanto os novos impérios afirmam que não há alternativas a seus projetos mundiais, há rebeldes que insistem em que "há milhões de alternativas". A história e os séculos têm sido construídos exatamente desses embates e parece que não será diferente. No novo século e no novo milênio, há novos impérios a encarar.

Enfim, não será apenas o limiar de outros mil anos para construir e perseguir utopias? ■

Os mundos que o mundo tem

Os milagres da Ciência e da Tecnologia apontam para o paraíso, mas a festa do novo milênio ainda não é para todos

AS ANÁLISES QUE SE FAZEM sobre as perspectivas do novo século e do terceiro milênio assinalam, com otimismo, os avanços do conhecimento e das maravilhas tecnológicas conseqüentes. Revelam um quadro que mostra o quanto o mundo poderia ser bom para todos. Ao final da leitura, fica-se com a sensação de que tudo há de ser melhor. Vislumbra-se o conjunto verde vivo da floresta humana e quase se respira ar mais puro.

Mas a floresta não existe, é apenas uma idéia: o que de fato existe é uma árvore ao lado da outra, mais cipós, espinhos, flores, frutos, bichos diversos, luz e sombras. Na natureza, podem formar um conjunto. Na humanidade, ainda não.

Estes mundos diferentes formam a realidade humana que ingressa na nova numeração cronológica, que o tempo histórico, porém, desconhece. Este é o que interessa e ele informa que a norma da desigualdade ainda é lei, agora sob o estímulo do lucro sem fronteiras orientado pelas grandes corporações transnacionais, protegidas pelos governos de suas matrizes.

Interesses mundiais

O pensador norte-americano Noam Chomsky falou, em um de seus trabalhos, em "lavagem cerebral sob um regime de liberdade"¹. Referia-se ao poder

dos centros mundiais de se fazerem crer, de convencerem os mundos pobres das idéias que convêm ao mundo rico, mesmo que sejam idéias absolutamente contraditórias com aquelas que tinham imposto anteriormente. Enfim, um poder semelhante ao de vender picolé a esquimó e impedir recusas.

Analisava Chomsky o então vigente empenho humanitário do governo norte-americano, sob Jimmy Carter. Criador dos regimes militares anticomunistas das décadas de 60 e 70, pelo mundo afora, os Estados Unidos investiam-se, com Carter, na figura de arautos dos direitos humanos, depois de terem formado os torturadores e estimulado a tortura e o assassinato político naqueles países, em nome da luta contra o socialismo.

"O Estado que patrocinou e apoiou a família Somoza, o Xá do Irã, Ferdinando Marcos, Pinochet, Suharto e os militares brasileiros apregoa uma campanha em favor dos direitos humanos, e a leva muito a sério. Tudo isso constitui testemunho das capacidades demasiadamente desprezadas daquilo que poderíamos chamar 'a lavagem cerebral sob um regime de liberdade'. A habilidade do sistema - isto é, de facções importantes do poder dentro do sistema e seus porta-vozes intelectuais e entre os meios de comunicação - para formar e reconstruir as perspectivas da história e a interpretação das atualidades, segundo seus próprios interesses, é verdadeiramente



Foto: AFP

Os países ricos têm conseguido manter o seu poder graças à capacidade que demonstraram de convencer o mundo pobre a seguir caminhos que são contraditórios com os seus interesses e mantêm as grandes maiorias na pobreza e até na indigência

impressionante." Chomsky assinala, ainda, "os inúmeros laços e relações de dependência com as elites do mundo", as quais se esmeram em "perceber as questões sob o ponto de vista da liderança dos Estados Unidos".

A análise mantém sua atualidade, agora que a nova moda é a "abertura dos mercados e a integração financeira", mesmo que desorganizem sociedades inteiras e deixem ao relento milhões de cidadãos, cujos direitos humanos sequer são lembrados. E como não precisam dos militares para fazer isso, é parte da moda estigmatizá-los.

Esta é a realidade que penetra o novo tempo, quando o mundo das maravilhas tecnológicas impõe aos outros mundos a função de mercados consumidores ou fontes de matérias-primas. Contrariando a própria doutrina, combatem, com ferocidade, a competição.

Governos cooperativos

A lavagem cerebral, referida por Chomsky, deu-se, no caso do neoliberalismo, pela intensa campanha ideológica a favor de um livre mercado que seria capaz de induzir o crescimento no Ter-

ceiro Mundo, principalmente pela circulação de capitais para investimentos locais. E como houve a época dos militares cooperativos, surgiu, na década de 90, a safra dos governos civis cooperativos. Presidentes dispostos a tudo, a pulverizar a infra-estrutura nacional e a facilitar a entrega de bens aos grupos externos, orientados por ministros da Fazenda e presidentes de bancos centrais formados nas escolas norte-americanas e treinados em organismos internacionais controlados pelos Estados Unidos. A fórmula vem sendo exaustivamente aplicada mundo afora, transformando o Terceiro Mundo num laboratório de provas à disposição de uma espécie de casta internacionalizada, oriunda dos mesmos bancos escolares e do mesmo berço teórico.

Consumada a façanha, vão saindo, um a um, desmoralizados, depois de repudiados internamente. Carlos Salinas de Gortari, no México e sua família mafiosa foram substituídos por um governo relativamente austero, mas totalmente permeável aos interesses norte-americanos; Carlos Menem, na Argentina, identificado com a era de maior corrupção em seu país, deu lugar a um opositor que está se mostrando mais ágil no neoliberalismo que o antecessor. Antes, houvera

BREVE PAINEL DO MILÊNIO

Marco André Balloussier

SÉCULO XI

1054 - Os conflitos entre os imperadores bizantinos e os papas culminam no chamado Grande Cisma do Oriente, que divide a Cristandade em duas Igrejas: a Ortodoxa e a Católica Apostólica Romana.

1088 - Fundação da primeira Universidade, em Bolonha (Itália).

1095 - O Papa Urbano II conclama os cristãos a libertarem os lugares sagrados do Cristianismo das mãos dos muçulmanos; até 1270 são organizadas oito Cruzadas, que ampliam enormemente o intercâmbio entre a Europa e o Oriente.

SÉCULO XII

1122 - A Questão das Investiduras é resolvida pela Concordata de Worms, que determina a não-interferência do papa em questões políticas e proíbe o imperador do Sacro Império Romano-Germânico de fazer nomeações para os cargos eclesiásticos.

1169 - O cientista e filósofo árabe Ibn-Rushd, também conhecido como Averróis, começa a traduzir e comentar a obra do filósofo grego Aristóteles.

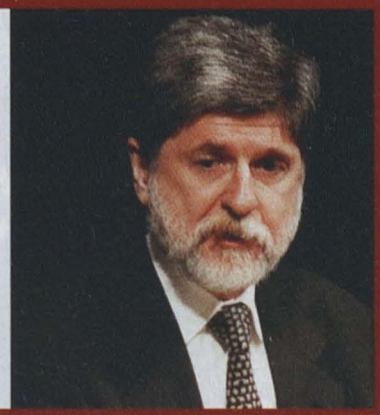
SÉCULO XIII

1211 - Os mongóis, comandados por Gêngis Khan, começam a conquista da China e a formação de um imenso império que se estenderia desde a Coréia até a Europa Central.



Fotos: Agência Brasil

Ao denunciar a política de favorecimento dos países ricos, aplicada pela Organização Mundial do Comércio, o chanceler Lampreia (à esq.) afirmou que "a OMC obriga o Brasil a se afastar da fabricação de produtos tecnologicamente mais avançados". O embaixador Celso Amorim (à dir.) foi ainda mais claro: "A Embraer é uma empresa de um país em desenvolvimento que se atreveu a competir com uma empresa (a Bombardier) de um país que tinha o monopólio no exterior"



Fernando Collor, no Brasil, preventivamente descartado com escândalo e humilhação, sem que isso impedisse a chegada ao poder de um governo mais eficiente na tarefa. No Peru, revela-se a cada dia novos lances do extraordinário caso de um japonês que governou o país dos incas por 10 anos, até refugiar-se na pátria-mãe.

Só então, veio à tona que o estrito alinhamento neoliberal de Alberto Fujimori funcionava como *habeas corpus* para as práticas de todo tipo de falcatruas, inclusive as relacionadas com o tráfico de drogas, o que era do conhecimento e tolerado por Washington. A Casa Branca apenas abandonou Fujimori quando se constatou que, entre os negócios, havia tráfico de armas e que muitas dessas armas iam parar nas mãos da guerrilha colombiana, o novo e mortal inimigo escolhido para ser massacrado a partir de janeiro deste começo de ano, através da Operação Colômbia. Agora, satanizando Fujimori, a "lavagem cerebral" parece preparar a entrada em cena de outro "internacionalista", menos escandaloso, porém mais eficiente.

O processo é o mesmo: os grandes interesses mundiais produzem e sustentam ditadores, até que percam a utilidade, e então patrocinam ondas de suposta renovação, para que os objetivos centrais sejam mantidos com nova roupagem, até que gerem tanta insatisfação que se recorra a novo expediente. Uma espécie de linha de montagem, da qual sai sempre o mesmo carro, em modelos diversos.

Crise e identidade

Se o novo milênio vai passar pela tevê fantásticas viagens espaciais aos planetas próximos, a luta por um prato de comida ainda será a tarefa mais urgente para grande parte da humanidade. E muitos sequer terão sucesso. Africanos negros continuarão sendo dizimados, impiedosamente, por uma conjugação de causas que têm suas raízes nos colonialismos passado e presente das potências. Nossas metrópoles latino-americanas, pauperizadas pelo novo modelo, tendem a manter acesa a guerra civil oriunda do desemprego e da falta de perspectivas.

A solução envolverá, sem dúvida, a interrupção da lavagem cerebral de que falava Chomsky. Mas como fazê-lo? Como será possível reverter o processo de dominação e estabelecer prioridades para projetos nascidos dos interesses nacionais? Como suplantar a ação decorrente dos "inúmeros laços e das relações de dependência com as elites do mundo"? Como os mundos pobres podem coordenar esforços para as mudanças? Como criar suas próprias chances e resgatar a identidade ante os megabloques do mundo rico - a União Européia e o Acordo de Livre Comércio da América do Norte (Nafta)?

Estas questões parecem saltar do desabafo do chanceler Luís Felipe Lampreia, após ser informado de mais uma punição da Organização Mundial do Comércio (OMC) contra o Brasil e a favor do Canadá, envolvendo incentivos a exportações na-

cionais de aviões para linhas regionais, em meados de dezembro.

"As regras da OMC estão na medida para as nações desenvolvidas e não permitem que um país em desenvolvimento recupere seu atraso relativo, dando vantagens a seus produtores para ganhar competitividade em áreas de tecnologia de ponta", queixou-se o chanceler. "A OMC obriga o Brasil e os países em desenvolvimento a se afastarem da fabricação de produtos tecnologicamente mais avançados. Como nação em desenvolvimento, o Brasil não tem mercado de capitais, condições de financiamento, padrão de crédito internacional que nos permitam competir em igualdade de condições financeiras com produtos dos países desenvolvidos."

O embaixador Celso Amorim, que representou o país nas negociações na Organização Mundial do Comércio, foi mais claro: "A Embraer é uma empresa de um país em desenvolvimento que se atreveu a competir com a empresa (a Bombardier) de um país que tinha o monopólio no exterior. Nosso produto é melhor e mais barato", definiu Amorim, no episódio que retrata a lei da desigualdade estabelecida como norma fundamental nas relações entre os vários mundos, seja qual for o milênio em que se esteja. ■

¹ Noam Chomsky e Edward S. Herman - "Os Estados Unidos contra os Direitos Humanos no Terceiro Mundo", in A trilateral, nova fase do capitalismo mundial, Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 1979, página 185

Brasil

Na encruzilhada dos tempos

O desafio continua a ser a contraposição de um projeto nacional aos condicionamentos externos

O PAÍS DO CAFÉ DE CEM ANOS atrás vive o desafio de definir sua trilha, nesta transição de milênio. Nos últimos 70 anos, o Brasil atravessou 36 deles sob processos ditos revolucionários (15 de getulismo, 21 de regime militar), quando construiu e aprofundou sua inserção no mundo moderno. Criou um projeto afirmativo, embalou-se na autoconfiança, na ousadia de romper barreiras, na busca de um assento melhor localizado no conjunto mundial.

No espaço de poucas décadas, aos saltos e em meio a verdadeiras dores de parto, inverteu a relação 80 por 20 entre a população rural e a urbana. Dobrou essa nova esquina do tempo com uma população de 170 milhões de habitantes, a sexta maior do mundo, e uma taxa de urbanização acima de 80%, condizente com o nível de industrialização que alcançou e semelhante à dos chamados países desenvolvidos.

Na última década, porém, abandonou os antigos ideais, navega por bússolas alheias, tornou-se, como se queixam amplas correntes do pensamento nacional, uma nação sem projeto próprio.

Na corrente neoliberal

O Brasil do século XX marcou sua trajetória, entre os anos 30 e 90, pela postura de procurar o desenvolvimento, com base no entendimento de que este só pode se dar por um criativo esforço

de traçar os próprios rumos e navegar com inteligência entre os arrecifes de uma cena internacional geralmente adversa. Conseguiu, produziu números impressionantes, como a de posicionar-se entre as dez maiores economias industriais do planeta. Mas os anos 90 apresentaram a negação daquela vontade nacional que remodelou o Brasil.

O impulso da autonomia foi substituído, com extrema facilidade, pela nova doutrina de que é melhor deixar-se levar. O projeto nacional limitou-se a não ter projeto e a seguir os ditames da chamada globalização via mecanismos neoliberais (abertura comercial ilimitada, aceitação da competição predatória, endividamento como norma, transferência de patrimônio nacional para mãos estrangeiras, perda consentida da individualidade, aceitação passiva de limites inéditos ao exercício da própria soberania, renúncia a um projeto nacional, abandono de políticas culturais de construção do próprio ego nacional).

Uma abertura comercial só idêntica à do século XIX, a difusão de uma mentalidade recolonizada, a adoção de políticas que consagram o abandono de amplas parcelas da população à própria sorte, como a repetir concepções que lembram a ainda recente escravidão, além da queda da auto-estima, o desmaio do orgulho, a entrega programada das riquezas nacionais, via privatizações ou permissão para a competição predatória - este é o novo quadro, imerso no qual o

BREVE PAINEL DO MILÊNIO

SÉCULO XIII

1215 - Pressionado pelos barões, o rei inglês João Sem-Terra assina a Magna Carta, o primeiro documento escrito a limitar os poderes de um soberano.

SÉCULO XIV

1312/1335 - O Império do Mali, na África, atinge o seu apogeu durante o reinado de Kankan Mussa.

1325 - Os astecas fundam Tenochtitlán, atual Cidade do México.

1337/1453 - Questões dinásticas e a disputa pelo território de Flandres levam a França e a Inglaterra a se enfrentarem na chamada Guerra dos Cem Anos.

1347/1350 - A Peste Negra, trazida do oriente por um navio genovês contaminado, espalha-se pela Europa; cerca de um terço da população europeia é vitimada pela epidemia.

SÉCULO XV

1415 - A conquista de Ceuta, no norte da África, marca o início da expansão marítima portuguesa.

1448 - O ourives alemão Johannes Gutenberg inventa a impressora de tipos móveis, possivelmente a inovação tecnológica de maior impacto de todo o milênio.

BREVE PAINEL DO MILÊNIO

SÉCULO XV

1453 - Os turcos otomanos conquistam Constantinopla, alterando as relações de poder no Mar Mediterrâneo; o fato assinala a queda do Império Romano do Oriente, também chamado Império Bizantino, considerado o marco divisório entre o final da Idade Média e o início da Idade Moderna.

1492 - Na busca de uma rota alternativa para as Índias, o genovês Cristóvão Colombo, navegando a serviço da Espanha, chega à América.

1500 - O almirante português Pedro Álvares Cabral chega ao Brasil e toma posse da nova terra em nome do rei de Portugal, D. Manuel I.

SÉCULO XVI

1517 - O monge e teólogo alemão Martinho Lutero dá início à Reforma Protestante.

1582 - O Papa Gregório XIII edita a bula que institui o atual calendário cristão, conhecido como calendário gregoriano.

SÉCULO XVII

1628 - O médico britânico William Harvey publica *Estudo anatômico do movimento do coração e do sangue em animais*, revelando pela primeira vez os mecanismos da circulação sanguínea.

1687 - O inglês Isaac Newton, considerado o maior teórico da Física clássica, formula a Lei da Gravitação Universal.



Os presidentes Vargas (à esquerda), Goulart e Kubitschek (à direita) foram expoentes de elites políticas imbuídas do espírito de transformação do país

Brasil dá o primeiro passo no novo milênio, como se, na verdade, estivesse regredindo a práticas do século XIX.

Seriam efeitos das famosas "elites cruéis e sem caráter", que, mesmo intelectualmente bem preparadas ou à frente de indústrias modernas, teriam conservado os traços do coronelismo multissecular, e conservariam a disposição de sempre negar o acesso das massas populares aos benefícios do progresso?

Esta cena da virada do século despertaria estupor daqueles segmentos que fizeram a transformação a partir dos anos 30. Sim, porque o Brasil também produziu e mantém uma faixa de elite capaz de vislumbrar os interesses gerais. Mas, por alguma série de motivos, esse grupo perdeu politicamente a força para conduzir o processo.

Desafios

Fruto do surto industrializante pós-30, a concentração urbana é um desafio imediato, pois reflete toda a sorte de equívocos do passado recente e da fase atual. Examinando-se o período, percebe-se que as elites envolvidas na modernização foram incapazes de manter a mesma concordância nos aspectos sociais do salto brasileiro. Limitações ideológicas e o cuidadoso cultivo de fantasmas ene-

voaram a percepção da prioridade da inclusão social, da distribuição ao conjunto nacional dos benefícios do crescimento e da transformação. As leis sociais sempre foram mal assimiladas e, nos anos 90, profundamente desarticuladas.

Dar conseqüência à industrialização através de políticas ativas de larga inclusão social dividiam os que lutavam na mesma trincheira nacionalista. A unanimidade pela modernização econômica fracionava-se em relação a políticas de emprego, renda e amparo social. Políticas de inclusão social cheiravam a comunismo. O segmento militar foi talvez o mais contaminado por esse equívoco, aceitando conceitos de segurança nacional altamente ideologizados, pelos quais era preciso imaginar o próprio povo como o temível inimigo potencial.

Assim, quando fez sua própria revolução contra os planos de reforma social de João Goulart, o segmento militar foi capaz de manter as metas industrializantes e fortalecê-las com amplo programa de economia estatal. Mas mostrou-se desaparelhado para reconhecer a necessidade da reforma social. Acreditou e obteve sucesso nas investidas aos mercados externos - "exportar é a solução", pregava-se. Esqueceu-se das amplas possibilidades que um mercado interno dinâmico também precisaria oferecer.

Assim, a redistribuição das terras mal aproveitadas sofreu sistemática saturação, como se representasse um processo convulsionante da nacionalidade. Jamais foi vista como um simples processo de racionalização econômica, capaz de render intensos efeitos sociais com alta repercussão no mercado interno. Reforma agrária era coisa de comunista, dizia-se e ainda se diz. Os mesmos que tomam os Estados Unidos como referência esquecem de ver a sua política de criação de pequenos e médios proprietários rurais. A revolução educacional também não se fez, e o Brasil do início do terceiro milênio apresenta níveis muito baixos de qualidade e quantidade do ensino superior, muito aquém do que seria de esperar do tamanho de sua economia. A expansão do setor social - educação, saúde, previdência - foi deixada à iniciativa privada, como se fosse possível realizar apenas por tal mecanismo as modificações necessárias.

O desafio urbano ressalta, pois, como emergência. As recentes e imensas cidades brasileiras formam a última relíquia de um modelo de desenvolvimento que foi deixado de lado. A norma do precário, característica do neoliberalismo vigente, afeta empregos, saúde, educação, previdência, perspectivas de vida, auto-estima, convivência social.

As cidades vivem o que já se definiu como uma guerra civil não-declarada. Mata-se e morre-se em maior quantidade, em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, do que em áreas onde ocorrem guerras militarizadas. A delinquência tornou-se meio de vida para quantidades cada vez maiores da população mais pobre, com destaque para o comércio de drogas alucinógenas.

O sofrimento da experiência em curso desperta a convicção de que se está seguindo a rota errada e que se impõem correções de curso, para que o país volte a projetar seu próprio futuro. Do contrário, continuará a seguir por trilhas que se demonstram alheias a seus interesses. Mesmo que até a crescente população de rua possa exibir telefones celulares. ■

BREVE PAINEL DO MILÊNIO

SÉCULO XVII

1694 - O Quilombo dos Palmares é destruído pelas tropas comandadas pelo bandeirante Domingos Jorge Velho; no ano seguinte, Zumbi, o último grande líder de Palmares, é assassinado.

SÉCULO XVIII

1769 - James Watt aperfeiçoa a máquina a vapor, um elemento fundamental para a deflagração da Revolução Industrial na Inglaterra.

1776 - Os Estados Unidos da América são a primeira colônia do continente americano a declarar sua independência; a maioria das colônias ibero-americanas (Brasil, México, Argentina, etc.) alcançam sua independência entre 1810 e 1830.

1792 - Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, é enforcado. Foi um dos principais líderes da Conjuração Mineira, movimento que reivindicava a emancipação política do Brasil e sua transformação numa República.

1796 - Edward Jenner, clínico inglês, desenvolve uma defesa imunológica para a varíola, a partir do soro extraído de uma vaca infectada; o método de defesa imunológica torna-se conhecido como vacina, derivado do latim *vaccinus*, que significa "da vaca".

1789 - A tomada da Bastilha - prisão e símbolo do Absolutismo - pelo povo de Paris marca o início da Revolução Francesa, um fato histórico de enorme repercussão mundial, decisivo na superação do feudalismo pelo capitalismo, e que é tra-

dicionalmente utilizado para assinalar o início da Idade Contemporânea.

SÉCULO XIX

1822 - O príncipe-regente D. Pedro proclama a independência do Brasil de Portugal.

1837/1901 - Reinado da rainha Vitória, na Inglaterra; a Era Vitoriana marca o apogeu do Império Britânico, que chega a dominar mais de um quinto da área do planeta.

1848 - Os pensadores alemães Karl Marx e Friedrich Engels lançam o Manifesto do Partido Comunista, proclamando a classe operária a se rebelar contra o capitalismo.

1859 - O naturalista britânico Charles Darwin publica *A origem das espécies*; a teoria evolucionista de Darwin, hoje amplamente aceita, suscitou grandes controvérsias, pois contradizia o relato da *Bíblia* sobre a criação.

1876 - O escocês Alexander Graham Bell inventa o telefone.

1879 - Thomas Edison inventa a lâmpada elétrica.

1884 - A Conferência de Berlim tem como resultado a partilha da África entre as principais potências européias; a descolonização do continente africano só se daria na segunda metade do século XX.

1889 - No Brasil, o marechal Deodoro da Fonseca lidera um golpe que deruba a Monarquia e proclama a República.

1895 - Na França, surge o cinema, quando os irmãos Auguste e Louis Lumière realizam a primeira projeção pública de imagens em movimento.

BREVE PAINEL DO MILÊNIO

SÉCULO XX

1905 - O físico alemão Albert Einstein revoluciona a Física clássica com a publicação da *Teoria da relatividade restrita*.

1906 - Santos Dumont voa em Paris com o 14-Bis; é a primeira vez que um aparelho mais pesado que o ar sai do chão com recursos próprios.

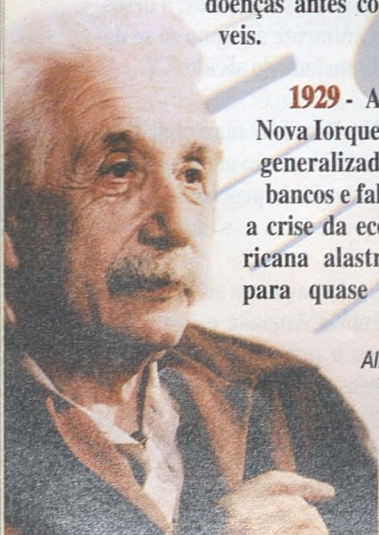
1913 - O americano Henry Ford introduz a linha de montagem em sua fábrica de automóveis, revolucionando a produção industrial.

1914/1918 - A Primeira Guerra Mundial provoca a morte de cerca de nove milhões de pessoas, inovando as formas de matar com a utilização dos aviões, dos submarinos, das metralhadoras e dos gases venenosos.

1917 - Os bolcheviques, liderados por Lênin, tomam o poder na Rússia e implantam o primeiro regime socialista da História; a partir de então, a rivalidade entre o capitalismo e o socialismo domina o cenário mundial durante quase todo o século XX.

1928 - O médico escocês Alexander Fleming descobre a penicilina, permitindo o tratamento de muitas doenças antes consideradas incuráveis.

1929 - A queda da Bolsa de Nova Iorque provoca uma onda generalizada de quebra de bancos e falência de empresas; a crise da economia norte-americana alastra-se rapidamente para quase todo o resto do



Albert Einstein, autor da *Teoria da Relatividade*

Foto: Cedoc



Os tripulantes da Apollo 11: Neil Armstrong (à esq.) foi o primeiro homem a pisar na lua

Foto: AFP

mundo capitalista, dando início à Grande Depressão que se estenderia pela década de 30.

1930 - A chamada Revolução de 30 põe fim à República Velha e leva ao poder Getúlio Vargas, que seria a figura dominante na política nacional até 1954, data de seu suicídio.

1939/1945 - Quase todo o planeta é convulsionado pela Segunda Guerra Mundial, considerado o pior conflito bélico de toda a história da Humanidade, com a morte de cerca de 50 milhões de pessoas.

1947 - A Índia se liberta de dois séculos de colonialismo britânico; com a independência, o subcontinente indiano é dividido em dois Estados, Índia e Paquistão, este último de maioria muçulmana.

1947/1991 - Os EUA e a União Soviética, as duas superpotências vencedoras da Segunda Guerra Mundial, disputam a hegemonia durante a chamada Guerra Fria, período marcado por graves tensões, provocadas sobretudo pelas ameaças periódicas de uma guerra nuclear; a queda do Muro de Berlim (1989) e a desintegração da União Soviética (1991) simbolizam o fim da Guerra Fria.

1949 - É proclamada a República Popular da China, com a vitória das forças comunistas de Mao Tse-tung; o

triunfo da Revolução Chinesa causa um enorme impacto no mundo, pois significa a adesão de um quinto da humanidade ao comunismo.

1964 - Um golpe militar depõe o presidente João Goulart e implanta um regime autoritário que dura 21 anos no Brasil.

1969 - O astronauta norte-americano Neil Armstrong, um dos tripulantes da nave Apollo 11, é o primeiro homem a pisar na lua; computadores de duas universidades norte-americanas estabelecem a primeira conexão por meio da Apanet, rede precursora da internet.

1982 - É identificada a Síndrome de Imunodeficiência Adquirida (Aids), doença transmitida pelo vírus HIV, que a partir dos anos 80 transforma-se numa epidemia, espalhando-se pelo mundo inteiro.

1988 - É promulgada a nova Constituição brasileira, a oitava de nossa História e a sétima do período republicano; a Constituição de 1988 é um dos marcos da redemocratização do país, após os 21 anos de regime autoritário (1964-1985).

1991 - Os presidentes do Brasil, da Argentina, do Paraguai e do Uruguai assinam o Tratado de Assunção, que cria o Mercado Comum do Sul (Mercosul), o qual entra em vigor a partir de 1995.

O que eles dizem...

"A última metade do século que passou nos mostrou que integração econômica global e regional não é a principal fonte de crescimento para a maioria dos países. Grandes nações da periferia que tentam desenvolver-se podem tirar vantagens do mercado internacional e dos fluxos de capitais, mas o principal dinamismo de seu crescimento estará sempre baseado na vitalização de seus próprios empreendedores e investidores internos."

Gilberto Dupas, do Instituto de Estudos Avançados da USP, em artigo no Estado de S. Paulo

"Eu acho a corrupção intolerável."

Fernando Henrique Cardoso, presidente da República, comentando as denúncias do senador ACM e anunciando que já mandou investigá-las, no JB

"Se ele está adotando providências contra a corrupção, não estou vendo ninguém ser preso. A gratidão está pouca. (...) Ninguém faz mais por este governo do que eu."

Antônio Carlos Magalhães, presidente do Senado, mantendo suas acusações de que o governo é condescendente com a corrupção e pressionando FHC a agir contra o PMDB, no JB

"Vamos adotar uma solução extrema, caso se perceba que o governo vai lutar contra a candidatura do senador Jáder Barbalho."

Michel Temer, presidente da Câmara dos Deputados, admitindo o rompimento do PMDB com o Planalto, como consequência das acusações contra Jáder, em O Globo

"Todos têm direito a uma existência digna, mas em seu próprio país."

Joerg Haider, líder da extrema-direita austríaca, durante visita a Roma, explicando suas posições consideradas xenófobas e racistas

"Na porta de entrada dos países europeus ou na fronteira entre o México e os EUA (...) milhares de pobres imigrantes tentam a sorte e muitas vezes encontram a morte. São impedidos de entrar no que seria o paraíso da subsistência. Gesto brutal de intolerância dos ricos contra os pobres."

Cristovam Buarque, ex-governador do Distrito Federal e ex-reitor da UnB

"Não houve interesse, porque ficar como está é ótimo para o executivo."

Michel Temer, presidente da Câmara dos Deputados, explicando a não aprovação ainda do projeto que limita a utilização de medidas provisórias pelo presidente da República

"Uma criança que passa o dia inteiro diante da televisão, assistindo a uma programação que em nada acrescenta à sua vida - pelo contrário, induz a ter um comportamento fora dos padrões morais e éticos -, está consumindo uma droga."

D. Jaime Chemello, presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, ao lançar a campanha da fraternidade de 2001, cujo tema é "Vida sim, droga não"

"Eu e Tasso somos amigos. Acho horrível quando os jornais ficam alimentando intrigas entre nós dois."

José Serra, ministro da Saúde, pré-candidato presidencial do PSDB, sobre possíveis divergências com seu concorrente Tasso Jereissati, governador do Ceará

"Teremos a oportunidade de mostrar que podemos superar um Congresso dividido, com diversos assuntos pendentes, que são mais importantes do que os fatores que levaram à sua divisão."

George W. Bush, presidente eleito norte-americano, com seu estilo considerado um tanto hermético, em O Globo

"Eu não condenaria o rapaz (Gore) por querer tentar de novo em 2004. Mas será uma batalha difícil para Gore conseguir novamente a indicação do partido."

Joseph Biden, senador democrata, considerando que Bill Clinton não vai sair de cena, em O Globo

"EUA e Brasil continuarão a trilhar o caminho da excelência em suas relações, norteados pelo respeito mútuo e por nossas afinidades e valores e objetivos comuns."

Fernando Henrique Cardoso, presidente do Brasil, no telegrama de felicitações a George W. Bush

"E incompreensível a lentidão com que age o atual governo, integrado por tantos perseguidos pela ditadura, entre eles o próprio presidente da República, diante da situação desesperadora que estão vivendo centenas de companheiros seus, desempregados, velhos e doentes, muitos sem condição de trabalho para conseguir a própria subsistência."

José Maria Rabêlo, jornalista, escritor e ex-perseguido político, denunciando a burocracia que vem negando aposentadorias especiais a ex-exilados, no JB

A MÚSICA UNIVERSAL

DE

Perto de completar 30 anos de carreira, o cantor e compositor começa a ver sua obra cada vez mais conhecida e admirada não só no Brasil mas também no exterior

Márcio Paschoal

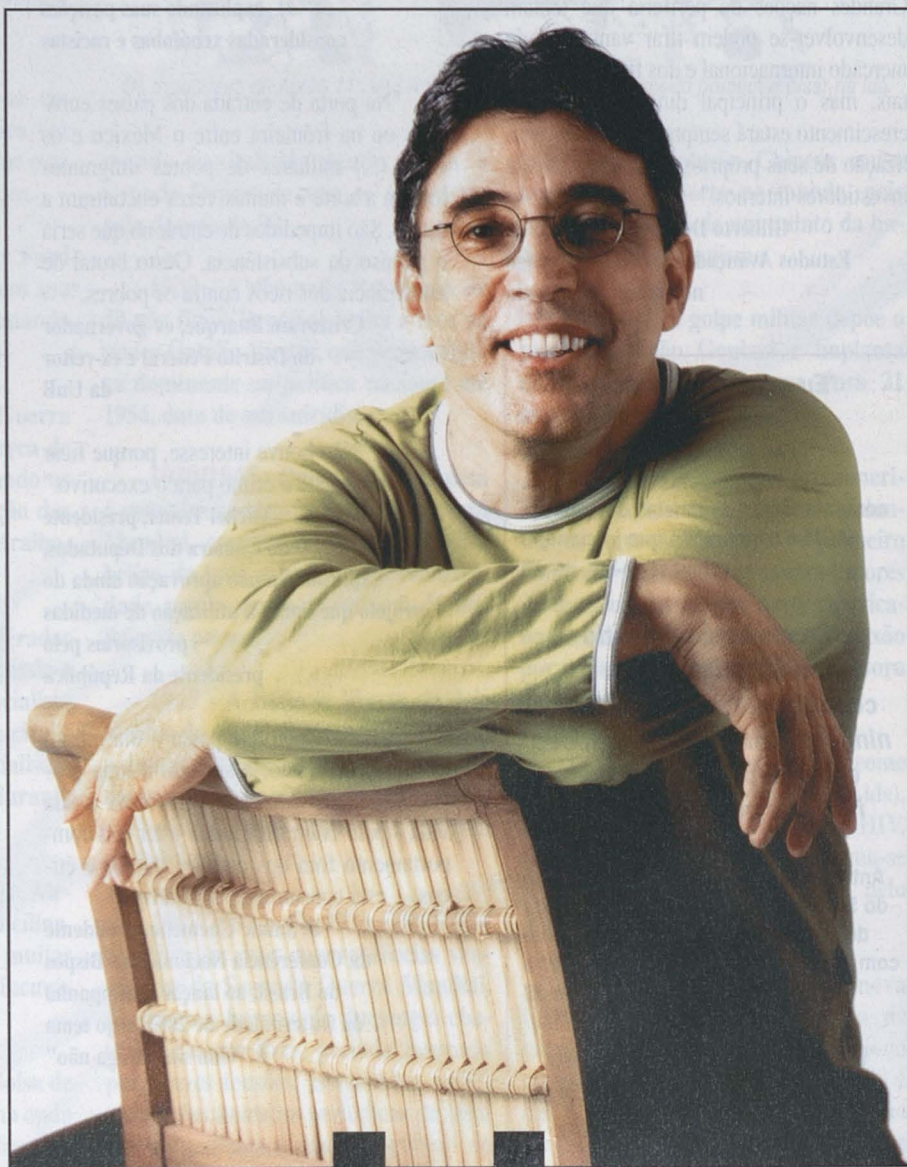


Foto: Márcio Paschoal

Ivan Lins

DEPOIS DE TRÊS ANOS afastado dos estúdios de gravação, o carioca Ivan Lins retorna com chave de ouro ao mercado em um disco de músicas inéditas, num trabalho autoral em que inaugura novas parcerias com Caetano Veloso, Aldir Blanc e Celso Viáfara, entre outros. Indicado ao Grammy latino pela trilha sonora do filme *Dois córregos*, de Carlos Bierrenbach, Ivan está com todo o gás: lançou, no Carnegie Hall, o álbum *A love affair*, com a presença de diversos astros norte-americanos e, depois, partiu para uma excursão pelos Estados Unidos, ao lado de Leila Pinheiro e Ed Motta.

O que têm em comum Sarah Vaughan, Carmmen McRea, Ella Fitzgerald, George Benson, Barbra Streisand, Quincy Jones, Sting, Freddy Cole, Grover Washington Jr., Chaka Khan, Vanessa Williams, Elis Regina, Simone, Nana Caymmi? Acertou quem suspeitou que todos esses grandes nomes nacionais e internacionais já gravaram músicas de Ivan Lins.

O pianista, carioca da Tijuca, pode ser considerado um dos mais conceituados compositores da atualidade. Ultimamente vem se dedicando mais à sua carreira internacional, sendo o compositor brasileiro vivo mais gravado no exterior (são quase 100 gravações). Acostumado a ser visto pelos artistas de fora, notadamente os norte-americanos, como um músico essencialmente jazzístico, Ivan lançou em setembro, nos Estados Unidos, o CD *A love affair - the music of Ivan Lins*, um álbum em sua homenagem, com um elenco de estrelas do primeiro time *pop* da América. O próprio Ivan comenta: "Eu sempre me acostumei a ouvir as gravações de minhas músicas por outros artistas com um mistura de atitudes brasileiras e de jazz. Raramente tive minhas músicas concebidas em versões *pop* americanas, sendo este disco uma visão contemporânea americana da minha música."

De fato, já gravado pelas grandes divas do jazz, como Sarah Vaughan,

Ella Fitzgerald (gravação ao vivo de *Madalena*, após ficar completamente apaixonada pela interpretação de Elis Regina), e Carmmen McRea (antológica gravação de *Love dance*), entre outras, e em versões instrumentais, como *Dinorah, Dinorah*, com George Benson, e produzida por Quincy Jones, no fabuloso álbum *Give me the night*, Ivan Lins atinge agora os *pop stars*, anteriormente só experimentado com Barbra Streisand, com *The island* (versão discutível para a maravilhosa *Começar de novo*).

Formato 'pop'

Neste seu disco-tributo *pop*, destaque para o cantor, dublê de defensor das causas indígenas, o velho Sting, que vem com *Soberana rosa (She walks this earth)*, parceria de Ivan com Chico César e Vítor Martins; também Freddy Cole com *Anjo de mim* (que virou *I'm not alone*); além de uma versão instrumental de Grove Washington Jr. para *Cama-leão*. O homenageado canta em português (única no disco) a emblemática *Somos todos iguais esta noite*, em releitura mais calma e introspectiva.

A verdade é que o disco norte-americano em tributo a Ivan Lins tem um formato *pop* proposital, uma vez que os rótulos de jazz tendem a limitar as vendas, mesmo no país de sua origem, os Estados Unidos. E a expectativa da gravadora Abril Music é de vendas significativas, já que as músicas do compositor combinam harmonias complexas com melodias que podem ser facilmente cantadas. Que assim seja.

Ivan está mesmo com a bola toda. Este ano foi indicado ao prêmio Grammy (o Oscar da música norte-americana) Latino, pela trilha sonora do filme *Dois córregos* e já tinha sido indicado pelo álbum *The songs of heart*, gravação com o fantástico trumpetista Terence Blanchard.

O lançamento do disco badalado aconteceu em outubro, no Carnegie

Hall, tradicional reduto norte-americano da bossa nova, em emocionante espetáculo com a presença de cantores que participaram da gravação do disco, Freddy Cole, Chaka Kahn e Vanessa Williams, entre outros, para uma platéia repleta de amigos e admiradores. Destaque para a parte brasileira no espetáculo: Leila Pinheiro arrasou em *Águas de março*, de Tom Jobim, e em *Girassóis e cata-ventos*, de Guinga e Aldir Blanc. Teve ainda o ótimo Batacotô e um aplaudidíssimo Ed Motta.

Nitidamente emocionado, Ivan se lembrava do mestre Jobim que lhe falava que músico para receber homenagem tinha que estar velho, fumando charuto e usando chapéu, numa sutil referência às tardias homenagens. No caso de Ivan, nem tanto, pois agora era a sua vez, sem charuto e chapéu, embora mais amadurecido.

Afinal, Ivan pode não ser um nome bastante conhecido na América mas, tirando Jobim, nenhum outro compositor brasileiro é visto com mais respeito e admiração.

E não fica por aí, depois de um longo tempo afastado dos estúdios, ele volta com um disco autoral, *A cor do pôr-do-sol*. Neste trabalho, Ivan estréia novas parcerias, como a já citada *Dois córregos* com Caetano Veloso; mais quatro músicas com o paulista Celso Viáfara, incluindo a que dá nome ao disco; outra com Aldir Blanc, Cláudio Jorge e o gaúcho, revelado com Ana Carolina, Totonho Villeroy.

"O disco *A cor do pôr-do-sol* é um trabalho autoral que reúne algumas das canções que compus nestes últimos cinco anos", explica Ivan. O trabalho, 27º disco solo de uma carreira que completará 30 anos em 2001, vem a seguir de dois anteriores, os temáticos sobre a obra de Noel Rosa e outro sobre músicas de Natal. Este último lhe deu o primeiro disco de platina, com 250 mil cópias.

Já o de Noel, foi muito gratificante para o compositor de *Vitoriosa*, fã

Discografia de Ivan Lins

- Ivan Lins - *Compacto Duplo* (vinil) 1970
- *O amor é meu país* - *Compacto Simples* (vinil) 1970
- *Forma Brasil* - *Compacto Simples* (vinil) 1971
- *Ivan Lins, agora...* - *LP* (vinil) 1971
- *Deixa o trem seguir* - *LP* (vinil) 1972
- *Quem sou eu?* - *LP* (vinil) Philips 1972
- *Modo livre/ Abre-alas* - (vinil) RCA 1974
- *Chama acesa* - (vinil) RCA 1975
- *Somos todos iguais esta noite* - (vinil e CD) EMI 1977
- *Nos dias de hoje* - (vinil e CD) EMI 1978
- *Ivan Lins, a noite* - (vinil e CD) EMI 1979
- *Novo tempo* - (vinil e CD) EMI 1980
- *Daquilo que eu sei* - (vinil e CD) EMI 1981
- *Depois dos temporais* - (vinil) Philips 1983
- *Juntos* - (vinil e CD) Philips 1984
- *Live at Buenos Aires in 1984* - (vinil e CD) EMI 1984
- *A doce presença* - (vinil) Philips 1986
- *Ivan Lins* - (vinil e CD) Sigla 1986
- *Maos* - (vinil) Philips 1987
- *Amar assim* - (vinil e CD) Polygram 1988
- *Abre-alas* - (vinil e CD) RCA BMG 1989
- *Love dance* - (CD) 1989
- *Ivan Lins 20 anos* - (vinil e CD) Sigla 1990
- *Awa Yio* - (vinil e CD) Velas 1992
- *A doce presença* - (vinil e CD) Velas 1994
- *Anjo de mim* - (CD) Velas 1995
- *Natal com Ivan Lins* - (CD) Velas 1995
- *Ivan Lins, Chucho Valdez e Ikakere ao vivo* - (CD) 1996
- *Viva Noel* - (CD) Velas 1997



Foto: Divulgação

O recém-lançado 'A love affair', com a presença de diversos astros norte-americanos

declarado do artista. E o resgate de um nome como o de Noel Rosa será sempre bem-vindo, posto que parece ter virado uma tendência nociva entre nós esquecer os melhores talentos, que não estão na mídia e acabam desprezados pelas gravadoras. Ivan se revolta, e desfila ironia: "O engraçado é que o Brasil é um país tão grande e tão rico que desperdiça água, mata, florestas, e também gente. E canções. A música de Noel tem que tocar nas rádios. Os jovens deveriam conhecer Noel e os mais velhos deveriam lembrar mais desse compositor extraordinário."

Ivan não gosta de ficar acomodado, e mostra isso quando busca novos caminhos para sua música, sem abandonar o velho parceiro Vítor Martins. Isto se aplica também às versões de seu novo disco. Ele reconhece o problema de se traduzir as ricas metáforas da língua portuguesa (em relação à excelên-

cia do trabalho de um letrista como o próprio Vítor) e admite a tremenda dificuldade e o abismo entre os dois idiomas e, mais ainda, das realidades completamente distintas do nosso país e os Estados Unidos. Vem daí a decisão do compositor em deixar livre a tradução de suas músicas, para que nada venha a limitar a criatividade.

Assim coube a tarefa de verter para o inglês as canções de Ivan ao experiente Paul Williams e ao casal Alan e Marilyn Bergman (os mesmos das músicas de Michel Legrand).

O disco norte-americano e tributo à música de Ivan Lins foi produzido e teve os arranjos a cargo de Jason Miles, velho conhecido por outros trabalhos famosos com Whitney Houston, Diana Ross e Aretha Franklin.

Definitiva-mente, fica claro que a música de Ivan Lins possui uma contemporânea sensibilidade e, sem dei-

de ser pura e brasileira, recebe diferentes roupagens e continua versátil, independente dos nomes, arranjos, idiomas e estilos. O maestro Quincy Jones diz que Ivan é um dos compositores mais românticos e classifica sua música como mágica. Um músico maravilhoso a quem ele aprendeu a conhecer e a respeitar.

Deu no *Los Angeles Times*, na coluna do respeitado crítico Don Heckman, que o álbum *A love affair - the music of Ivan Lins* ressalta o prestígio do compositor no meio jazzístico americano. E bota prestígio nisso. Ao dizer de Aldir Blanc, as canções de Ivan Lins representam nossas areias, matas, rios e mares que ficam com jeito do Olimpo.

Pensando bem, o Olimpo é que limita o Brasil, especialmente a Tijuca, de onde Ivan retirou a seiva da pedra para vir a ser um músico do mundo. ■

Brasil 500 sob o olhar feminino

Projeto ambicioso agrupa 900 nomes que resgatam as mulheres como sujeitos da história do Brasil nesses 500 anos

Tetê Duche

Onde estavam as mulheres no longo período de colonização, no breve império e na vida republicana? Que vozes não foram ouvidas? Quem são as mulheres cujas vida pode mostrar o que existe atrás dos panos?, indaga Shuma Shumaker, presidenta da organização não-governamental Rede de Desenvolvimento Humano (Redeh), que encabeçou uma vasta pesquisa com mais de 900 nomes de mulheres que viveram na Terra de Santa Cruz, como foi chamado o Brasil no século XVI. A resposta a esses questionamentos resultou no *Dicionário Mulheres do Brasil - de 1500 até a atualidade* (Jorge Zahar Editor, 567 páginas, R\$49,00), sob a coordenação geral de Shuma e coordenação executiva de Érico Vital Brasi. Com 270 ilustrações, a obra visa dar visibilidade à atuação, ao saber, à fala e ao olhar feminino nestes últimos cinco séculos.

"Aproveitamos como gancho o 'achamento' do Brasil pelos portugueses para se fazer justiça às mulheres desse país, àquelas que estavam nas entrelinhas", explica Shuma Shumaker. O projeto é ambicioso. Consumiu os três últimos anos e é um desdobramento de outro projeto, *Mulher - 500 anos atrás dos panos*. Ela interpreta a expressão "quatro ou cinco mulheres moças que não

pareciam mal", contida na carta de Pero Vaz de Caminha, datada de 26 de abril de 1500, como a curiosa e provocativa ótica dos portugueses que chegaram ao litoral, em relação às mulheres que habitavam o país - aquelas cujo destino foi alterado pela chegada dos colonizadores. "Me refiro às indígenas, nossas grandes injustiçadas."

Nesse mergulho de três anos no universo feminino, integrantes de um Comitê Consultivo permanente - com 16 profissionais das mais diversas áreas - esmiuçaram os arquivos públicos e bibliotecas de várias capitais do Brasil, sobretudo no Rio de Janeiro, onde se concentra grande parte dos acervos documentais do país. Foi uma verdadeira garimpagem de informações ocultas da história oficial. A pesquisa, que contou com o apoio financeiro da Fundação Ford e parceria da organização Arte Sem Fronteiras, estendeu-se a acervos de Portugal, França e Holanda.

Destino trágico das índias

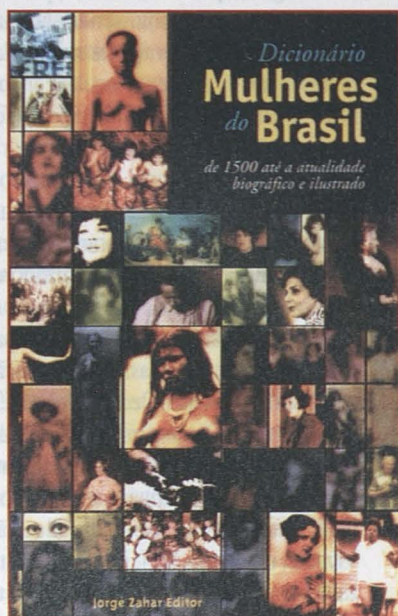
O marco inicial da pesquisa deveria recuar até a sociedade indígena, antes da chegada dos portugueses, quando a condição dessas mulheres poderia ser pesquisada no seio da própria cultura. Evidentemente, esbarrou-se em dificuldades intransponíveis quanto a fontes, fragmentadas pela parcialidade e vulne-

rabilidade do tempo, distorções dos testemunhos e relatos históricos oficiais produzidos pelos conquistadores das terras brasileiras.

O destino que teriam essas mulheres indígenas é trágico: elas não só seriam tragadas pela violência do processo de colonização como seriam vítimas do pior tipo de exploração sexual. "Elas representam o elemento oculto, anônimo. A maioria dos contemporâneos omitiu seus nomes, ignorou sua história e tratou-as como seres não-humanos. Elas são nossas grandes heroínas, mesmo aquelas que se aliaram por bem ou por mal aos brancos colonizadores para sobreviver."

Shuma destaca como uma das suas personalidades favoritas Bartira, a Mãe do Povo Brasileiro. De acordo com a descrição do *Dicionário Mulheres do Brasil*, Bartira era "índia tupiniquim, filha do cacique Tibiriçá, o mais importante indígena da capitania de São Vicente, no século XVI. Bartira foi batizada com o nome de Isabel Dias e uniu-se ao português João Ramalho, que vivia entre os índios nessa capitania.

Alguns historiadores - como Frei Gaspar da Madre de Deus, em *Memórias para a história da capitania de São Vicente*, hoje chamada de São Paulo, e Gustavo Geraldo de Almeida, em *Heróis indígenas do Brasil - memórias sinceras de uma raça* - atestam que a união conjugal de Bartira e João Ramalho foi



O livro (capa reproduzida à esquerda) resgata, entre outras, a importância de mulheres como a índia Bartira, considerada uma das mães do povo brasileiro; Bertha Lutz (acima), criadora da Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher; Antonieta de Barros (no alto, à direita), a primeira negra a ocupar um cargo eletivo no país; e a vice-governadora do Rio de Janeiro, Benedita da Silva, cujo passado nos movimentos sociais durante a ditadura é lembrado



reconhecida pelas autoridades coloniais como fundamental na viabilização do processo de colonização luso-tupi da cidade de São Paulo. Eles tiveram muitos filhos. Algumas filhas casaram-se com os mais influentes homens da capi-

tania, dando origem a ilustres famílias paulistas. Parte da historiografia brasileira dos anos de 1940 consagra Bartira, ao lado de Catarina Paraguaçu e Maria do Espírito Santo Arco-Verde, como Mães do Povo Brasileiro".

Outra personalidade indígena destacada é Madalena Caramuru, que viveu no século XVI. O verbete sobre ela atesta que "para historiadores como Gastão Penalva, em *Mulheres: história e fantasia*, e Francisco Varnhagem, em

A *História Geral do Brasil*, Madalena Caramuru foi a primeira mulher brasileira a saber ler e escrever, numa época em que as mulheres eram mantidas na absoluta ignorância e alijadas dos bens materiais. Gastão Penalva atribui ao marido dela o ingresso de Madalena no mundo das letras.

Gastão Penalva transcreve em sua obra uma carta que teria sido escrita por ela, em 1561, ao bispo de Salvador, pedindo que as crianças escravas, "que se vêem separadas dos pais cativos, sem conhecerem Deus, sem falarem a nossa língua e reduzidas a esqueletos", fossem salvas dos maus-tratos. A carta atribuída a Madalena Caramuru perdura no tempo como uma construção histórica que busca resgatar o papel das mulheres na sociedade luso-brasileira colonial."

Transgressoras da ordem

O processo de elaboração da pesquisa *Mulheres do Brasil* foi sempre alimentado, conta Shuma Shumaker, por informações e reflexões infundáveis sobre essas primeiras personalidades de nossa história. Junto com o comitê consultivo, os estudiosos decidiram segmentar o estudo primeiro pelas etnias: indígenas, negras e brancas. Depois, por questões geográficas e por períodos históricos. "Tivemos um céu estrelado com mais de 1.600 nomes e achamos que o ano de 1975 era a data emblemática para concluir o projeto, já que foi considerado pelas Nações Unidas o Ano Internacional da Mulher."

Agrupar dados pessoais, fatos sociais que estavam dispersos em arquivos de difícil acesso ou ainda na lembrança das pessoas foi complicado. Porém, o critério para a inclusão dessas personalidades foi contemplar aquelas que transgrediram a ordem social vigente do seu período e participaram de movimentos em nome da liberdade e da dignidade.

A presença das africanas no livro foi

objeto de tarefa árdua que exigiu atenção especial. Há muito ainda por ser analisado e os estudos basearam-se na produção acadêmica disponível para levantar nomes de mulheres que representavam as ocupações sociais típicas entre as negras antes da abolição da escravatura, em 1888. "Escravas do eito, domésticas, amas-de-leite, quituteiras, escravas prostitutas, escravas de ganho, para mencionar as atividades mais usualmente exercidas pelas africanas."

Em seguida, deu-se preferência às negras consideradas por suas representações sociais: figuras femininas que perduraram no âmago da cultura brasileira, como mães de santo, entre elas, Mãe Menininha do Gantois, e benzedoras. A Escrava Anastácia é um exemplo. Sua existência é contestada, porém a simbologia que seu nome evoca transcende querelas historiográficas.

A presença das mulheres negras na sociedade brasileira do século XX é uma conquista lenta e gradual. Elas tiveram que vencer a opressão e o preconceito racial para firmarem-se na sociedade, superando dois estigmas: o da cor da pele e o da exclusão do mundo das artes, letras e da política. Um exemplo da raça em destaque é Antonieta de Barros (1901-52). Iniciou sua carreira como jornalista, no jornal *A Semana*, mantido na cidade de Florianópolis até 1927. Foi educadora e, na primeira eleição que as mulheres brasileiras puderam votar e serem votadas, filiou-se ao Partido Liberal Catarinense, tornando-se a primeira negra a assumir um mandato popular no Brasil.

Seu exemplo é pioneiro e dignifica a raça porque até a década de 50 raríssimas eram as mulheres que participavam de cargos eletivos e de gerência na administração pública. A vice-governadora do Rio de Janeiro, Benedita da Silva (PT), é a primeira senadora negra de toda a história republicana brasileira e, portanto, destaque incluído no livro. Política ativista do Movimento Negro e Feminista, Bené viveu tempos de agita-

ção social e dureza durante o regime militar nas décadas de 1960 e 1970, quando começou a militar em movimentos comunitários para enfrentar a difícil situação dos negros e favelados do Rio de Janeiro. Sua atuação serviu para iniciá-la na política. Benedita da Silva é uma personalidade que reflete os avanços da mulher ocidental no século XX.

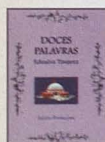
Feminismo e direitos a voz e voto

Ao longo dos 500 anos de história do Brasil, ser branca já representava um sinal de distinção social. Para selecionar as mulheres brancas que seriam incluídas no estudo, segundo Shuma Shumaker, levou-se em consideração critérios específicos: a ocupação (seja de donatárias, sesmeiras ou senhoras de engenho), a capacidade de transgressão social e o acesso à educação e ao voto. A Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF), por exemplo, surge por iniciativa de um grupo de mulheres de classe média, de elevada escolaridade e conhecedoras dos rumos dos movimentos feministas na Europa e nos EUA, para difundir entre as mulheres a importância do voto, na década de 20. A origem do FBPF se confunde com a biografia da bióloga Bertha Lutz, sua fundadora e principal líder por mais de duas décadas. Bertha Lutz criou também a Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher, que buscou difundir a idéia do voto feminino em outros estados e pressionar os parlamentares em prol dos interesses da mulher.

O projeto *Mulheres do Brasil - de 1500 até a atualidade*, além de resgatar as protagonistas da construção social do país ao longo desses 500 anos, chega como um projeto ambicioso. Vai desmembrar-se em uma publicação luxuosa com as fotografias de suas personagens, um sítio na internet, um CD-ROM e em dois programas para a TV a cabo GNT. ■

Postal Norte-Sul

AUTO-AJUDA



DOCES PALAVRAS
Ednalva Tavares Cód. 0001
A luz que ilumina a alma pode transformar o corpo e torná-lo tão leve que o aproximará e muito do incorpóreo. 64págs. (formato: 15cmx11cm). R\$5,00 - **Janine Prod.**

BIOGRAFIAS



CONFISSÕES
Darcy Ribeiro Cód. C 0890
Autobiografia, escrita até momentos antes de sua morte, em 1997. Uma vida riquíssima contada com emoção e irreverência. 592 páginas R\$36,00 - **Editora Cia. das Letras**

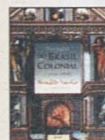


PRESTES
Lutas e autocríticas. Edição Comemorativa dos 100 anos de Luiz Carlos Prestes
Dênis de Moraes e Francisco Viana Cód. 020015
Este é o livro para o qual, em vida, Prestes deu o seu melhor depoimento. Para esta edição, a família Prestes abriu seus arquivos de fotos (quatro cadernos de fotos, 32 páginas). 324 páginas. R\$39,00 - **Ed. Mauad**

DICIONÁRIOS



DICCIONÁRIO CRÍTICO DO PENSAMENTO DA DIREITA
Ideias, instituições e personagens
Vários organizadores Cód. 0100-92
Obra que ratifica a importância dos campos direita/esquerda para os debates políticos contemporâneos apresenta cerca de 300 verbetes escritos por 120 autores de diversas universidades ou pesquisadores independentes, de vários estados e países, de diferentes visões e posicionamentos. 260págs. R\$78,00 - **Editora Mauad**



DICCIONÁRIO DO BRASIL COLONIAL (1500 - 1808)
Ronaldo Vainfas (direção) Cód. 85 7302 320-1
Este é o primeiro dicionário crítico sobre as nossas raízes coloniais. Os primeiros séculos de nossa história estão representados de A a Z, em forma de verbetes atraentes e concisos. A obra mostra todos os personagens que nos ajudam a compreender melhor os sentimentos e o modo de vida de uma sociedade meio encantada e meio diabólica como a colonial. 599págs. R\$49,90 - **Editora Objetiva**



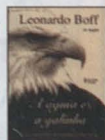
DICCIONÁRIO MULHERES DO BRASIL de 1500 até a atualidade
Schuma Schumahr (coordenação) Cód. 85 7110 573-1
Com cerca de 900 verbetes e mais de 270 ilustrações, este dicionário torna-se referência obrigatória para estudos da história brasileira. O compromisso é com a tentativa de recuperar a trajetória das brasileiras que, com muitas outras afora, ainda estão escondidas atrás dos panos. 567 páginas. R\$49,00 - **Editora Jorge Zahar**

EDUCAÇÃO



ESTEREÓTIPOS SEXUAIS NA EDUCAÇÃO
Um manual para o educador
Moema Toscano Cód.: 85.326.2285-2
Militante feminista desde os anos 70, a autora discute o papel da escola e do professor como obstáculos (quase sempre) ou como alavancas (às vezes) na mudança do relacionamento homem/mulher. 116 páginas. R\$ 14,30 - **Ed. Vozes**

FILOSOFIA



A ÁGUA E A GALINHA
Uma metáfora da condição humana
Leonardo Boff Cód. 85-326-1845-6
Uma história africana proposta ao leitor como reflexão de sua própria condição, origem e destino. Segundo o autor, é preciso que se busque o equilíbrio. 208 páginas. R\$18,00 **Editora Vozes**



O DESPERTAR DA ÁGUA
Leonardo Boff Cód.5-326-1977-0
O livro continua o anterior *A água e a galinha*, e relaciona a dimensão-água e a dimensão-galinha com o Universo, a história e a pessoa humana. 176 páginas. R\$14,00 **Editora Vozes**



SABER CUIDAR
Leonardo Boff Cód. 85-326-2162-7
O livro detalha o cuidado em suas várias concretizações: com a Terra, a sociedade sustentável, o corpo, o espírito e a grande travessia da morte. 200 páginas. R\$18,00 **Editora Vozes**

HISTÓRIA



BRASIL 500 ANOS EM DOCUMENTO
Ivan Alves Filho Cód. 0200-17
Um livro de referência, didático, para estudos sobre documentos que registram a História do Brasil. 656 páginas. R\$99,00 **Editora Mauad**



BINÔMIO - EDIÇÃO HISTÓRICA
Dir. José Maria Rabêlo Cód. BA 7013
A história do primeiro jornal da moderna imprensa alternativa brasileira, que nunca se curvou aos poderosos. Mais de 200 reproduções, muito humor e a narrativa, documentada, da conspiração de direita que levou ao golpe de 64. 263 páginas. R\$34,00 - **Editora Barlavento e Armazém de Ideias**



ESCRavidÃO OU MORTE
Jorge Preta de Souza Cód. 0100-20
O autor propõe uma questão candente: por que lutavam os escravos de uma pátria que os oprimia? A obra analisa a participação de escravos como soldados do exército brasileiro, durante a guerra do Paraguai, construindo sua liberdade através da vida militar. 136 páginas. R\$22,00 - **Editora Mauad**



HISTÓRIA DO CONE SUL
Amado Luiz Cervo e Mario Rapoport (org.) Cód. 0159
Coletânea de ensaios sobre a história dos países do Cone Sul, abordando relações regionais e sua inserção na economia internacional. 336 páginas. R\$34,50 - **Editora Revan**



HISTÓRIA DA IMPRENSA NO BRASIL
Nelson Werneck Sodré Cód. 0100-68
O livro vem preencher a necessidade de profissionais e estudantes em suas teses, pesquisas, estudos, ensaios e trabalhos dos mais diversos. 501 páginas. R\$59,00 - **Ed. Mauad**



MINAS DO OURO E DO BARROCO
As raízes históricas da cultura mineira
Washington Albino Cód. BA 7014
O livro reconstitui o barroco mineiro, a primeira manifestação artística autenticamente nacional. Imprescindível para o conhecimento da História do Brasil. 248págs. R\$38,00 - **Barlavento Grupo Editorial**



NAS FRONTEIRAS DO PODER
Conflito e direito à terra no Brasil do séc. XIX
Márcia Maria M. Motta Cód. A-025
O livro permite compreender a complexidade das relações sociais e de poder no mundo agrário fluminense de meados do século XIX. 247 páginas - R\$21,00 - **Arquivo Público**

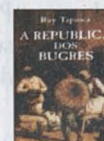


O EXÉRCITO SOVIÉTICO NA II GUERRA
Leonid Ieremeev Cód. 0084
Relato dramático e fartamente documentado que revive momento crucial para a sobrevivência dos valores humanitários. 128 páginas. R\$12,00 - **Editora Revan**

LITERATURA



A INVENÇÃO DO MAR
Gerardo Melo Mourão Cód. 050229
Uma grande epopéia sobre o descobrimento do Brasil e os momentos primordiais da colonização portuguesa. 368 páginas. R\$ 28,00 **Editora Record**



A REPÚBLICA DOS BUGRES
Ruy Tapioca Cód.85.325.1028-0
O livro surge em um momento oportuno para uma reflexão sobre a História do país e a nossa formação como povo, além de ser uma realização literária de fôlego. 532págs. R\$ 35,00 - **Editora Rocco**

MEMÓRIAS



EUROPA 1935 - UMA AVENTURA DE JUVENTUDE
Moacir Werneck de Castro Cód. 85.01.05771-1
A partir das lembranças de uma viagem à Europa, o autor faz uma reflexão alternando memória e substância, reinterpretando fatos que ajudam o leitor a pensar o Brasil de hoje. 223 páginas. R\$20,00 - **Ed. Record**



HERANÇA DE UM SONHO
 Marcio Antonio Tavares Coelho
 Cód. 85.010.576-2

Neste livro de memórias, o autor conta a sua trajetória pessoal e política, marcada pela dedicação à luta por um mundo melhor e as experiências de suas atividades legais e clandestinas. 532 páginas. R\$45,00 - Editora Record

POLÍTICA



BRIZOLISMO
 João Trajano Sento-Sé Cód. 225.02862
 Leitura indispensável para quem se interessam pela história contemporânea do Brasil. 365 páginas. R\$29,00 Editora FGV



DESMONTE DA NAÇÃO
 Ivo Lesbaupin(Org.) Cód. 85.326.2174-0
 O governo FHC prometia levar o Brasil à modernidade e ao desenvolvimento, mas vem produzindo um desastre - é a análise da obra. 200 páginas. R\$17,60 - Ed. Vozes



DOIS ESTUDOS PARA A MÃO ESQUERDA
 Cabanagem - Guerrilha ou luta de massas
 Renato Guimarães Cód. 0205
 O autor apresenta dois ensaios sobre episódio marcante da história brasileira do século passado, como reflexão dirigida aos jovens. 112págs. R\$14,00 - Ed. Revan



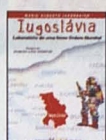
DOMINAÇÃO PELA FOME
 Economia política do abastecimento
 Miranda Neto Cód. 00124
 A fome em meio à abundância constitui o maior escândalo nas sociedades atuais. 136págs. R\$9,90 - Forense Universitária



ESTADO FEDERATIVO E POLÍTICAS SOCIAIS:
 Determinantes da descentralização
 Marta Arretche Cód: 85.7106.194-7
 A autora analisa as relações entre o jogo político-institucional e os resultados de políticas de governo. 304págs. R\$29,00 - Ed. Revan



GLOBALIZAÇÃO E GLOBOBAGENS
 Verdades e mentiras do pensamento econômico
 Paul Krugman Cód. 20412-1
 O autor comenta como pensamentos econômicos provocam o aumento desenfreado do desemprego, fala sobre especulação financeira, crescimento econômico, administração empresarial. 224 páginas. - R\$39,00 - Editora Campus



IUGOSLÁVIA
 Laboratório de uma nova ordem mundial
 Mário Augusto Jakobskind
 Cód. 85.87414-01-1

Análise sobre a guerra nos Bálcãs. O autor faz retrospectiva histórica da região, do século VI até hoje, e também um resumo sobre os 78 dias de bombardeios da Otan contra a Iugoslávia. 112 páginas. R\$14,00 - Novos Ideais



NO TEMPO DE VARGAS
 Memórias, reflexões e documentos
 Francisco Antonio Doria Cód. 0075
 É um livro indispensável a todos os que se interessam por conhecer a política brasileira deste século. 170págs. R\$16,00 - Ed. Revan



RUMO À SIERRA MAESTRA
 Che Guevara e Raúl Castro Cód. 517
 Diários da guerrilha cubana são revelados com todos os bastidores da Revolução. Reproduz documentos, fotos e anotações que revelam detalhes inéditos. O prof. Emir Sader (Uerj/USP) faz a apresentação. 306 páginas. R\$34,00 Oficina do Autor



UMA RESPOSTA AO NEOLIBERALISMO
 Hilary Wainwright Cód. Z 0486
 Combina uma discussão sobre ideia política neste fim de século com uma avaliação das trajetórias concretas de movimentos sociais e partidos. 152págs. R\$19,00 - Ed. Jorge Zahar

POLÍTICAS PÚBLICAS



A AMERICANIZAÇÃO (PERVERSA) DA SEGURIDADE SOCIAL NO BRASIL
 Estratégias de bem-estar e políticas públicas
 Maria Lúcia W. Vianna Cód. 0156
 As políticas implantadas pela ditadura entre 1964 e 1985 revelaram-se perversas pelo seu caráter antidemocrático. A autora busca identificar os fatores de natureza política que vêm produzindo barreiras para a implantação do modelo universalista que embasa a Constituição de 1988. 256págs. R\$30,00 - Editora Revan

REPORTAGEM

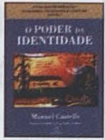


HAVANA - DEZEMBRO DE 1999
 Emílio Azevedo Cód. M 0268
 Conheça a vida comum na capital cubana, em uma reportagem competente e atrativa. 145 páginas. R\$ 19,00 - Ed. Multitexto

SOCIOLOGIA



GLOBALIZAÇÃO
 Teoria social e cultura global
 Roland Robertson Cód. 85326.2247-X
 Mostra como a cultura se tornou uma questão contestada globalmente. Por exemplo, por que concepções rivais de uma "ordem mundial" têm consequências políticas e econômicas. 312 páginas. R\$32,00 - Editora Vozes



O PODER DA IDENTIDADE
 Economia, sociedade e cultura
 Manual Castells Cód. 20.495
 Como nosso mundo e nossa vida vêm sendo moldados pelas tendências conflitantes da globalização e da identidade. 530 páginas. R\$42,00 - Editora Paz e Terra



QUANDO EU VOLTEI, TIVE UMA SURPRESA
 Joel Rufino Cód. 85.01.05771-1
 Cartas escritas pelo autor, quando estava no cárcere pelo pecado de amar o Brasil, para o filho que ainda estava por nascer. R\$48,00 Ed. Rocco

SAÚDE



A VITALIDADE SEXUAL DO HOMEM
 Uma Abordagem Natural
 Michael T. Murray Cód. 20310-0
 Respeitado naturopata, o autor diagnostica distúrbios da próstata, detecta efeitos colaterais de determinados procedimentos e relaciona virilidade e reeducação alimentar aos exercícios físicos e a um programa de combate ao estresse. 188págs. R\$29,00 - Editora Campus



MENOPAUSA
 Uma Abordagem Natural
 Michael T. Murray Cód. 20311-0
 Como tirar proveito de vitaminas, minerais, ervas, exercícios, dietas e outros métodos naturais, assim como uma abordagem das causas e efeitos da menopausa e uma análise detalhada da terapia de reposição de estrogênio. 224 páginas. R \$ 29,90 Editora Campus



O LIVRO DA SAÚDE DAS MULHERES NEGRAS
 Várias Autoras Cód. 2210
 O livro serve de instrumento na coordenação de ações conjuntas entre mulheres que trabalham por justiça social. 356 páginas. R\$26,00 - Editora Pallas

Nome: _____
 Endereço: _____
 Bairro: _____ Cidade: _____
 Estado: _____ CEP: _____ Profissão: _____
 Tel.: _____ Fax: _____ E-mail: _____

Assinale a forma de pagamento de seu pedido:
 Cheque(s) nominal(is) à Editora Terceiro Milênio Ltda. em anexo
 Autorizo débito no meu cartão pelo valor total de R\$ _____

Cartão _____ Validade até _____ / _____

Nº _____

ACEITAMOS TODOS OS CARTÕES DE CRÉDITO, SEM PARCELAMENTO (inclusive em cheque)

Data: _____ / _____ / _____ Assinatura do comprador _____

CÓDIGO	QUANT.	FRETE	TOTAL R\$

CADERNOS 226
 Os preços estão sujeitos a alteração
VALIDADE:
 até durar o estoque

Preencha em letra de forma e envie para a
 Editora Terceiro Milênio Ltda.
 Rua Conde de Lages, 44 - Gr. 508 / 510 - Lapa
 Rio de Janeiro - RJ - CEP: 20241-080
 Tel.: (0XX21) 221-7511 - FAX: (0XX21) 252-8455
 E-mail: etm@etm.com.br - http://www.etm.com.br

ATENÇÃO: O frete será cobrado à parte no valor de R\$2,50 por livro e o prazo máximo de entrega em 20 dias. Consulta prévia nas remessas rápidas, para o exterior e nos pedidos acima de 10 exemplares.

Álvaro Queiroz

Alca, enigma que requer prudência

Mercado continental, tal como pretendem os EUA, inviabiliza parques industriais nacionais

A adesão do Brasil à Área de Livre Comércio das Américas (Alca), mercado que os norte-americanos sonham em estender do Alasca à Patagônia, é apresentada à opinião pública brasileira como se fosse uma obrigação indeclinável e, por vezes, uma imposição dos Estados Unidos, à qual o país deveria curvar-se incondicionalmente.

Nos mais recentes 40 dias, a polêmica em torno da questão tem ocupado amplos espaços na grande mídia, devido à intensificação das pressões norte-americanas, concentradas sobre o Brasil, no sentido da antecipação do acordo que confere existência formal ao bloco, de 2005, para 2003.

Os meios políticos, empresariais, técnicos e governamentais estão divididos quanto à importância efetiva da Alca para o nosso país e à conveniência da adesão nos termos exigidos pelos norte-americanos. Para uns, o acesso do Brasil ao mercado dos EUA seria uma espécie de panacéia para todos os males que afligem a economia brasileira; para outros, tudo não passa de uma miragem, pois os produtos brasileiros não reúnem condições de competir vantajosamente com os similares de procedência norte-americana.

De outra parte, o protecionismo dominante na maior economia do planeta, que nem sempre consegue ocultar-se por detrás da retórica da livre concorrência, é considerado o maior obstáculo às aspirações comerciais dos países em desenvolvimento. No meio, aqueles que consideram inevitável a incorporação do Brasil, mas apenas quando passarmos a produzir em condições que dêem competitividade aos produtos da nossa



Charlene: duros recados da Casa Branca

pauta de exportações. Há, também, os alarmistas que prevêem prejuízos para o Brasil, caso fique de fora da Alca.

Os menos prudentes entendem que o governo brasileiro tem de enfrentar já negociações sérias com os EUA e "tentar defender os interesses do país". Mas até aqui Washington sequer definiu uma pauta para entendimentos prévios nem ofereceu garantias concretas de que o seu país abandonará as práticas protecionistas nas relações comerciais dentro do futuro bloco e de que não irá transferir para a Organização Mundial do Comércio (OMC) pendências que certamente surgirão ao longo do tempo.

Já não existem dúvidas de que a OMC é um organismo cujas decisões contemplam apenas os interesses dos países mais industrializados, sempre obediente às regras definidas pela Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE).

Inadmissível, portanto, uma adesão automática, apressada e imprudente. A-

final, os parceiros sequer conhecem o rascunho do texto do acordo, cujos capítulos principais já estariam prontos e teriam a sua redação final concluída até janeiro de 2001.

Apenas Washington conhece tal documento, que será levado aos 34 países integrantes do bloco para análise e aprovação em tempo recorde.

Mas, muitas indagações ainda precisam de respostas. Por exemplo: os EUA vão abolir subsídios agrícolas? Vão abrir o seu mercado, e os demais parceiros terão de abrir os seus? Barreiras não-tarifárias (sanitárias e outras) e contingenciamentos serão mantidos? Vai prevalecer na Alca a livre competição levada às últimas conseqüências? Os demais parceiros estão preparados para tal concorrência? Estariam os EUA dispostos a reduzir suas práticas protecionistas? Vão continuar impondo ajustes nas legislações patentárias dos parceiros aos interesses exclusivos das empresas norte-americanas e mudanças nas leis trabalhistas contra os interesses dos trabalhadores? Continuarão a recorrer aos processos anti-dumping como variáveis protecionistas?

A recusa ao debate em torno dessas questões (mínimas) significa que o chamado "livre mercado" não vai além de figura de retórica, produto para consumo apenas dos países em desenvolvimento.

É ingenuamente perigosa, pois, a crença dos que apostam no mercado das Américas como "uma grande oportunidade para crescermos e gerarmos renda", como imagina o presidente da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq), Luís Carlos Delben Leite.

Convém, a propósito, reproduzir trecho do relatório sobre barreiras internacionais ao comércio, elaborado pela secretária de Comércio Exterior dos EUA, Charlene Barshefsky, e divulgado em março de 2000: "Tudo indica que o governo brasileiro está exigindo que alguns produtos obedeçam a um preço mínimo, para que licenças de importa-

ção sejam concedidas, ou recebam tratamento normal da alfândega. O processo é opaco e prejudica as exportações norte-americanas de produtos têxteis e siderúrgicos. Os EUA estudam levar esse assunto à OMC."

Diante dessa perspectiva que Barshefsky oferece, não se justifica, também, o otimismo da gerente de Comércio Exterior da Associação Brasileira do Vestuário (Abravest), Leila de Oliveira, para quem "o setor de têxteis e vestuário se mostra receptivo a uma possível aceleração das negociações da Alca, a fim de facilitar o acesso ao mercado norte-americano para um setor brasileiro bastante competitivo".

Quando se têm presentes os poderosos interesses envolvidos na política comercial dos EUA, o otimismo opera como fator de risco e pode gerar prejuízos e decepções. A secretária Barshefsky sugere, sem rodeios, que outras pendências no âmbito da Alca também podem ser levadas à OMC.

Quando autoridades direta ou indiretamente ligadas à área do nosso comércio externo prometem que "o Brasil será duro nas negociações com os seus parceiros", é porque prevêem dificuldades nas barreiras impostas pelo poder econômico dos grandes protagonistas setoriais da economia norte-americana.

O parceiro maior na Alca - a respeito disso não pairam dúvidas -, assumirá atitudes impositivas, como é do feito da sua diplomacia comercial. Se o Brasil não puder ser "duro" nas conversações, que faça, pelo menos, um recuo estratégico e evite capitulações. ■

A pressa antes da tormenta

Por que os EUA redobram a sua pressa na formação da Alca e intensificam as pressões sobre o Brasil? Atualmente, o que a mídia americana mais discute é a possibilidade de turbulências, depois de encerrada mais uma fase de prosperidade - um pouso não muito tranquilo da economia do país. Muitos vêem a recessão se desenhando num horizonte de curto a médio prazos, com previsões de crescimento de 2% a partir de 2001.

Os episódios que marcaram a apuração das recentes eleições presidenciais e os resultados definitivos, proclamados depois de expostas algumas deficiências da democracia e certo comprometimento das instituições jurídicas, certamente não produzirão uma liderança forte no presidente eleito. O Congresso, por sua vez, está dividido e sabe-se lá como transcorrerá a próxima legislatura. Mas o novo presidente começa a agir na direção de um governo de união nacional, incorporando à sua equipe figuras do Partido Democrata.

Sensível aos interesses de grupos poderosos, o Poder Legislativo, certamente, oporá resistências a medidas capazes de prejudicá-los. A doutrina do "livre mercado", essência do liberalismo econômico, tem encontrado os seus limites nas práticas do comércio externo norte-americano.

Hoje, os Estados Unidos ostentam

um déficit comercial superior a 300 bilhões de dólares. O saldo negativo na conta-corrente do balanço de pagamentos é de 450 bilhões de dólares este ano. Os demais passivos externos, associados às dúvidas a respeito de como será o "pouso" da economia depois do estouro de "bolha" especulativa nos mercados, são elementos que só infundem incertezas quanto ao futuro. Os norte-americanos já não podem ser tão generosos em seus déficits comerciais como sustentáculos do crescimento de outros países.

Nas economias européias e asiáticas, os principais indicadores prenunciam graves dificuldades, geradas por conjunturas internas e externas que tendem a se agravar. O Japão, segundo do mundo na hierarquia das economias nacionais, ainda não reúne condições de substituir os Estados Unidos, pelo menos parcialmente, como "locomotiva" da economia mundial. O silêncio do governo Clinton em torno de como levar à prática o livre comércio no âmbito da Alca e as pressões sobre o Mercosul e sobre o Brasil para antecipação do livre mercado das Américas são indícios de que os EUA não estão dispostos a concessões nas relações comerciais dentro do mercado. E sem concessões significativas, ele só servirá para o aprofundamento das relações de subordinação dos parceiros menores à economia mais poderosa do planeta. ■

PARA CONFERIR... DEPOIS

Metas comuns para a inflação no período de 2002 a 2005 em cada país do bloco; limite de 40% do PIB para a dívida do setor público até 2010; e déficit nominal, aí incluídos os gastos com juros, no limite de 3% do PIB, a partir de 2002. Estas decisões, adotadas pelos presidentes

dos bancos centrais dos países do Mercosul, em Florianópolis, 24 horas antes da reunião dos presidentes do Brasil, Uruguai, Paraguai, Chile e da Argentina, são as primeiras providências na direção da moeda única. É a saída para a Argentina livrar-se da dolarização de sua economia.

A aprovação dessas metas comuns deverá levar à organização de um Sistema Financeiro do Mercosul e de uma política cambial comum.

Agilizar a montagem de uma institucionalidade talvez seja o grande desafio para os parceiros do Mercosul. É preciso que haja convergência de propósitos e de meios nas questões comerciais, aduaneiras, dos transportes, da indústria, ciência e tecnologia, política agrícola, política energética, relações de trabalho e emprego, seguridade social e estruturação da institucionalidade jurídica e política.

A surpresa da adesão chilena

A pesar do alarmismo do noticiário e dos comentários e análises sobre a decisão do Chile de abrir negociações com os EUA para um acordo bilateral de livre comércio e posterior adesão à Alca, o certo é que não se sabe qual o teor das conversas entre os representantes de ambos os países. Nem se o acordo será, de fato, firmado. Embora suspenso das negociações técnicas no Mercosul, o governo chileno participou normalmente das reuniões do Foro de Consulta e Acordo Político, em Florianópolis.

O Chile despertou reações de desagrado e até de certa indignação por parte das autoridades diplomáticas brasileiras, mais em consequência da dupla derrapagem da sua diplomacia: os países integrantes do Mercosul só tomaram conhecimento do fato depois de iniciadas as conversações com os EUA e, o que se considerou mais grave, não através das autoridades chilenas, mas do governo norte-americano. A tendência do Chile em se aproximar dos EUA já era conhecida, depois de firmados acordos de livre comércio com o México e o Canadá, signatários do Nafta.

As críticas de diplomatas brasileiros ao gesto do Chile deram margem a grosserias de Richard Fisher, o segundo na hierarquia do Escritório Comercial da Casa Branca, cuja titular é Charlene Barshefsky. "O Brasil não pode deter a Alca e tem de decidir se irá fazer parte do jogo ou vai ficar do lado de fora. Com o Brasil ou sem o Brasil, a Alca vai sair." Fisher, em linguajar nada refinado, chegou a tachar de "infantis" e "irresponsáveis" as reações brasileiras.

Dois dias depois, a embaixadora Barshefsky repetia o propósito de "fechar a Alca" com os 34 países das Américas até 2003 e, em tom mais diplomático, disse que "Alca não vai existir sem a cooperação dos EUA e do Brasil".



Foto: AFP

Lagos dirige o país mais aberto do mundo e que regrediu industrialmente

Do ponto de vista estritamente econômico, o Chile pouco significa no Mercosul e na Alca. Seu PIB é de pouco mais de 72 bilhões de dólares. O país desindustrializou-se depois do golpe do general Pinochet, voltando à condição de país agrícola. Setenta por cento dos seus trabalhadores estão na agropecuária; 18% no setor terciário e apenas 12% na indústria. Vinte por cento das suas vendas externas têm como destino os EUA e 11%, os mercados do Mercosul, de onde importa 18% dos bens. A dívida externa é de 30 bilhões de dólares, mais de 40% do PIB. Mas o Chile tem importância geopolítica, com a grande extensão de costa no Pacífico.

Discutível seria se o Chile, isoladamente, viesse a se incorporar ao mercado, se se levar em conta que a sua economia talvez seja hoje a mais aberta do mundo, mais até do que a dos EUA. Como, além do cobre e outros minerais, o Chile só tem produtos agropecuários

para exportar, convém esperar a receptividade americana aos apelos de abertura do seu mercado para tais produtos.

O país, de fato, exibe elevado grau de abertura, tanto no comércio externo quanto nos investimentos. Mas é oportuno destacar que mais de 50% de suas receitas de exportações são geradas pelo cobre, explorado em regime de monopólio pela empresa estatal Codelco, que o governo não pretende incluir na lista dos bens públicos privatizáveis. Isto confere ao Chile um poder de controle sobre suas relações comerciais que nenhum outro país da América Latina tem.

Por ter o Brasil economia mais complexa, maior industrialização - portanto, com interesses mais diversificados -, exposição externa maior que a atual (já excessiva) não será recomendável. Ainda é necessária a proteção a alguns segmentos industriais, particularmente os que mais contribuem para os déficits no balanço comercial. Dois exemplos merecem destaque: a indústria de componentes eletrônicos, cujas importações consumirão 7 bilhões de dólares em 2000, e a indústria de autopeças, quase toda desnacionalizada.

A experiência do Brasil com a liberalização resultou na quebra de inúmeras empresas de capital privado nacional, altos índices de desemprego e queda das exportações.

Ao insistir na redução da tarifa externa comum do Mercosul, de 14%, em média, para 6%, o Chile demonstra que dificilmente será parceiro pleno dentro do bloco. Prefere, pois, fazer em separado acordos bilaterais, a exemplo dos acordos com o México e o Canadá e o que pretende firmar com os EUA.

Já a Argentina, às voltas com crise de liquidez e sob ameaça de insolvência externa e dolarização, é foco potencial de desarticulação do Mercosul. É hoje o maior exemplo de exacerbação de dependência externa na América do Sul. Pressionada, aderiu ao plano dos EUA de antecipar para 2003 a conclusão das negociações sobre a Alca. ■

A falácia do isolamento

Os apologistas da adesão incondicional do Brasil à Alca costumam justificar a sua tese com a hipótese de dissolução do Mercosul e a suposta corrida dos países que o integram para a conquista automática do mercado norte-americano.

O Brasil ficaria isolado na América do Sul, se não acompanhasse os parceiros nessa corrida que os mais otimistas consideram desde já exitosa. Há uma boa carga de simplismo nesses pressupostos, pelas seguintes razões: 1 - país continental, o Brasil tem vocação para a auto-suficiência no fundamental e condições para mobilizar os meios necessários ao maior dinamismo da sua economia; 2 - é dotado de um mercado interno que precisa ser fortalecido e posto à disposição das empresas de capital nacional; 3 - tem potencial de desenvolvimento científico e

tecnológico e massa crítica em vários setores; 4 - dispõe de uma infra-estrutura que só precisa ser posta a serviço do desenvolvimento; 5 - possui um sistema financeiro capaz de dar suporte ao crescimento e ao desenvolvimento, desde que se reorganize para captar a poupança interna e canalizá-la para as atividades produtivas; 6 - seu comércio externo é bem distribuído por todo o mundo; 7 - sua liderança natural é bem recebida por todos os países da América do Sul; 8 - está situado no mundo e não apenas nas Américas, ou no Ocidente. ■

Condições para a Alca ainda são desconhecidas

Na reunião entre os presidentes dos países do Mercosul, em dezembro, em Florianópolis, o presidente Fernando Henrique Cardoso acolheu a sugestão de seu colega do Uruguai, Jorge Battle, no sentido de se encaminhar ao novo presidente americano, George Bush, proposta para um encontro, no qual seriam discutidas ques-

ciso, pois, conhecer previamente o que se vai negociar e não aceitar simplesmente um texto elaborado para aprovação sem análise e discussão.

"Não estamos opondo qualquer obstáculo às negociações. As dificuldades não estão do nosso lado, mas sim do outro lado. Os Estados Unidos, portanto, terão de ceder nos pontos centrais, que depen-



O Brasil, por seu porte e potencialidades, é o principal alvo da pressão norte-americana para antecipar a Alca, mas vem mantendo a posição de dinamizar o Mercosul, apesar das vacilações chilena e argentina

tões substantivas, entre as quais as condições de acesso ao mercado dos Estados Unidos para produtos como aço, calçados, suco de laranja, têxteis, a questão das ações anti-dumping, na sua dimensão protecionista, o *fast track* (poder concedido pelo Congresso americano ao presidente da República para negociar acordos econômicos) etc., itens que têm precedência sobre a data para as negociações. É importante que existam matérias sobre as quais os países deliberem, caso contrário não teria sentido a fixação de uma data (2003 ou 2005) para as negociações entre os 34 países. É pre-

dem exclusivamente da vontade econômica e política negociadora dos americanos. Nada de negociarmos com mentalidade de colonizados, de pedir favores para entrar na Alca. Não tem favor nenhum, não. É simplesmente negócio, toma-lá-dá-cá. Eles nos ensinaram, a nós, hispânicos, que *business* é a questão. Aprendemos. E vamos negociar com força", disse o presidente FHC no seu discurso.

O presidente Ricardo Lagos reafirmou a preferência de seu país pelo Mercosul, esclarecendo que o Chile, agora, está negociando apenas um acordo bilateral de livre comércio com os EUA. ■

Fotos: AFP

Guatemala

Estado condenado por tortura

A Corte Interamericana de Direitos Humanos condenou em dezembro o Estado e o exército da Guatemala pela tortura, desaparecimento e assassinato do chefe guerrilheiro Efraín Bámaca. O dirigente da União Revolucionária Nacional da Guatemala (URNNG), conhecido como Comandante Everardo, foi morto em 1992.

A decisão do tribunal estabelece que a Guatemala violou os direitos à liberdade pessoal, à integridade e à vida de Bámaca e não lhe deu proteção judicial e determina a realização de uma investigação para descobrir os responsáveis pela morte de Bámaca. Também define que o Estado guatemalteco deverá fazer uma reparação econômica pelos danos causados. A decisão foi adotada de forma unânime pelos seis juízes da Corte. "O Estado (da Guatemala) violou, em prejuízo de Efraín Bámaca, o direito à liberdade pessoal consagrado no artigo 7 da Convenção Americana sobre Direitos Humanos (...)."

Desta maneira conclui a causa iniciada há quatro anos pela detenção de Bámaca, em 12 de março de 1992, por parte de membros das Forças Armadas da Guatemala. Neste período, a Comissão Interamericana de Direitos Humanos, como parte acusadora, exortou os magistrados em audiências públicas a obrigar a Guatemala a informar os familiares sobre a localização do corpo de Bámaca e a devolver seus despojos aos familiares para que lhes dêem sepultura.

"Em nome das 200 mil pessoas de-

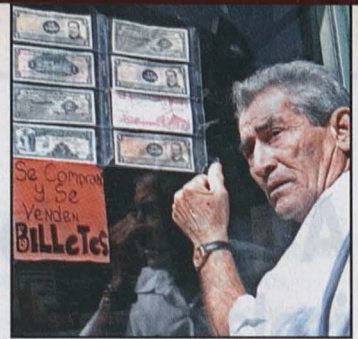
saparecidas ou assassinadas pelo exército da Guatemala, desejo expressar a minha gratidão profunda à Corte Interamericana", disse Jennifer Harbury, esposa de Bámaca.

Harburym disse que aquele era um fato a ser comemorado em homenagem à memória dos milhares de desaparecidos da América. E acrescentou que continuará a sua luta para demonstrar que a Agência Central de Inteligência norte-americana (CIA) teve responsabilidade neste tipo de violação aos direitos humanos, não só na Guatemala como em outras partes do mundo.

"Meu caso contra essa agência continua nos tribunais e espero algum dia uma decisão, de forma semelhante à que agora adotou a Corte Interamericana", explicou a viúva do guerrilheiro.

O caso Bámaca é "paradigmático". Ele foi capturado vivo e detido em bases militares, sem uma notificação à Organização das Nações Unidas, à Cruz Vermelha, aos tribunais ou aos familiares. Seus parentes acreditam que foi torturado durante um ou dois anos e posteriormente assassinado por membros do exército guatemalteco, que falsificaram as circunstâncias de sua morte, afirmando que teria acontecido durante um combate, para evitar a intervenção dos grupos humanitários.

Na Guatemala, a decisão foi recebida com alegria, pois se trata de um golpe contra a impunidade das violações aos direitos humanos do passado.



El Salvador

País adota dólar

El Salvador tornou-se o terceiro país latino-americano a adotar o dólar como moeda oficial. Em 30 de novembro, o Congresso aprovou, com 49 votos entre os 84 deputados, a Lei de Integração Monetária, proposta pelo presidente Francisco Flores. A livre circulação do dólar entrou em vigor em primeiro de janeiro de 2001. A lei prevê que o cólon, moeda local, continuará em circulação, mas deixará de ser emitida pelo Banco Central.

Apesar disso, o presidente do Banco Central, Rafael Barraza, diz que a mudança não significa a dolarização da economia nacional. "Os cidadãos decidirão se devemos dolarizar ou não." Como era de se esperar, os Estados Unidos e o Fundo Monetário Internacional (FMI) elogiaram a medida, afirmando que ela ajudará o país a competir no mercado internacional.

Desmentindo as palavras de Barraza, o economista Alberto Arene, presidente da organização não-governamental Fundação Centro-Americana para o Desenvolvimento Humano Sustentável, afirma que a decisão de dolarizar realmente a economia do país já está tomada. "Parece pato, anda como pato e fala como pato, logo é um pato", afirmou metaforicamente.

O Equador adotou o dólar em setembro para deter a inflação de 100% ao ano e o Panamá já usa a moeda norte-americana há bastante tempo. A Argentina flertou com a estratégia, mas preferiu estabelecer a paridade cambial entre o peso e o dólar.



Centenas de populares se concentram em frente à embaixada dos Estados Unidos em Tegucigalpa, capital de Honduras, para exigir do governo que desista dos planos de privatizar a Empresa Nacional de Energia Elétrica e o Instituto de Seguridade Social. Eles ameaçaram ir à 'desobediência civil' caso o governo insista no seu projeto privatizante

Chile

Pinochet acusado de matar jornalista

Uma ação contra o ex-ditador Augusto Pinochet pelo assassinato do jornalista norte-americano Charles Hormann foi apresentada pelos advogados Fabiola Letelier e Sergio Corbalán. A nova denúncia elevou a 190 as ações contra Pinochet. "Pleiteamos que esta ação deva se dirigir contra Pinochet e uma série de altos comandos militares responsáveis pelos fatos", disse a advogada Letelier, que entregou os antecedentes do caso junto à viúva do jornalista, Joyce Hormann.

A morte do jornalista e escritor de 31 anos inspirou o filme *Missing (Desaparecidos)* do cineasta grego Costa-Gavras, de 1982, interpretado por Jack Lemmon - que faz o papel do pai do jornalista, que viaja ao Chile em busca de notícias de seu filho - e por Sissy Spacek, que faz o papel de Joyce. Hormann foi retirado de sua residência em Santiago por uma patrulha militar, em 17 de setembro de 1973, seis dias

depois do golpe militar. Durante vários meses ficou desaparecido, até que seu corpo foi encontrado e repatriado aos Estados Unidos, em 1974. Documentos secretos da CIA, publicados em junho passado, mostram que os militares executaram Hormann no Estádio Nacional de Santiago, convertido em um campo de prisioneiros após o violento golpe contra Salvador Allende.

Junto com essa publicação, Washington pediu ao Chile para investigar as mortes de Hormann e do jornalista Frank Terruggi, em 1973, e o desaparecimento do professor Boris Weisfeiler, em 1985. "É por isso que estamos fazendo esta petição com a ajuda de nossos advogados", precisou Joyce Hormann. No caso do assassinato de Hormann, será solicitada a intervenção da Corte Suprema, antecipou Letelier, que justificou a decisão pela "natureza do crime". "Queremos que a Corte designe um juiz instrutor", disse a advogada.



Jean-Bertrand Aristide: eleito mais uma vez

Haiti

Aristide volta

Haiti oficializou em 12 de dezembro a eleição de Jean-Bertrand Aristide como presidente do país com a publicação dos resultados das eleições do mês de novembro no *Diário Oficial*. Aristide, de 47 anos, prestará juramento como 39º presidente do Haiti em 7 de fevereiro. O ex-mandatário recebeu 2,6 milhões do total de 2,8 milhões de votos das eleições presidenciais. O segundo colocado foi Arnold Dummas, que teve 2% dos votos.

Aristide foi o primeiro dirigente haitiano eleito livremente, em 1990, encerrando quase 200 anos de regimes ditatoriais.

Mas, depois de apenas sete meses no poder, foi deposto por um golpe militar. Em 1994, tropas norte-americanas invadiram o Haiti e restabeleceram a Presidência de Aristide.

Peru

Tensas relações com o Japão

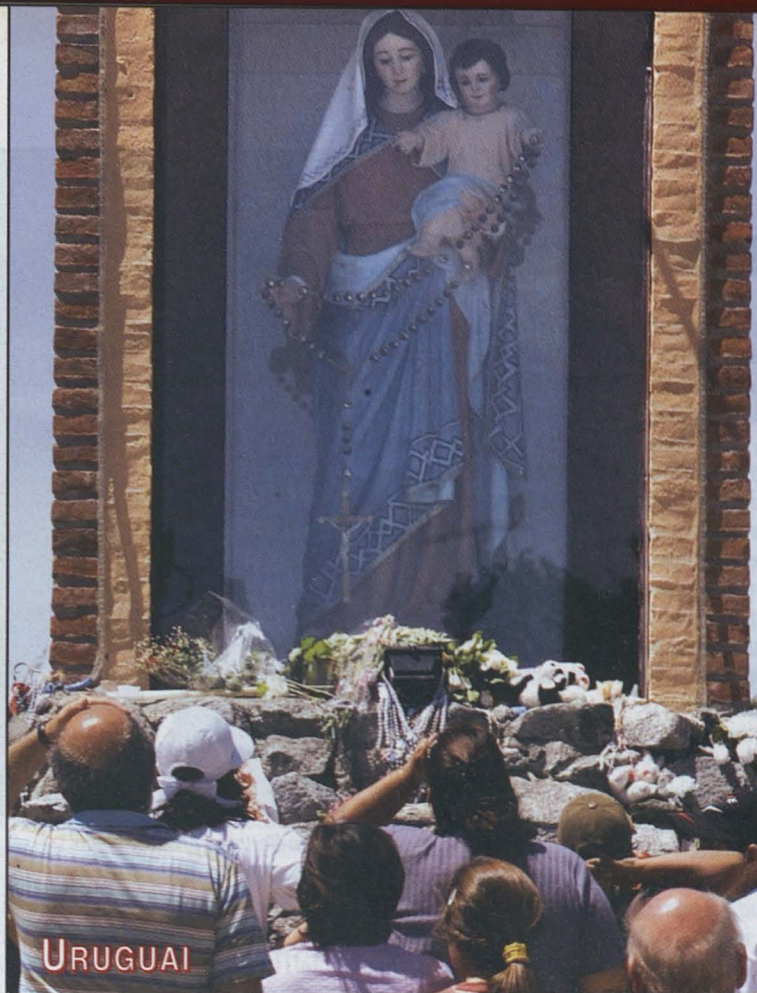
A confirmação do governo japonês de que o ex-presidente peruano Alberto Fujimori possui a nacionalidade japonesa e, por isso, não pode ser extraditado irritou a população e o governo do Peru. As autoridades peruanas aguardavam a extradição de Fujimori devido às investigações sobre o escândalo envolvendo seu ex-assessor Vladimiro Montesinos, mas as leis do Japão proíbem que cidadãos japoneses sejam extraditados.

Fujimori, que está no Japão desde 17 de novembro, declarou que pretendia usar a sua nacionalidade japonesa para escapar de "perseguições políticas" em seu país. Em 19 de novembro, ele enviou uma carta renunciando à Presidência, mas os deputados negaram seu pedido e votaram pela cassação do seu mandato, alegando "incapacidade moral para governar". O Congresso peruano insiste na sua extradição.

"O Japão não pode virar as costas para

a comunidade internacional, que exige que essa pessoa preste contas dos delitos que cometeu", afirmou o deputado Ernesto Gamarra, vice-presidente da comissão que investiga no Congresso as denúncias contra Montesinos.

O governo japonês negou as acusações de que estaria protegendo Fujimori, informando que os pais do ex-presidente - emigrantes japoneses - registraram seu nascimento na embaixada do Japão em Lima, em 1938, obtendo a dupla nacionalidade. Com a confirmação desta informação, contudo, é quase impossível que o governo japonês aceite o pedido de extradição. Em um protesto realizado em Lima, manifestantes queimaram a bandeira do Japão. O Ministério das Relações Exteriores do Japão solicitou do governo peruano cuidados com a segurança da população nipônica no país. Existem 2.620 japoneses vivendo no Peru, além de 40 mil descendentes.



Em 8 de dezembro, um grupo de fiéis católicos descobriu que a imagem da Capela da Virgem do Rosário, na cidade do Rosário, no Uruguai, apresentava uma lágrima que supostamente surgia do olho direito e escorria pela face. As autoridades eclesásticas chamaram professores de física para estudar o caso, que desde então tem atraído milhares de curiosos.

Colômbia

O governo acena para a paz

O governo da Colômbia prorrogou, até o final de janeiro de 2001, a vigência da zona desmilitarizada criada para as negociações com as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc). Com a iniciativa, o presidente Andrés Pastrana busca reiniciar o diálogo com os insurgentes. O governo anunciou também um acordo para a troca de prisioneiros. Tanto essas medidas, quanto a decisão de manter as tropas fora dos 42 mil quilômetros quadrados da denominada "zona de distensão", tiveram boa acolhida por parte da comunidade internacional.

As negociações sobre a troca de prisioneiros contam com a participação de Manuel Marulanda, o líder máximo das Farc. Pelo menos 10 policiais e soldados com problemas de saúde que estão em poder do grupo rebelde seriam trocados por 10 guerrilheiros presos. A negociação deste acordo humanitário ocorre de forma acelerada, e poderá ser o primeiro passo de um pacto mais amplo como o proposto por organismos internacionais. Atendendo "às recomendações da comunidade internacional, das forças políticas, organizações sociais, igreja e setores da opinião pública, o governo achou conveniente dar uma nova oportunidade para a saída negociada do conflito armado", disse o presidente.

México

Otimismo em Chiapas

O presidente do México, Vicente Fox, conseguiu em poucos dias de governo mais avanços rumo à paz no estado de Chiapas do que o Partido Revolucionário Institucional (PRI) nos últimos quatro anos. O governo ordenou a retirada de milhares de militares da zona de conflito no estado, onde opera o grupo guerrilheiro Exército Zapatista pela Libertação Nacional (EZLN). A medida foi bem recebida pelo grupo rebelde, que saudou a decisão e assegurou que pretende reativar o diálogo de paz, interrompido em 1996. Mas, para isto, o governo ainda deve cumprir algumas condições.

Fox disse estar feliz com a reação do EZLN e reiterou que pretende aprovar o projeto de lei sobre direito e cultura indígenas apoiado pela guerrilha. Anunciou, ainda, o desejo de atender os demais pedidos do grupo, entre os quais a libertação de indígenas acusados de subversão e uma maior retirada de tropas das áreas de conflito. O governo estuda a possibilidade de criar uma região desmilitarizada de aproximadamente 5 mil quilômetros quadrados em Chiapas - 6% do território do estado - para que o EZLN se movimente sem problemas. Fox ofereceu também analisar uma possível anistia em benefício de grupos rebeldes menores, como o Exército Popular Revolucionário (EPR). "Tenho um compromisso pessoal com o tema - todas as reivindicações serão atendidas", declarou o presidente.

O líder do EZLN, subcomandante Marcos, rompeu cinco meses de silêncio para aceitar como válidos os sinais de pacificação emitidos pelo novo mandatário. Anunciou que viajará para a capital em fevereiro para promover o projeto de lei sobre cultura indígena. Apesar disso, Marcos criticou o modelo econômico neoliberal promovido pelo governo.

Os sinais de paz parecem se multiplicar no estado: Pablo Salazar, adversário do PRI, reconhecido e respeitado pelos guerrilheiros, foi empossado novo governador de Chiapas, e o ex-deputado Luiz Alvarez foi nomeado por Fox como seu delegado pessoal para mediar no conflito. Alvarez também é reconhecido pelos rebeldes pelos seus esforços em favor da reconciliação.

OMC

ONGs discutem propriedade intelectual

Um consórcio de 23 organizações não-governamentais reunidas em Berna, Suíça, reivindicou mudanças no Acordo de Direitos sobre Propriedade Intelectual Relacionada ao Comércio (Trips) - da Organização Mundial do Comércio (OMC), que freqüentemente contraria ou enfraquece direitos aceitos internacionalmente nas áreas de alimentação, saúde e meio ambiente. "As regras da OMC sobre propriedade intelectual devem ser modificadas para que deixem de prejudicar os esforços pela erradicação da pobreza e garantam uma economia forte e o desenvolvimento social nos países em desenvolvimento", pediram as ONGs, em um documento.

Após o encontro, as ONGs ligadas ao meio ambiente, agricultura, desenvolvimento e saúde pediram aos governantes para fazer alterações no acordo da OMC, com o objetivo de harmonizá-lo com os direitos humanos básicos, a segurança alimentar e a proteção da biodiversidade global. As ONGs apontaram a incoerência entre o acordo Trips e os artigos 25 e 27 da Declaração Universal dos Direitos Humanos e o artigo 11 do Pacto Internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais, os quais garantem o direito à alimentação. De acordo com as ONGs, o acordo também contradiz cláusulas da Convenção das Nações Unidas para a Diversidade Biológica, que garantem a preservação dos recursos naturais.

"Atualmente, o acordo afeta direitos humanos aceitos internacionalmente. É imperativo que seja modificado para que garanta estes direitos, ao invés de contrariá-los", afirmou François Meienberg, um dos organizadores do encontro. As ONGs reforçam que é fundamental rever o acordo sobre propriedade industrial para equilibrar os interesses dos donos de patentes e do grande público. Um primeiro passo neste sentido é examinar possíveis opções futuras para clarear a patenteamento de bens que exercem funções sociais, tais como remédios e alimentos.



Crianças da Eritreia portando cartazes em favor da paz foram receber o secretário-geral da ONU, Kofi Annan, que prestigiou a assinatura do acordo que marcou o fim da guerra com a Etiópia, que deixou milhares de vítimas nos últimos dois anos

Etiópia-Eritreia

Negociado o fim da guerra

Etiópia e Eritreia assinaram, em Argel, capital da Argélia, em 12 de dezembro, um tratado encerrando oficialmente a guerra entre os dois países. Contudo, o acordo, marcado pelo histórico aperto de mãos entre o primeiro-ministro etíope Meles Zenawi e o presidente eritreu, Isaias Afewerki, é apenas o início de um difícil processo de paz entre ambos os países.

O acordo prevê a criação de comissões encarregadas de demarcar a fronteira, acompanhar o intercâmbio de prisioneiros e o retorno dos refugiados e avaliar os pedidos de indenizações por danos causados pela guerra. Além disso, foi definida a criação de um "corredor aéreo" e de uma área sob controle das tropas das Nações Unidas.

O secretário-geral da ONU, Kofi Annan, presente ao encontro de Argel, demonstrou preocupação com o processo de reconciliação. "Enquanto abraçamos a paz e construímos a con-

fiança mútua, temos que nos lembrar que palavras podem inflamar ou acalmar. Nós precisamos de uma atmosfera favorável à implementação desse acordo", declarou Annan. O secretário acredita que o processo de transição deve durar mais de um ano.

Depois de ter sido colônia italiana e anexada pela Etiópia após o fim da Segunda Guerra Mundial, durante o reinado do imperador Hailé Selassié, a Eritreia conquistou a sua independência em abril de 1993. Mas a fronteira com a Etiópia nunca foi totalmente demarcada e as disputas fronteiriças fizeram com que em maio de 1998 ambas as nações se lançassem a uma guerra que, em pouco mais de dois anos, matou dezenas de milhares de pessoas e deixou cerca de um milhão de refugiados, além de destruir as cidades próximas à fronteira.

As negociações de paz foram mediadas pela ONU, a Organização para a Unidade Africana (OUA) e o governo norte-americano.



Yasser Arafat se reúne com o ex-senador George Mitchell (esq.) e com o ex-presidente da Turquia Suleyman Demirel (centro), em Gaza, membros da Comissão Internacional

Israel/Palestina

Comissão internacional se instala

Israel deu total liberdade de movimentos à comissão internacional liderada pelos EUA encarregada de analisar as 11 semanas de violência entre israelenses e palestinos na faixa de Gaza e na Cisjordânia durante a Intifada. A equipe, presidida pelo ex-senador norte-americano George Mitchell, artífice do plano de paz na Irlanda do Norte, já começou a reunir informações sobre as circunstâncias em que morreram as mais de 300 vítimas dos recentes enfrentamentos entre pales-

tinios e israelenses, que nas horas que antecederam o começo dos trabalhos se somou a morte misteriosa de um dirigente do grupo fundamentalista Yihad Islâmica, abatido por soldados israelenses com métodos próprios de uma guerra suja.

A comissão internacional de cinco membros, da qual participa Javier Solana, responsável pela Política Externa e de Segurança Comum da União Europeia, manteve uma entrevista com o pre-

miê israelense, Ehud Barak, e com o presidente palestino, Yasser Arafat. Imediatamente começou a recolher no terreno os testemunhos dos principais protagonistas e vítimas da Intifada.

Após o encontro com o senador norte-americano, o ministro palestino da Informação, Yasser Abed Rabbo, disse que Arafat e a liderança palestina estavam satisfeitos com o encontro e que tinham apresentado à comissão "um relatório preliminar de 42 páginas sobre o contexto político e factual no qual o levante (palestino) é realizado".

"Esperamos que o senador Mitchell seja capaz de realizar algumas de suas mágicas aqui na Palestina", disse Abed Rabbo à comissão, referindo-se ao papel de Mitchell em negociações de paz anteriores. "Nós acreditamos que o exame dos fatos só será completo se as causas da crise forem estabelecidas", disse o ministro palestino.

A primeira rodada de investigações da comissão terá desdobramentos no Egito e na Jordânia, onde os pesquisadores se reunirão com o presidente Hosni Mubarak e com o rei Abdala II. As conclusões do trabalho desse grupo - criado durante a Conferência de Sharm el Sheij, celebrada quando começou a Intifada - serão dadas a conhecer em março.



Os funcionários da Empresa Coreana de Telecomunicações, da Coreia do Sul, protestaram contra os planos de privatização da estatal e se declararam em greve até que o governo atenda as suas reivindicações



Em 20 de dezembro, foi celebrado em Macau o primeiro aniversário do fim da administração portuguesa no enclave e do retorno do mesmo à soberania chinesa.

Macau foi colônia de Portugal durante 442 anos e voltou para a China - da mesma forma que Hong Kong, após longas negociações



Durante uma das tensas seções que analisam o pedido de impeachment do presidente Joseph Estrada, o advogado de acusação Joker Arroyo (centro, de branco) debate com o advogado de defesa, Estelito Mendoza (em frente a Arroyo), enquanto o presidente da Suprema Corte, Hilario Davide (à esq. de Arroyo, com a toga) e o presidente do Senado, Aquilino Pimentel (à dir. de Arroyo, de branco) os escutam. Estrada está sendo acusado de corrupção e pode ser destituído

Alemanha

Extrema direita na mira

A Câmara Baixa do Parlamento alemão se pronunciou a favor de banir do cenário político do país o Partido Nacional Democrático (NPD), de extrema direita, adicionando peso à questão que será resolvida de forma definitiva pela Corte Constitucional do país. Os esforços para colocar na ilegalidade o NPD contam com o apoio do governo do chanceler Gerhard Schröder e das duas casas do Parlamento, mas o órgão máximo do Judiciário alemão pode levar dois anos até se manifestar sobre o assunto.

O governo está sendo pressionado para agir depois de uma série de ataques contra estrangeiros realizados por extremistas de direita em 2000. A tentativa de banir o NPD recebeu apoio de vários dos partidos do país, apesar de não haver indícios conclusivos ligando a legenda aos crimes.

Favorável à decisão de banir o NPD, Wolfgang Bosbach, um político conservador, citou o exemplo da passeata realizada recentemente pelo NPD através do Portão de Brandeburgo, em Berlim, símbolo dos nazistas nos anos 30. "Uma marcha como essa representa um descrédito para toda a Alemanha", disse Bosbach sobre a imagem de *skinheads* vestindo botas militares e gritando palavras de ordem nazistas.

Muitos dos deputados lembraram a República de Weimar, governo que assistiu à ascensão ao poder de Adolf Hitler, através das urnas. "As coisas poderiam ter sido diferentes se o Partido Nazista tivesse sido banido nos anos 20 e não tivesse tido a chance de levar uma ideologia racista e anti-semita ao poder", disse Gregor Gysi, do Partido do Socialismo Democrático.

A Constituição alemã prevê a proibição de partidos considerados não-democráticos. Apenas dois deles, um comunista e outro neonazista, foram proibidos até hoje.

Iugoslávia

Combate ao crime organizado

Pela primeira vez na história, a Sérvia terá uma unidade especial de polícia para combater o crime organizado, instalado em todos os setores da sociedade durante o regime de Slobodan Milosevic. A criação da unidade foi uma promessa da Oposição Democrática da Sérvia para as eleições de 24 de setembro, que determinaram o fim do regime de Milosevic, após 10 anos no poder.

Durante a era Milosevic, a Sérvia era comparada à cidade de Chicago nos anos 30, regida por mafiosos. O crime organizado tinha tomado conta de todos os segmentos da sociedade, alimentado pelas guerras da ex-Iugoslávia, as sanções econômicas e o isolamento internacional. A unidade especial, dependente do Ministério do Interior, já recebeu o apelido de "Os intocáveis", pela semelhança de seu desafio com o enfrentado pela equipe de detetives norte-americanos que conseguiu colocar na prisão em Chicago o gângster Al Capone, há mais de 60 anos.

Em 1992, a Iugoslávia foi expulsada da Interpol, a organização policial internacional, onde pretende reingressar em breve. Naquela altura, o regime de Milosevic foi expulso da maioria das organizações internacionais.

"Os delinquentes foram ousados ao violar o regime de sanções, conseguindo enormes lucros para eles e para os poderosos políticos que os apoiavam. O resultado foi o colapso total das instituições, do sistema judicial e da polícia. A corrupção estava presente em todos os setores da sociedade", disse Danilo Suko- vic, do Centro de Pesquisas Econômicas, de Belgrado. A organização não-governamental Transparência Internacional colocou a Iugoslávia no segundo lugar da lista dos 90 países mais corruptos este ano. Uma pesquisa conduzida por essa ONG demonstrou que mais de 80% dos iugoslavos vêem com simpatia a atuação da unidade de elite, confiando que poderá enfrentar com sucesso todas as formas de crime organizado.

Na década dos 90, a corrupção chegou mesmo ao mais alto nível do país. O próprio ex-presidente Milosevic teria desviado para o estrangeiro pelo menos 4 bilhões de dólares (7,9 bilhões de reais), segundo denunciou o novo diretor do Banco Central da Iugoslávia (BCI), Mladjan Dinkic. "Segundo minhas estimativas, apenas no período de hiperinflação, em 1992 e 1993, 4 bilhões de reais foram depositados em contas bancárias no estrangeiro", afirmou Dinkic, um economista de 36 anos, ao jornal iugoslavo *Politika*.

"Nos últimos 10 anos, em vez de ingressar na etapa de transição do comunismo para a economia de mercado, assistimos ao estabelecimento de um estado mafioso", declarou Aleksandar Fatic, pesquisador do Instituto de Política e Economia Internacional. Um dos problemas a ser enfrentado pela nova unidade é o do narcotráfico, que também envolve os albaneses da província de Kosovo, administrada pela ONU e empresários "novos ricos". Todos os membros da nova unidade - que contará com a colaboração de um grupo antiterrorista, pelos perigos que terá de enfrentar - prometeram manter seu trabalho em sigilo.

Gente

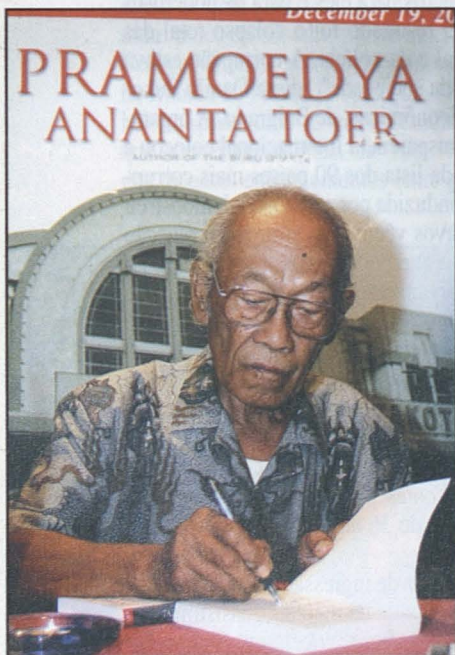
Fotos: AFP



A futura primeira-dama dos Estados Unidos, Laura Bush, vai impor uma mudança de estilo na Casa Branca. A esposa de George W. Bush, ao contrário de Hillary Clinton, prefere se manter alheia à atividade política. Descendente de mexicanos, Laura - que fala o espanhol com fluência e é formada em biblioteconomia - segue o estilo discreto de sua sogra, a ex-primeira-dama Barbara Bush

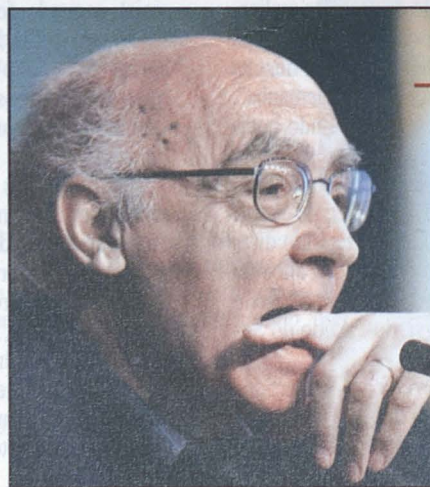


A cientista francesa Claudie André-Deshays, de 43 anos, começa neste mês de janeiro o treinamento para uma missão de nove dias a bordo da Estação Espacial Internacional (ISS). Em agosto de 1996, Deshays passou 16 dias em uma missão na estação espacial russa Mir



Pramoedya Ananta Toer (acima), um dos escritores mais famosos da Indonésia, dá autógrafos em uma livraria de Jacarta em 19 de dezembro, quando, em aberto desafio à censura, lançou a edição em inglês de seu novo livro, 'Contos de Jacarta'. Toer passou grande parte da sua vida na prisão e todos os seus trabalhos, inclusive este último, foram proibidos na Indonésia

O ex-general do Exército da Nicarágua, Humberto Ortega, em entrevista coletiva, em Manágua, afirmou que considera inconveniente a aspiração de seu irmão, o ex-presidente Daniel Ortega, de se candidatar novamente à presidência pela Frente Sandinista de Libertação Nacional. Humberto criticou também a postura excludente da direção da FSLN, e clamou pela democratização na escolha do futuro candidato sandinista à presidência



O escritor português José Saramago, prêmio Nobel de Literatura, na apresentação do seu novo livro, 'A caverna', em Lima, capital do Peru, chamou o ex-presidente peruano Alberto Fujimori de covarde, por ter aproveitado uma viagem ao Japão para renunciar ao cargo. O livro 'A caverna' é uma alegoria sobre a desumanização da sociedade neste fim de milênio



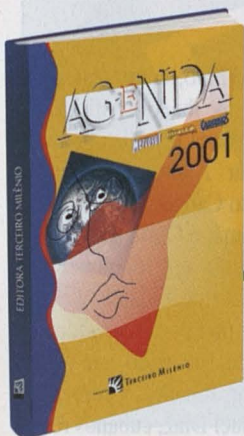
EDITORA
TERCEIRO
MILÊNIO



Ofertas de

VÁLIDA ATÉ 31/01/2001

NATAL



A

Ganhe desconto de R\$5,90 na Agenda 2001

Na assinatura de 2 anos de 1 revista a sua escolha



C

Ganhe desconto de R\$6,00 na Camiseta

Na assinatura de 2 anos de 1 revista ou 2 assinaturas de 1 ano de 2 revistas de sua escolha



B

Ganhe um Chaveiro

Na assinatura de 2 anos de 1 revista a sua escolha

D

Ganhe grátis uma Camiseta

Na assinatura de 1 ano de 3 revistas



ESCOLHA A
OFERTA DA SUA
PREFERÊNCIA

Oferta A

Cadernos ()
Ecologia ()
Mercosul ()

À vista - R\$132,00

2xR\$68,00
 3xR\$46,00
 4xR\$39,00

Oferta B

Cadernos ()
Ecologia ()
Mercosul ()

À vista - R\$120,00

2xR\$62,00
 3xR\$42,00
 4xR\$33,00

Oferta C

Cadernos ()
Ecologia ()
Mercosul ()

À vista - R\$129,90

1xR\$71,90 + 1xR\$62,00
 1xR\$61,90 + 2xR\$42,00
 1xR\$42,90 + 3xR\$33,00

Oferta D

Cadernos ()
Ecologia ()
Mercosul ()

À vista - R\$180,00

2xR\$94,00
 3xR\$63,00
 4xR\$48,00

Faça o seu pedido pelo:

Tel.: (0xx21) 221-7511

Por Fax:

Fax: (0xx21) 252-8455

Ou pela Internet:

e-mail: etm@etm.com.br

www.etm.com.br

PREENCHA E ENVIE ESTE CUPOM OU ENTRE EM CONTATO CONOSCO

Nome Nascimento / /

Endereço

Bairro Cidade UF

CEP Tel. Fax

E-mail Profissão CGC/CPF.....

Assinale a forma de pagamento:

() cheque nominal à Editora Terceiro Milênio Ltda. em anexo

() boleto bancário () depósito bancário ao Banco do Brasil /agência: 3520-3 - CC: 1513-X

() cartão de Crédito: válido até / /

Data / /

Assinatura

Complô desbaratado

Terroristas cubanos serão julgados no Panamá, por planejarem um novo atentado contra Fidel Castro. O mais recente, durante a Conferência Ibero-Americana, colocando em risco a vida de 21 chefes de Estado

Héctor Escobar

OS SERVIÇOS DE INTELIGÊNCIA cubanos foram postos à prova em novembro, quando conseguiram frustrar uma ação terrorista internacional que podia ter custado a vida dos 21 chefes de Estado ibero-americanos. O atentado estava planejado para acontecer na Cidade do Panamá, durante a X Conferência de Cúpula dos Países Ibero-Americanos, evento que se realiza anualmente, quando milhares de estudantes universitários desse país fossem se reunir com o presidente cubano, Fidel Castro, e os demais mandatários.

Os fatos foram revelados durante a primeira conferência de imprensa de Fidel, na noite de sexta-feira, 16 de novembro, logo de sua chegada à capital panamenha, para surpresa da presidenta panamenha, Mireya Moscoso, e perplexidade do resto dos governantes presentes. Mostrando fotos e documentos do complô, encabeçado pelo perigoso terrorista cubano Luis Posada Carriles, de 68 anos, fugitivo da Justiça venezuelana, Fidel Castro deixou os jornalistas praticamente sem fôlego ao relatar, com riqueza de detalhes, o ocorrido. O governante cubano deu os nomes de todos os envolvidos, relacionou os explosivos com que contavam e descreveu os locais onde tinha sido planejado o atentado. Os grupos anticastristas de Miami eram, mais uma vez, os responsáveis pela ação terrorista, na qual participa-

vam grupos criminosos de El Salvador, Honduras e do país anfitrião.

O "desmentido" do Fundo Nacional Cubano Norte-Americano (FNCA) não se fez esperar: "Fidel Castro é como uma velha vedete que chega nas festas e necessita de algum modo chamar a atenção. É absurdo que continue nos acusando sem ter provas", afirmou Ninoska Pérez, a porta-voz do grupo em Miami.

O exilado cubano Jorge Costa, secretário geral do movimento "Fala, Cuba", também com sede em Miami, de onde acabava de chegar, protestou contra a presença do líder cubano no Panamá e também desmentiu as acusações. "Fidel Castro sempre fala doidices e coisas estúpidas", afirmou.

Mas, apesar dos desmentidos da senhora Pérez e das afirmações de Costa, nas primeiras horas da madrugada de 17 de novembro, somente 90 minutos depois da denúncia do presidente cubano, os serviços de segurança panamenhos prendiam "com a mão na massa", em um hotel no centro da capital panamenha, os membros do grupo terrorista. Posada Carriles estava hospedado com o nome falso de Franco Rodríguez Mena e portava um passaporte oficial salvadoreño. Segundo os carimbos que constavam no documento, viajou de El Salvador para a Costa Rica no dia 3 de novembro, seguindo para Honduras, onde teria escolhido os explosivos que iriam ser usados no atentado, segundo informou uma alta fonte da inteligência panamenha. Daí viajou para o Panamá

no dia 5 de novembro, como testemunha o passaporte que lhe foi confiscado.

Além de Posada Carriles, foram capturados César Andrés Matamoros Chacón e Roberto Carrillo, cubanos residentes no Panamá, e Guillermo Novo (cujo nome consta nos documentos sobre o assassinato de Orlando Letelier, ex-chanceler do falecido presidente Salvador Allende, ocorrido em Washington), Gaspar Jiménez, Pedro Ramón Pons e Manuel Díaz, cubanos residentes nos Estados Unidos. Junto a eles também foram detidos o hondurenho Carlos Vicente López Sánchez, apelidado de "Chente", encarregado de levar os explosivos de seu país para o Panamá, e o panamenho José Hurtado, que servia como motorista do grupo e cederia sua fazenda, a uns 20 quilômetros do centro da capital, para ser usada como esconderijo pelos terroristas. Outros cúmplices do atentado, entre os quais os cubanos Antonio Iglesias Pons, Santiago Alvarez Fernández Magriña e mais 44 envolvidos, estão sendo procurados pelas autoridades panamenhas.

Agente de Batista

Luis Posada Carriles foi um conhecido agente da polícia secreta do ex-ditador cubano Fulgencio Batista. Fugiu de Cuba em 1961, depois da queda do ditador, e se refugiou na Argentina. Pouco depois apareceu nos Estados Unidos, como membro do corpo de Rangers, do exército norte-americano.



Fotos: AFP

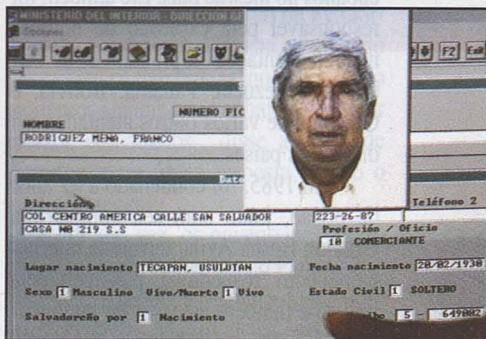
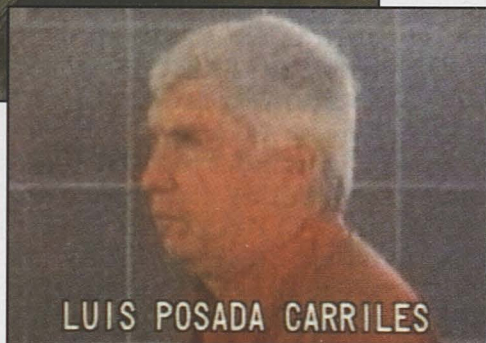
Fidel Castro denunciou, na mesma noite de sua chegada ao Panamá, o complô contra sua vida e exibiu as fotos do passaporte do terrorista cubano Posada Carriles, autor do atentado

Em 1964, Posada se destacou como "especialista em explosivos e demolições" no acampamento da Agência Central de Inteligência dos Estados Unidos (CIA). Simultaneamente foi chefe de operações militares do Rece e do Exército de Libertação Nacional, grupos anticomunistas dos Estados Unidos.

Em 1967, foi contratado na Venezuela pela polícia política (Digepol) daquele país, durante o governo democrata-cristão de Rafael Caldera. Quando, devido ao desprestígio desse organismo policial, o seu nome foi mudado para Disip, Posada foi promovido a chefe de Operações, por sua "grande experiência em inteligência policial", com um salário de 5 mil dólares. Em 1971, quando ainda servia na inteligência venezuelana, Posada aparecia ligado ao grupo anticomunista Alfa 66, e

tentou assassinar o presidente Fidel Castro durante sua viagem ao Chile.

Em 1974, sem abandonar seu alto cargo oficial, aparece publicamente como fundador do grupo Ação Cubana, acusado de ter realizado mais de 20 ações terroristas a partir do território venezuelano. Em 1976, Posada é reconhecido como líder da organização anticomunista Coru, responsável pela bomba colocada no avião da Companhia Cubana de Aviação, em 6 de outubro de 1976, que explodiu pouco depois de decolar de Barbados, em viagem proveniente de Caracas, matando 73 pessoas, entre elas toda a equipe juvenil olímpica cubana de esgrima, que acabava de triunfar em um campeonato realizado na capital venezuelana. Os terroristas colocaram a bomba no banheiro traseiro do avião, usando explosivos plásticos C4, de alto



poder de destruição, os mesmos confiscados agora no Panamá, nos quais Posada é especialista.

Segundo os técnicos, o C4 pode acabar com tudo em um raio de 400 metros a sua volta. Se o atentado do Pa-

namá tivesse tido sucesso, teriam morrido, sem dúvida, milhares de estudantes da Universidade Nacional, onde ia acontecer a reunião com o líder cubano Fidel Castro e os demais governantes latino-americanos.

Participação comprovada

Em 1976, poucas horas depois do atentado contra o avião da Companhia Cubana de Aviação, no mesmo 6 de outubro, foram presos em Trinidad e Tobago os venezuelanos Hernán Ricardo e Freddy Lugo, que confessaram serem os responsáveis pelo atentado e pertencerem ao grupo terrorista dirigido por Posada Carriles. Quando ele foi preso, por sua participação no crime, carregava numerosos documentos com detalhes de todos os movimentos dos integrantes das delegações diplomáticas cubanas na Colômbia e nos países do Caribe, assim como de outras rotas de vôo da Companhia Cubana de Aviação.

Investigações posteriores da polícia venezuelana demonstraram a participação de Posada Carriles em vários atentados e seqüestros, entre eles o do embaixador cubano na Argentina, e no desaparecimento de dois funcionários cubanos no mesmo país. Ele também foi responsável pela explosão de bombas nas representações diplomáticas de Cuba na Venezuela, Panamá, Bolívia, e Guiana e de vários outros atentados em diferentes países.

Em 1985, foi condenado a 27 anos de prisão, junto com seu compatriota Orlando Bosch Avila, terrorista internacional com "respeitável" passagem pela polícia e também assessor de inteligência do então presidente venezuelano Luis Herrera Campins, pelo crime do avião em Barbados.

Posada Carriles, Orlando Bosch Avila e os autores intelectuais do atentado em Barbados, Hernan Ricardo e Freddy Lugo, foram conduzidos ao cárcere nacional da cidade de San Juan



A presidenta do Panamá, Mireya Moscovó (na foto acima, no aeroporto), recebendo o presidente Fernando Henrique Cardoso) negou o pedido de extradição dos terroristas, enquanto em Havana (foto ao lado), populares exigiam que fossem julgados em Cuba

de Los Morros, na capital do estado de Guarico, no centro do país. Estranhamente, segundo eles mesmos confirmaram à imprensa, na prisão continuaram a receber os seus salários integrais, por ordem de seu superior, o alto funcionário democrata-cristão Ramberto Uzcategui, que tentou, em vão, desmentir o fato.

A fuga

Mas os terroristas passaram pouco tempo presos. Com batina de padre e pela porta principal da prisão, Luis Posada Carriles e seus cúmplices fugiram na tarde de 18 de agosto de 1985. Desde então, são procurados pela Interpol. Agora aparece novamente um religioso na história: segundo confirmaram fontes oficiais salvadorenhas, foi o padre Rafael Antonio Santos

Martínez, pároco do povoado de Tucapán, quem "adulterou o livro de batismos de sua igreja" para registrar o fugitivo Luis Posada Carriles como nascido na sua paróquia com o nome de Franco Rodríguez Mena, fato este confirmado pelas autoridades eclesiais salvadorenhas, que não disseram se castigarão ou não o sacerdote.

Ficou comprovado que há mais de 15 anos Posada Carriles vivia livre em El Salvador, depois de passar um tempo como assessor da Dina, no Chile, sob as ordens do general Manuel Contreras, condenado pelo assassinato do ex-chanceler Letellier.

Em El Salvador, Posada Carriles foi contratado como "assessor de segurança" pelo então presidente Napoleón Duarte. E mesmo sendo procurado pela Interpol, viajou livremente em 59 ocasiões aos Estados Unidos (que, apesar da alta tec-



nologia, nunca "conseguiu" detectar sua presença), México, Guatemala, Honduras, Nicarágua, Costa Rica e Panamá, desde 1995 (data de emissão do atual passaporte oficial, em nome de Franco Rodríguez Mena), até o dia 3 de novembro, quando saiu pela última vez de El Salvador. Tudo isso sem ter feito plástica nem modificado suas impressões digitais.

Não existe até agora explicação do serviço de inteligência de El Salvador para o fato de que o terrorista tenha obtido um passaporte oficial no país em 1991, em nome de Ramón Medina Rodríguez, e outro em 1995, já com a "certidão de batismo" fraudada do padre Santos Martínez.

Nunca foi detectado que duas pessoas tinham o mesmo rosto e as mesmas impressões digitais. Coincidência ou não, sempre foram governos democratacristãos, eleitos democraticamente, na Venezuela e em El Salvador, os que nomearam Posada Carriles, apesar de seu passado, para altos cargos oficiais.

Atentado similar

Em 1994, em ocasião da IV Conferência de Cúpula Ibero-Americana, celebrada em Cartagenas de Índias, Colômbia, Posada Carriles conseguiu introduzir no local onde se realizavam as atividades um fusil Barret calibre 50.

Como lembrou recentemente o chanceler cubano Felipe Pérez Roque, alguns dos cúmplices de Posada Carriles contaram à polícia que chegaram a apontar contra Fidel, mas a sua cabeça não se distinguia bem, se confundindo com outras, entre elas a do escritor García Márquez, e acabaram por desistir de cometer o assassinato.

Em 1997, durante a VII Conferência de Cúpula Ibero-Americana, realizada na Ilha Margarita, no leste da Venezuela, outro atentado semelhante esteve a ponto de ser executado. Foi evitado graças à guarda costeira norte-americana, que surpreendeu e apreendeu um barco carrega-

do de armas e explosivos na costa de Porto Rico, com cinco membros do FNCA. Naquela ocasião, faziam parte do grupo os cubanos Antonio José Llana, Francisco Córdova, José Quiñón, Ángel Hernández e José Rodríguez Sosa, todos residentes em Miami. Eles tentavam cruzar o Atlântico para executar o atentado no encontro presidencial.

Os terroristas passaram algum tempo presos, até que, devido ao poder da pressão política e ao poder econômico dos grupos cubanos dos Estados Unidos, saíram em liberdade no último 8 de dezembro, defendidos por um grupo de famosos advogados. Segundo o parecer, "não foram encontradas provas suficientes" contra eles.

Posada Carriles tem contas a ajustar com vários países: Japão, Venezuela e o Brasil, inclusive. Cuba já entregou a documentação para seu pedido de extradição, enquanto a Venezuela prepara a sua. Uma coisa é certa, o governo do Panamá tem uma brasa ardendo nas mãos.

Por um lado, há a pressão e o poder econômico dos exilados cubanos de Miami, tentando libertar os terroristas. E, por outro, está o compromisso com a opinião pública mundial de fazer justiça. Por enquanto, a única atitude assumida pela presidenta Mireya Moscoso foi negar o pedido de extradição do governo de Havana, decidindo processar os terroristas no país. "Não podemos aceitar que venham assassinar nossos convidados", disse a chefe de Estado, como única resposta a tudo o que aconteceu.

Por sua vez, os governantes ibero-americanos que estiveram no Panamá parecem nem sequer ter percebido o perigo que correram. Muitos deles sequer sabiam quem era Posada Carriles.

Curiosamente, ao término da Conferência, não houve nem uma palavra oficial dos mandatários sobre o atentado no Panamá, apesar de ter sido aprovada uma moção de condenação ao terrorismo... do ETA! ■

'A guerra está no fim'

Professor e ex-ministro angolano aponta fase de desenvolvimento para Angola

Rogério Lessa

ASSOLADA PELA GUERRA CIVIL que sucedeu uma intensa luta pela independência, em 1975, Angola hoje é considerado pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância e a Adolescência (Unicef) como o pior lugar do mundo para uma criança nascer. São três milhões de doentes e famintos e 200 mortes por dia. O desemprego atinge 82% da população economicamente ativa, num país com mais de 11 milhões de habitantes. Com os recursos da produção de petróleo e diamantes canalizados para a guerra, a ex-colônia portuguesa não tem tido a oportunidade de investir no desenvolvimento humano e sustentável, bem como no setor não-petrolífero. A agricultura, por exemplo, que historicamente se destacava pela produção para exportação, hoje está completamente estagnada. E a população, aterrorizada pela guerra, nos últimos anos tem migrado para as cidades, que não oferecem a mínima infra-estrutura.

Entretanto, segundo o engenheiro José Dias, professor da Universidade de Angola, já é possível antever o fim dos conflitos entre o governo do presidente José Eduardo dos Santos, do Movimento Popular para a Libertação de Angola (MPLA), e a União Nacional para a Independência Total de Angola (Unita) - principal força de oposição. Na visão do professor, isso permitirá abrir caminho para o processo de reconstrução nacional e legalidade democrática, com eleições livres provavelmente em 2002.

Presidente da Ordem dos Engenheiros de Angola, ex-ministro de Geologia e Minas e ex-presidente da Empresa de Diamantes de Angola (Endiama), José Dias concedeu entrevista a **cadernos do terceiro mundo** quando esteve no Rio de Janeiro para participar da VI Jornada de Engenharia dos Países de Língua Oficial Portuguesa, realizada no Clube de Engenharia.

✓ *Em sua palestra no Clube de Engenharia, o senhor frisou a importância do fator humano como base do desenvolvimento sustentável. Como avalia a evolução desde a independência e as perspectivas de Angola, sobretudo no âmbito acadêmico?*

JD - Antes da independência, praticamente não havia quadros de engenheiros formados. O acesso dos angolanos à educação era reprimido. Desde que o atual governo assumiu o poder, muita gente se formou. Hoje temos quadros dos mais variados, tanto em Direito, Economia e Engenharia como em Biologia, Física ou Química. O governo mandou alunos para se formarem em todas as partes do mundo, sobretudo no Brasil, Portugal, França, Japão e Estados Unidos. Há pessoas fazendo pós-graduação e doutorado. Os recursos humanos em Angola têm se desenvolvido cada vez mais.

✓ *Isto tem revertido na diminuição da participação de professores estrangeiros nas universidades?*

JD - Sim. Criamos uma grande universidade e na época não havia muitos angolanos qualificados. Tivemos que

contar com o concurso de muitos professores estrangeiros no ensino superior. Hoje, no ensino básico e médio, os professores são todos angolanos. Começam também a aparecer universidades privadas, como a Católica e a Piaget, com grande participação de angolanos.

✓ *Certamente os conflitos, desde a luta pela independência, retardaram bastante o desenvolvimento tecnológico do país.*

JD - A luta de libertação de Angola foi um processo bastante longo. Nós demos o Grito de Alerta (similar ao Grito do Ipiranga) em 1961. A luta durou praticamente 14 anos, onde muitos angolanos foram mortos, vilipendiados, massacrados, até que chegamos ao 25 de abril de 1975, data da Revolução dos Cravos, em Portugal, que também sofria uma ditadura comandada por Salazar. Quando Angola atingiu a independência, era um período bastante difícil, durante a Guerra Fria, com dois blocos antagônicos no mundo. Os Estados Unidos nos viam como um país onde o comunismo poderia se instalar e deram todo apoio político, militar e financeiro à Unita, com a qual começou um confronto. Em 1992, houve acordo para a realização de eleições, mas a Unita, ao ver que perdera nas urnas, retomou a luta, apesar de ter sido oferecida a ela a vice-presidência.

✓ *Quais os setores onde a tecnologia tem obtido maior avanço?*

JD - Apenas na área petrolífera temos alcançado bom desenvolvimento tecnológico. A agricultura praticamente



Foto: Laila Câmara

José Dias: 'O fim da guerra deve atrair investimentos, hoje escassos pelo alto risco'

não avançou por causa da guerra. Por consequência, a agroindústria também não se desenvolveu e isto causou graves problemas. No setor de minas, a mesma coisa.

A Unita também se apropriou de áreas ricas em diamantes e usou essa riqueza para comprar armas. Daí o crescimento de seu arsenal de guerra.

Mas a partir de 1998, a comunidade internacional toma consciência do fato de a Unita estar usando os diamantes para comprar armas e decide a criação de certificados, emitidos pelo governo, tanto para os produtos agrícolas, quanto para os produtos das minas. Apesar da medida, áreas de extração comandadas pela Unita continuam em atividade e os diamantes circulam no mercado internacional de forma clandestina e ilegal. Em dezembro, os rebeldes conquistaram um dos centros diamantíferos mais importantes do país, em Malange. Nos últimos 8 anos, estima-se que a Unita tenha arrecadado de 1,5 bilhão a 3 bilhões de dólares atuando nesse mercado.

✓ **Mas Angola exporta petróleo bruto. Existe algum projeto para agregar valor a esse produto, como acordos**

regionais ou multilaterais com transferência de tecnologia?

JD - Temos uma refinaria antiga, que data do tempo português. Mas agora o Estado firmou acordos para fazer uma refinaria no sul do país para transformação do petróleo. Há um potencial enorme e Angola precisa de quadros para promover essa renovação, apesar de já termos bons especialistas na área.

Há também associação com diversas empresas estrangeiras para transferência de tecnologia. Existem acordos, sobretudo regionais, em todos os domínios, para definir políticas conjuntas de desenvolvimento.

✓ **Quais são as perspectivas do setor não-petrolífero?**

JD - Um setor que pensamos que vai se desenvolver é o da construção civil e obras públicas. Absorverá muita mão-de-obra, porque o país terá que reconstruir sua infra-estrutura. Sem ela não há desenvolvimento. Há também o setor das minas, que pode alavancar a indústria. Mas a grande aposta é na agricultura, já que antes da independência éramos um país essencialmente agrícola. Produzíamos produtos para exportação, como café e milho.

✓ **Está havendo alguma ação do governo no sentido do desenvolvimento sustentável, com preservação ambiental e combate à desertificação e às secas?**

JD - A província mais atingida pela desertificação fica ao sul e faz fronteira com a Namíbia. Embora essa província sofra com o problema, possui solos muito ricos em minerais e basta fazer o aproveitamento dos grandes rios para produzir com qualidade. Estes rios, que cortam o país de norte a sul, representam um grande manancial e parte deles será canalizada para uso das populações e a geração de energia no futuro.

Em função da Rio-92, o governo passou a dar muita atenção às questões ambientais. Criou-se o Ministério da Pesca e Meio Ambiente, preocupado com a preservação e, ao mesmo tempo, com o crescimento do país.

✓ **E quanto ao desenvolvimento humano?**

JD - Eu penso que a guerra civil está no fim. Isto deve atrair investimentos, hoje escassos em Angola devido ao alto risco.

Estamos criando parcerias para a substituição de importações e alteramos a legislação, que restringia o repatriamento de capitais e os tributava de forma muito pesada. Creio que devam ser criados novos pólos de atração para que uma parte da população regresse ao campo. O Estado deverá criar condições para que essas populações não venham para a cidade e está apostando na estabilidade total.

✓ **Aproximadamente 40% da população de Angola têm até 15 anos de idade. Este é um outro desafio, não é verdade?**

JD - Sim. Mas, por outro lado, é aí que vai se concentrar a massa crítica dos trabalhadores. Precisamos dar formação a essa juventude, inclusive básica. Um país não se constrói apenas com formação superior. ■

A dura vida no Rio

Os angolanos, maioria entre os quase dois mil refugiados no Brasil, lutam para se integrar ao país, apesar do preconceito que enfrentam

Paulo Marinho

MAIORIA ESMAGADORA entre os refugiados recebidos pelo governo brasileiro, os cerca de 1.441 angolanos residentes no Rio de Janeiro lutam para se integrar à chamada população economicamente ativa do país. Levados a deixar a terra natal por perseguição política ou pela guerra civil, eles são assistidos pela Arquidiocese desde 1993, mas convivem com as mesmas dificuldades enfrentadas pelas populações menos favorecidas das grandes cidades: o desemprego e a discriminação social. Habitando os bairros da periferia, os refugiados de Angola ainda se ressentem das seqüelas deixadas por infundadas acusações, feitas em fevereiro de 2000, segundo as quais ensinaram táticas de guerrilha a traficantes da cidade.

Reticentes quanto a entrevistas e fotografias, os angolanos reivindicam a criação de mecanismos governamentais capazes de gerar oportunidades de trabalho.

Quando a Arquidiocese do Rio de Janeiro começou a prestar assistência a refugiados políticos, em 1992, os registros indicavam a presença de 102 estrangeiros nessa condição no estado. A partir do ano seguinte, no entanto, os pedidos foram aumentando até atingir 1.632 pessoas - e há 329 casos ainda não reconhecidos.

Segundo a coordenadora do Programa de Atendimento a Refugiados da Cáritas, Heloísa Nunes, o perfil dos que

chegam mudou ao longo dos anos. "As famílias numerosas de outrora foram substituídas por jovens em idade de prestar o serviço militar", observa.

Já o perfil socioeconômico da grande maioria deles não mudou muito: são pessoas com escolaridade incompleta, de baixa renda e com pouca ou nenhuma habilitação profissional. Trabalhando em conjunto com o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur), a Cáritas encaminha os refugiados para os cursos de formação de mão-de-obra mantidos pela Confederação Nacional da Indústria (CNI). De acordo com a assistente social Heloísa Nunes, no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac), os cursos mais procurados são os de cabeleireiro, prática contábil, língua inglesa e corte e costura, enquanto no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) os preferidos são os de solda, eletricidade/eletrônica, mecânica, marcenaria e refrigeração.

Mas nem sempre a qualificação é sinônimo de acesso ao estreito mercado formal de trabalho brasileiro. De acordo com a também assistente social Alany Caldeira, o grau de dificuldades enfrentado para encontrar um emprego é o mesmo - tanto para os que não têm profissão, quanto para os que aqui chegam mais preparados. Segundo ela, a sociedade ainda é muito desinformada e acaba olhando o refugiado com muitos preconceitos. "Os qualificados não têm como comprovar a experiência anterior e acabam preteridos."

Alany assinalou que o episódio da favela Nova Holanda e a precipitada

publicação de envolvimento de angolanos na chacina (ver box) indignou a comunidade. "Levamos algum tempo para desfazer uma imagem que não corresponde à realidade", assinala. Ela lembra ainda que o efeito foi tão negativo quanto o provocado pelas teses da comunidade científica internacional, segundo as quais o vírus da Aids foi disseminado para o resto do mundo a partir do continente africano.

Expectativas

Conseguir um emprego fixo, voltar a estudar e conquistar a cidadania em um país estrangeiro - estas são as grandes expectativas da grande maioria dos refugiados angolanos. Além de conviver com as dificuldades comuns a todos os imigrantes, alguns ainda não se livraram do trauma que deixaram para trás. É o caso de Jefeson - que aceitou conversar sob a condição de não fornecer o sobrenome ou mesmo tirar fotos. Desde 1999 no Brasil, ele e a esposa (que está no sexto mês de gravidez) vivem praticamente com os dois salários mínimos que recebem da Arquidiocese. Boa parte do dinheiro - 180 reais - é gasto com o aluguel de um conjugado no bairro de Barros Filho, na zona norte. Jefeson almeja concluir a última série do 1º grau, está procurando emprego e consegue algum dinheiro extra fazendo biscates onde mora. "Fiz dois cursos da área de eletricidade no Senai", conta. Aos 27 anos, ele não gosta de falar sobre sua terra natal e não tem notícias dos parentes que deixou por lá. "Estou procurando me integrar à sociedade."



Foto: Paulo Martins

Assistentes sociais com refugiados angolanos, em frente à Cáritas, no bairro da Glória

Cursando o último período do curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Abílio Cruz, 32 anos, está no Brasil desde 1995, vive sozinho no bairro de Santo Cristo, na zona portuária. Estagiário do Banco do Brasil há pouco mais de um ano, ele recebe 240 reais mensais. O angolano também recebe a ajuda financeira da Arquidiocese e dá aulas particulares. Seu futuro, no entanto, é incerto. Consciente de que sua permanência no banco é transitória, ele continua deixando seu currículo nas agências de emprego. "Mas está difícil conseguir até outro estágio", lamenta. Abílio acha que o governo do estado devia criar convênios visando à geração de empregos para refugiados. "Sendo universitário ou não, as dificuldades são

as mesmas quando saímos em busca de trabalho", explica.

João de Lemos, 26 anos, 1º grau completo, é outro refugiado que luta para superar as dificuldades. Ele divide com o irmão e dois colegas o aluguel de um quarto, por 180 reais, na Vila do Pinheiro, favela próxima à Vila do João, na Avenida Brasil. Há dois anos no Rio, ele vive de biscates. Seu único trabalho fixo durou apenas um mês na construção civil. Encaminhado pela Arquidiocese, fez cinco cursos de mecânica no Senai. "Pelo menos uma vez, fui preterido no preenchimento de uma vaga por outro concorrente muito menos qualificado", resente-se.

João lembra ter ficado frustrado, porque chegou a ser notificado por telegrama, compareceu ao local (uma con-

cessionária de veículos) e, só então, foi informado de que o posto não era seu. "Não sei se me descartaram porque sou refugiado ou porque a notícia que ligou angolanos a traficantes ainda era muito recente." Ele assinala que existe boa vontade dos governantes: "O que falta mesmo é emprego."

Perfil dos refugiados

Dos 1.961 refugiados reconhecidos pelo governo brasileiro, 1.441 procedem de Angola e 133 vêm do Zaire. Levantamento concluído em setembro último pela Cáritas da Arquidiocese dá conta que 90% do total são do continente africano - procedentes ainda de países como a Guiné Bissau, Gana, Etiópia, Libéria, Ruanda, Serra Leoa, Somália e Sudão. Os 254 exilados restantes vieram de Cuba, Sérvia, Croácia, Iraque, Irã e Paquistão.

Os dados indicam ainda que 71% das pessoas que pedem asilo são do sexo masculino, enquanto 77% são casos individuais; 23% integram grupos familiares. Por faixa etária, 9% são crianças de até 4 anos; 17% têm idade entre 5 e 17 anos e os adultos constituem a maioria (74% do total).

De acordo com a Arquidiocese do Rio de Janeiro, 73% dos refugiados não completaram o 1º grau; 22% têm 2º grau completo e 3% concluíram um curso superior. Após cumprir as exigências do Acnur, os estrangeiros passam a receber um salário mínimo por mês. São assistidos ainda por convênios mantidos pela Arquidiocese com o Senai e Senac; Hospital Pedro Ernesto (clínica geral); Santa Casa de Misericórdia (atendimento oftalmológico); UFRJ (ingresso em vagas nos cursos de Psicologia, Ciências Contábeis, Administração, Enfermagem, Ciências Sociais).

O Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados - que completou 50 anos em 14 de dezembro - atende atualmente a mais de 22 milhões de pessoas em todo o mundo. ■

Acusações infundadas

Na madrugada do dia 4 de fevereiro de 2000, um grupo de criminosos invadiu a favela Nova Holanda, na zona norte do Rio de Janeiro, matando seis pessoas e ferindo quatro. Na mesma tarde, policiais da delegacia da área declararam suspeitar do envolvimento de "ex-guerrilheiros angolanos". Basearam-se em vagas informações, fornecidas por moradores. No dia seguinte, o Jornal do Brasil e O Globo deram grande destaque às suspeitas.

O incidente deu origem a uma operação policial no chamado Complexo da Maré, mas nenhuma das suspeitas foi confirmada. Um pedido formal de desculpas foi encaminhado pelo próprio governador Anthony Garotinho ao cônsul-geral de Angola, Ismael Diogo da Silva, durante encontro realizado no Palácio Guanabara. Quase um ano já se passou, mas o episódio deixou sequelas, notadamente entre os angolanos residentes na Maré.

Em direção à América Latina

A União Européia volta seus interesses para os países latino-americanos, mas o Brasil ainda não percebeu as vantagens desta relação

Edouard Bailby

RECENTEMENTE, FRANÇOIS PÉRIGOT, presidente do Medef International, a poderosa organização patronal da França, fez a seguinte declaração: "O problema consiste em saber se o Mercado Comum do Sul (Mercosul) vai querer se aproximar mais da União Européia (UE) ou se pretende aderir, sem constrangimento, ao projeto norte-americano de criação de uma zona de livre comércio, no horizonte de 2005, abrangendo o conjunto do continente. Se esta última hipótese for confirmada, os produtos europeus poderão ser excluídos da região."

Esta é uma das preocupações de muitos empresários europeus que temem a hegemonia econômica dos Estados Unidos na América Latina. O que fazer então?

Para tentar responder a essa pergunta, o senador Didier Borotra, prefeito de Biarritz, no litoral atlântico do país basco francês, organizou em novembro os Primeiros Encontros Europa-América Latina.

Situada a trinta quilômetros da Espanha, a pequena cidade de 30.000 habitantes, outrora freqüentada por milionários brasileiros, é particularmente sensível a tudo o que se relaciona com os países de língua espanhola e portuguesa.

Não por acaso, o seu Festival do Cinema e das Culturas Latino-Americanas, realizado anualmente, já ganhou projeção internacional.

Todo o sudoeste da França, aliás, incluindo o porto de Bordeaux (215.000 habitantes), mantém, mais do que as outras regiões do país, relações privilegiadas com a península ibérica e a América Latina.

O principal setor industrial é o de madeira e papel, mas várias indústrias de alta tecnologia foram implementadas. Nos últimos quatro anos, diretores de pequenas e médias empresas na Argentina têm sido os visitantes sul-americanos mais assíduos, procurando reforçar os seus laços com empresas francesas do mesmo tamanho.

O peso do México

A grande surpresa desses encontros, que serão realizados de dois em dois anos em Biarritz e, alternativamente, de dois em dois anos numa cidade da América Latina (Rosário, na Argentina, em 2001), foi a presença maciça dos mexicanos: um número aproximado de 140 pessoas, incluindo dois governadores de estado. A Argentina mandou a ministra do Desenvolvimento Social e do Meio Ambiente e uma delegação de 30 pessoas.

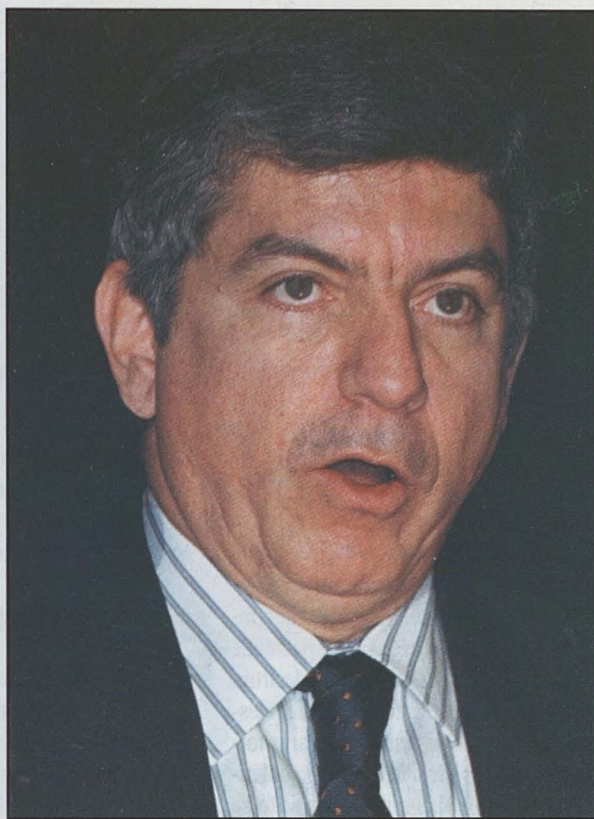
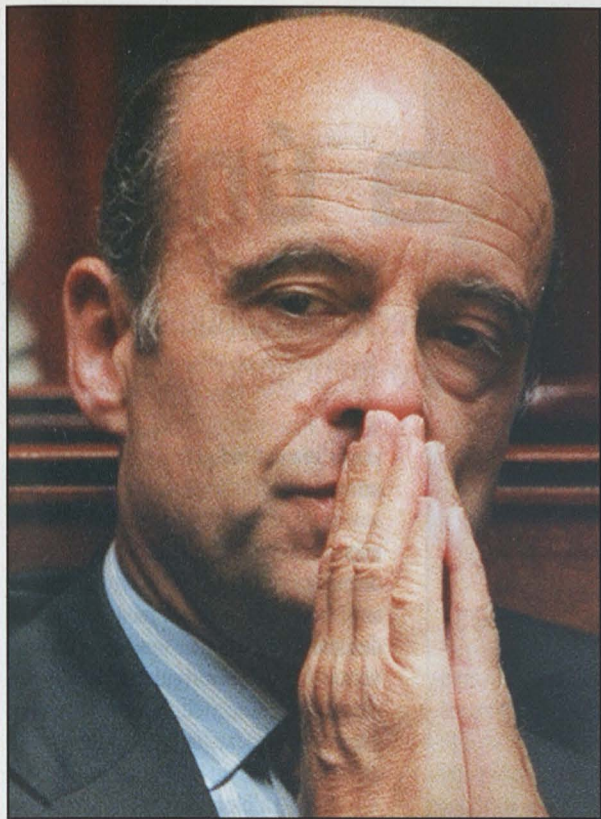
Tendo à vista a importância do evento, a própria Organização dos Esta-

dos Americanos (OEA) se fez representar por seu secretário-geral Cesar Gaviria. Quanto ao Brasil, compareceu apenas meia dúzia de empresários, além de Umberto Mota, da Agência de Desenvolvimento do Rio de Janeiro, e Paulo Pinheiro de Andrade, diretor do instituto de pesquisas Ibope. O ministro da Educação, cuja visita havia sido anunciada, só apareceu no dia do encerramento.

Quando falou sobre o futuro das relações entre a União Européia e a América Latina, Alain Juppé, antigo primeiro-ministro francês de centro-direita, comentou: "Não sou absolutamente antiamericano, o poder tem a sua lógica. No entanto, é necessário estabelecer equilíbrios."

Para alcançar esse objetivo, os países que fazem parte da União Européia, conhecido como Grupo dos Quinze, têm duas prioridades: desenvolver as relações com o México e fortalecer os laços econômicos e políticos com o Mercosul. Por que o México? Além de ser considerado atualmente o mercado mais dinâmico do mundo, ele apresenta a vantagem de ser uma porta de entrada competitiva para os produtos europeus nos Estados Unidos, se desaparecerem as barreiras alfandegárias em ambos os lados do Atlântico.

Infelizmente, o intercâmbio do México com a UE, que representava 10,6% do total do seu comércio exterior, em 1991, caiu para 6,5%, em 1999.



Fotos: AFP

A declaração do ex-primeiro-ministro francês Alain Juppé (à esquerda) foi bastante representativa, apesar da ressalva: 'Não sou absolutamente antiamericano, o poder tem a sua lógica. Mas é necessário estabelecer equilíbrios.'

A presença também de Cesar Gaviria (à direita) foi interpretada como um sinal da importância que a OEA dá ao assunto, enquanto a fraca participação brasileira apontava para postura oposta

Se os produtos mexicanos, como a cerveja Corona, enfrentaram inúmeros problemas burocráticos e alfandegários para entrar no mercado dos Quinze, as exportações da UE para o México foram submetidas, em 1999, a taxas alfandegárias de 8,7%, em média, chegando a 35% no caso de alguns produtos.

Há poucos meses, depois de longas negociações, o México e a UE assinaram o mais completo acordo de livre comércio jamais negociado pelos Quinze. O acordo garante às duas partes um acesso preferencial a seus respectivos mercados de bens e serviços.

Desde já, 82% das exportações industriais do México e 48% das exportações da UE gozam de um acesso livre ao mercado da outra parte. Até 2003, as taxas alfandegárias serão de 5% no máximo e, antes de 2007, todos os direitos cobrados sobre os produtos industriais deverão desaparecer.

O Mercosul

Atualmente, a União Européia ocupa o primeiro lugar como investidor, fornecedor e cliente do Mercosul. Não por acaso. Liderados pela França e Espanha, os Quinze acompanham com especial interesse a formação de um grupo regional que não seja apenas uma zona de livre comércio.

A maioria dos peritos opina que os quatro países sul-americanos - Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai - não poderão reforçar as suas relações econômicas e enfrentar a concorrência internacional, em particular a dos Estados Unidos, sem seguir um caminho similar ao da União Européia. Isto implica a criação, a médio ou longo prazo, de uma moeda única, com futuras decisões comuns de caráter político.

A Comissão de Bruxelas não intervirá nesse processo, deixando aos go-

vernos dos Quinze e ao setor privado a incumbência de favorecer a consolidação do Mercosul.

O secretário-geral da OEA, Cesar Gaviria, sublinhou, em Biarritz, que "a volatilidade dos capitais na América Latina é um dos pontos negativos da globalização". Se a União Européia não alimenta pretensões hegemônicas sobre os países sul-americanos, ela não deixa por isso de ter a sua parte de responsabilidade. Além do mais, a sua política agrícola cria enormes limitações ao desenvolvimento das relações bilaterais.

No entanto, o diálogo com o Mercosul será muito frutífero, se os quatro países conseguirem manter uma posição comum. Graças às suas indústrias de alta tecnologia e à existência de inúmeras empresas médias que resistem às multinacionais, a União Européia, por sua vez, pode ajudar o Mercosul com a sua experiência. ■

Mundo de raça única

O conceito de raça não corresponde, em nossa espécie, a nenhuma realidade, embora muitos ainda fomentem o racismo invocando a ciência

*Albert Jacquard**

O HOMEM, ESTE SER DOTADO do fabuloso poder de construir-se a si mesmo e de cooperar em sua própria criação, paga tal capacidade com o poder inverso de se autodestruir. As guerras são uma forma de autodestruição violenta, as armas nucleares tornam possível inclusive o suicídio coletivo da espécie. Mas a autodestruição se manifesta também em comportamentos dissimulados, dentre os quais o mais difundido é, seguramente, o racismo.

Depreciar os outros por fazer parte de um grupo não é novidade, mas o fenômeno se desenvolveu de uma forma específica no século XX. Hoje, se pretende justificar a classificação dos homens em categorias hierarquizadas através dos "descobrimentos recentes da ciência moderna".

Se os progressos da ciência conduzissem efetivamente a essas conclusões, seria impossível deixar de considerá-las, independentemente das nossas opções morais, filosóficas ou religiosas. Entretanto, o conteúdo atual do saber científico, especialmente da genética, situa-se exatamente no oposto do que se pretende interpretar dela. Só mesmo apoiando-se em um verdadeiro contra-senso para fundar na biologia qualquer tipo de teoria elitista.

A partir de debates interdisciplinares, é possível caracterizar rigorosamente o conteúdo do patrimônio biológico de todos os grupos humanos. Até hoje, as tentativas de definir as raças apoiavam-se nas características aparentes

(cor de pele, textura do cabelo, forma do crânio, etc.). Atualmente, essas características já não são consideradas, e sim os genes que as determinam.

Genes semelhantes

A frequência com que os diversos genes se apresentam em um grupo constitui a sua estrutura genética. As diferenças entre as estruturas de duas populações podem ser sintetizadas mediante uma distância calculada a partir dos genes observados em cada uma. Desse modo, a definição das raças consiste em agrupar as populações que apresentam entre si distâncias genéticas pequenas, classificando como duas raças diferentes aquelas populações que possuam grandes disparidades de genes.

Contudo, esse tipo de classificação é impossível na raça humana. O grande número de migrações e os poucos períodos de isolamento não permitiram que a diferença entre os grupos alcançassem um nível suficiente para permitir traçar fronteiras entre conjuntos relativamente homogêneos. A considerável variabilidade da espécie humana não se explica pela diferença entre as médias dos diversos grupos, mas pelas diferenças entre os indivíduos pertencentes a um mesmo grupo.

Segundo a análise de R. Lewontin (1974), a distância genética média entre duas pessoas aumenta apenas 7% ou 8%, se elas forem de nacionalidades distintas, e 15%, caso pertençam a "raças" diferentes. Para o geneticista, o conceito de raça não corresponde, em nossa espécie, a nenhuma realidade que

possa ser definida de forma objetiva e estável.

A genética também pode nos imunizar contra o segundo aspecto da atitude racista que, como já foi dito, pretende também hierarquizar as raças. O estudo dos mecanismos que atuam no mundo vivo indica que seu resultado não é selecionar o melhor e eliminar o pior, mas preservar a coexistência duradoura das diferenças.

Riqueza biológica não é sinônimo de "bons genes", mas de genes diversos, logo o "melhor" grupo seria aquele que conservou uma maior diversidade. Desse modo, é impossível invocar a biologia para justificar uma suposta hierarquia "natural" entre os indivíduos ou entre as populações.

Quando em meados do século XIX a psicologia se fez "científica", estabeleceu-se como tarefa comparar os rendimentos intelectuais de cada indivíduo e dos grupos. A análise, contudo, transformou-se em uma investigação sobre as relações de superioridade e inferioridade. Foram elaboradas algumas normas para classificar os homens, tomando como referência o comportamento médio da população ocidental atual. Os resultados dos testes só podem ser apresentados na forma sintética de um número, o Coeficiente de Inteligência (QI), apesar de raramente a sua interpretação considerar as limitações do seu significado.

O fato de ter dado ao QI a aparência de um número cria a ilusão de que ele mede uma magnitude com existência própria. Na realidade, as comparações efetuadas por meio do QI carecem

- de acordo com a própria definição da medida do coeficiente - de um significado.

Os contra-sensos cometidos em relação ao QI resultam particularmente perigosos quando concernem ao chamado problema "do inato e do adquirido". O uso indiscriminado do conceito de "hereditariedade", criado pelos geneticistas, tem levado alguns psicólogos a atribuir uma parte da responsabilidade aos fatores genéticos e outra aos fatores ambientais nas variações de QI entre indivíduos ou grupos. Na verdade, não se respeita nenhuma das condições necessárias para confirmar as medidas dessa "hereditariedade". Logo, os dados propostos para sustentar essas teorias simplesmente não têm sentido algum.

O racismo não deve ser considerado produto inevitável de um determinismo. É errado, por exemplo, considerar o racismo como uma simples consequência de fenômenos econômicos. Na verdade, estamos diante de um fenômeno de interação onde o ódio racial leva à busca de um bode expiatório para focar em uma minoria a agressividade produzida por todos os fracassos. Trata-se de um processo onde a ação política tem papel decisivo e os meios de comunicação desempenham papel determinante.

Etnocentrismo

A difusão geralmente deformada de determinadas teses dos sociobiólogos apresenta um grave perigo. A sociobiologia estuda os determinismos, inclusive genéticos, da organização social de espécies animais, como os primatas. Aplicar o resultado de tais pesquisas ao homem gera riscos evidentes.

A antropologia tem por objetivo estudar globalmente o homem, integrando os aspectos genético, físico, cultural e histórico, entre outros. Durante muito tempo, a antropologia procurou considerar essas diferenças para estabelecer classificações até traçar os contornos de grupos mais ou menos homogê-



Albaneses protestam em Pristina, na Iugoslávia, em novembro, pedindo libertação de presos na Sérvia: o conflito racial nos Balcãs provocou a pior guerra europeia dos anos 90

neos: as raças. Elas eram definidas em razão das características físicas transmissíveis. A análise se revela instável devido à importância dos intercâmbios genéticos entre grupos humanos - mais ou menos intensos, conforme a região e a época, mas que têm se multiplicado há séculos. Consequência deles é que as "raças" desapareceram, enquanto se iniciavam outras agrupações provisórias.

A contribuição capital da antropologia consiste na exposição pública de que o sentimento de superioridade que experimenta a maioria dos grupos se refere à sua cultura, não ao seu patrimônio biológico: são etnocêntricos, não racistas.

Como crença na superioridade natural de um grupo, o racismo é bem mais recente: desenvolveu-se paralelamente à expansão colonial dos europeus

e baseou sua explicação "científica" em uma extrapolação abusiva do darwinismo, o chamado darwinismo social. Após seu apogeu, durante o período nazista, sofreu um forte retrocesso.

No decorrer dos séculos, as teses racistas evoluíram em função das necessidades dos grupos dominantes. Geralmente apresentavam aspectos contraditórios, como no século XIX, quando se cultivavam os mitos do "bom selvagem" e do "civilizado perverso", e se praticava tranquilamente a escravidão.

Ao desafio trazido pela ressurreição do racismo, é necessário responder com uma vontade de diversificação de nossas sociedades, hoje realizável. Uma diversificação apoiada na ciência e na tecnologia, na cultura e, por último, na liberdade de que todos podem desfrutar.

(*Prensa Latina) ■

Corrupção ameaça democracias

Na ordem do dia, tanto em países de Primeiro quanto de Terceiro Mundo, a corrupção amplia cada vez mais sua cara, afetando o processo democrático, além de gerar enriquecimentos pessoais ilícitos

Jamesh Jaura

A ORGANIZAÇÃO NÃO-GOVERNAMENTAL (ONG) Transparência Internacional (TI), que vigia a corrupção mundial, expressou preocupação com o pagamento de propinas a partidos políticos em algumas democracias tidas como as mais desenvolvidas do planeta, e também nos países do Leste europeu. "As propinas constituem uma perigosa tendência que corrói a democracia. A atual onda de escândalos de corrupção na Europa não se deve à busca de enriquecimento pessoal, mas pretende influir na legislação e na atuação dos partidos políticos", alertou Peter Eigen, presidente do Conselho da TI, cuja sede é em Berlim.

Na Alemanha, por exemplo, o ex-chefe de governo Helmut Kohl se viu obrigado a renunciar à presidência honorária da União Democrata Cristã devido a um escândalo de financiamento ilícito do partido, que sacudiu a estrutura política do país. Eigen disse que este episódio originou uma crescente desilusão em relação ao processo democrático. "Em muitas democracias jovens, este problema é mais ameaçador. Devemos frear esta tendência", frisou.

Como passo concreto, a Transparência Internacional convoca as nações da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE) a proibirem os pagamentos de subornos



Helmut Kohl, pivô de escândalo alemão

a partidos políticos. Na opinião de Peter Eigen, a convenção da OCDE sobre Luta contra o Suborno de Funcionários Públicos em Transações Internacionais de Negócios não proíbe claramente o pagamento de fundos "negros" a partidos e funcionários.

Com sede em Paris, a OCDE reúne países que "compartilham os princípios da economia de mercado, a democracia pluralista e o respeito aos direitos humanos". Os 30 membros originais da entidade são os países ocidentais da Europa e América do Norte, seguidos por Japão, Austrália, Nova Zelândia e Finlândia.

Os últimos a aderirem ao grupo foram México, República Tcheca, Hungria, Polônia e Coréia do Sul.

Tráfico de influências

A Transparência Internacional deseja uma ação mais contundente da OCDE na aplicação das medidas recomendadas por especialistas internacionais reunidos recentemente em Florença, em um simpósio sobre esse assunto. Os técnicos exigem da organização a proibição total de propinas a partidos políticos e funcionários públicos.

A proibição também diz respeito ao pagamento de comissões ilegais para obter ou manter negócios e outras vantagens impróprias, assim como a drástica repressão do suborno a funcionários públicos estrangeiros. Os participantes da reunião de Florença também exigiram dos governos a adoção de uma ação mais eficaz para implementar esta proibição, em concordância com seus sistemas legais.

Em alguns países, essas medidas incluem a proibição contra o tráfico de influências, como contempla a Convenção Européia de Legislação Penal contra a Corrupção.

Para lograr maior transparência, os partidos políticos dos países signatários da convenção da OCDE estarão obrigados a apresentarem relatórios sobre as contribuições recebidas e as despesas efetuadas. As corporações também estarão obrigadas a tornar públicos seus aportes às organizações políticas.

A convenção anticorrupção da OCDE foi ratificada por 24 países que concentram grande parte das exportações mundiais. O Brasil é signatário, mas o Congresso Nacional ainda não ratificou a convenção.

Peter Eigen disse que lograr a adesão de mais países é uma tarefa prioritária da Transparência Internacional. Fundada em 1993, a ONG já conta com mais de 75 escritórios em todos os continentes. Sua tarefa não é investigar casos individuais de corrupção, mas dar ênfase à integridade dos sistemas para prevenir e combater mais eficazmente o problema. (IPS)

Esteja afinado com o seu tempo

POLÍTICA • CULTURA • ECONOMIA • EDUCAÇÃO • SAÚDE • COMUNICAÇÃO • ENTREVISTAS • INFÂNCIA • SOCIEDADE • MEIO AMBIENTE • EMPRESAS • NEGÓCIOS • LAZER
ESPORTE • ATUALIDADES • LIVROS • CIÊNCIA • ARTE • TRABALHO • JUSTIÇA • DIREITOS HUMANOS • GLOBALIZAÇÃO • HISTÓRIA • MERCOSUL • TURISMO • TECNOLOGIA



*A informação é um instrumento indispensável no século XXI.
Por isso, você precisa assinar nossas publicações.*

SIM, DESEJO ASSINAR (assinale com um x)

CADERNOS MERCOSUL ECOLOGIA E DESENVOLVIMENTO

Preço da assinatura (12 edições): R\$ 72,00

Minha opção de pagamento é:

À vista R\$ 60,00 (preço promocional por tempo limitado) ✂
 2 x R\$ 32,00 3 x R\$ 22,00 4 x R\$ 17,00

Pagarei da seguinte forma:

Boleto bancário (que será enviado ao meu endereço pelo correio)
 Cartão de Crédito: N°
 Validade: /

Meu nome:
 Endereço:
 Bairro: Cidade:
 Estado: Tel.: Fax:
 CEP: Profissão:
 Empresa: Setor:
 Data: / /

Assinatura

Preencha o cupom e mande pelo correio à Editora Terceiro Milênio.
Se preferir envie por Fax:

Fax: (0xx21) 252-8455

Ou faça seu pedido pela Internet:

e-mail: etm@etm.com.br
www.etm.com.br



Novo endereço:
 Rua Conde de Lages, 44
 Gr. 508 a 510 - Lapa
 Rio de Janeiro - RJ
 Brasil - CEP. 20241-080
Tel.:(0xx21) 221-7511



JÁ VIU UM JOGO ONDE TODO MUNDO GANHA?

Quando você tenta a sorte em um jogo da Loterj, pode estar mudando a sorte de muita gente. Agora ainda mais: o Governo do Estado estadualizou os bingos e passou a regulamentar, autorizar e controlar esta atividade através da Loterj. Isto significa aumentar em quase o dobro os recursos provenientes do bingo. Recursos para o desenvolvimento social do Estado do Rio. Aqui é assim: você sabe para onde vai o dinheiro do bingo. Agora mesmo, 900 casas populares estão sendo entregues no Trevo das Missões, um prêmio para quem sonhava com a casa própria. Este prêmio pode sair em muitas outras formas, como ambulâncias, reforma de escolas, o que for preciso para tornar melhor e mais digno o dia-a-dia de quem vive em nosso Estado. Loterj. Sorte de quem mora aqui.

GOVERNO DO ESTADO
RJ
RIO DE JANEIRO

Loterj